UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIDADE ACADÊMICA DE DESIGN
MESTRADO ACADÊMICO EM DESIGN

PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO

BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES

Campina Grande, PB
2026

PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO

BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Design da Universidade Federal de Campina Grande.

Linha de Pesquisa: Ergonomia, Ambiente e Processos

Orientador: Prof. Dr. Pablo Marcel de Arruda Torres

Financiamento: Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Campina Grande, PB
2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

M273b Melo, Pedrita Barreto Tavares de.

Briefing projetual em design de interiores residenciais: o uso de ferramentas digitais na personalização de ambientes / Pedrita Barreto Tavares de Melo. – 2026.

148 f. : il. color.

Dissertação (mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2026.

"Orientação: Prof. Dr. Pablo Marcel de Arruda Torres".

Referências.

1. Design de Interiores. 2. *Briefing* Projetual. 3. Projetos de Interiores Residenciais. 4. Inteligência Artificial Generativa. 5. Personalização de Ambientes. 6. Arquitetura. I. Torres, Pablo Marcel de Arruda. II. Título.

UFCG/BC CDU 7.05(043.3)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA ITAPUANA SOARES DIAS GONÇALVES CRB-15/93

PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO

BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Design da Universidade Federal de Campina Grande, Área de Concentração Design de Produtos, defendida e aprovada em 10 de agosto de 2026 pela Banca Examinadora.

Documento assinado digitalmente
gov.br
PABLO MARCEL DE ARRUDA TORRES
Data: 04/09/2026 16:50:22-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientador: Prof. Dr. Pablo Marcel de Arruda Torres
UFCG

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANGELICA DE SOUZA GALDINO ACIOLY
Data: 04/09/2026 13:08:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Membro Interno: Prof.ª Dra. Angélica de Souza Galdino Acioly
PPGDesign UFCG

Documento assinado digitalmente
gov.br
RAPHAELA CRISTHINA CLAUDINO MOREIRA
Data: 05/09/2026 11:29:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Membro Externo: Prof.ª Dra. Raphaela Cristhina Claudino Moreira
IFPB

Campina Grande,
PB 2026

“A casa é o nosso canto do mundo. Ela é,
como se diz, o nosso primeiro
universo. É um
verdadeiro cosmos.”

Gaston Bachelard 1958

Dedico esta dissertação a Deus, presença que ilumina e sustenta a minha vida.
A Mário, meu marido, pela parceria, pelo amor e pela presença em cada etapa.
A Miguel, meu filho, origem dos meus sonhos mais altos e da vontade de seguir sempre além.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, cuja condução esteve presente em cada etapa, guiando-me para onde eu precisava estar, ao lado das pessoas certas.

À minha família, minha maior inspiração. Ao meu marido, Mário, que apoia até meus planos mais improváveis e confia em mim quando eu mesma duvido. Ao nosso filho, Miguel, que me ensina todos os dias a ser melhor. À minha avó materna, Maria Nilcea *(in memoriam)*, que pacientemente tomava minhas lições na infância e formou a base sobre a qual todo o resto se construiu. À minha mãe, Maria Luisa, que me apresentou o valor do belo, da arte e do conhecimento desde criança. À minha irmã, Isadora, e ao meu cunhado, Marcus, pelo cuidado com nossa família. À Tânia Dornelas (*in memoriam*), referência de força, gentileza e generosidade. Às minhas tias Maria Angela e Vera Lúcia, que me acolheram no início do mestrado.

Aos amigos que deixaram marcas profundas. Ao Jussinando (*in memoriam*), companheiro central na graduação, presente nos desafios, nas descobertas e em tantos momentos que marcaram minha formação e minha juventude. Ao Dr. Ricardo Arruda, por acreditar na docência como parte de meu caminho. Ao Dr. Mário Toscano, pela escuta nos momentos de ansiedade. Ao Dr. Jackson Feitosa, por cuidar do meu sorriso, parte da minha identidade, com sensibilidade ao longo dos anos. À Flora Agra, de cujas conversas nasceram as primeiras inquietações desta pesquisa. E a Emília Veras e Yara Feitosa, que me acolheram no Rio de Janeiro durante as apresentações de trabalhos importantes na PUC Rio.

Minha trajetória acadêmica começou no IFPB, onde amadureci meu olhar projetual, e agradeço aos professores que me formaram naquele período. Já nesta etapa do mestrado, o IFPB voltou a ser parte do caminho: agradeço à professora Dra. Raphaela Cristhina Claudino Moreira, por integrar minha banca, e à professora Me. Karinna Ugulino de Araujo Maranhão, cujo acolhimento viabilizou o *workshop*, etapa essencial desta investigação.

Agradeço, ainda, aos clientes que ao longo dos últimos 17 anos confiaram a mim os seus espaços e as suas histórias. Foi escutando seus desejos, suas rotinas e seus modos de habitar que aprendi, na prática, o que esta pesquisa buscou compreender: que projetar um lar é, antes de tudo, interpretar quem o vive. Sem essa convivência, esta dissertação não teria encontrado seu ponto de partida.

À Thiego Brandão, com quem concluí a graduação em Design de Interiores, por me orientar no processo de seleção do mestrado, e cuja presença melhora a vida de quem está por

perto.

Destaco meu orientador, Dr. Pablo Marcel de Arruda Torres, que acreditou nesta pesquisa antes que ela ganhasse forma. Nossa relação foi de respeito, confiança e leveza, e admiro o compromisso com que conduz tudo a que se dedica.

Agradeço à professora Dra. Angélica de Souza Galdino Acioly por compor a banca examinadora e contribuir para a ampliação do meu olhar crítico; ao professor Dr. Wellington Gomes de Medeiros, pela elegância intelectual e humana; e ao professor Dr. Itamar Ferreira da Silva, pela condução na disciplina de Qualificação. Agradeço ainda às professoras Dra. Carla Patrícia de Araújo Pereira e Dra. Nathalie Barros da Mota Silveira, pelas trocas em suas disciplinas.

À Gil, da secretaria do Programa, pela disposição constante em resolver cada dúvida com rapidez e pela rara habilidade de facilitar o que poderia ser complicado, tornando o percurso administrativo do mestrado mais leve.

Aos parceiros acadêmicos Márcia Miyuko Yamaguchi, Matheus Ribeiro Leite Cunha e Ellen Silva Almeida, pelos diálogos generosos, e aos colegas de mestrado, pelos aprendizados compartilhados.

Ao final desta jornada, percebo que cada página desta dissertação carrega fragmentos das pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

RESUMO

O Design de Interiores contemporâneo tem valorizado abordagens projetuais centradas no usuário diante da crescente personalização dos ambientes residenciais e da incorporação de tecnologias digitais ao processo projetual. Nesse cenário, o *briefing* projetual assume papel estratégico como instrumento de consolidação das informações que, após levantadas, analisadas e sistematizadas, orientam as decisões espaciais, estéticas e experienciais. Esta pesquisa analisou a contribuição de ferramentas digitais de coleta, curadoria visual e sistematização mediada por inteligência artificial para a elaboração do *briefing* projetual em Design de Interiores residencial e para a personalização do ambiente habitado. A investigação adotou abordagem qualitativa de natureza interpretativista, desenvolvida como estudo de caso único em contexto acadêmico. O caso empírico correspondeu a um *workshop* prático com estudantes de Design de Interiores (EDI) e um usuário representante (UR), dedicado ao projeto de um dormitório residencial. A atividade contemplou o levantamento, a análise, a interpretação e a sistematização das informações do usuário para a elaboração da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, produzida com mediação de inteligência artificial. Com base nesse documento, os estudantes desenvolveram a proposta projetual, apresentada ao usuário para validação. Os procedimentos abrangeram questionário estruturado, painel de preferências, teste de estilos, observação direta e registros audiovisuais. A análise foi conduzida por triangulação de evidências, análise de conteúdo e análise composicional de imagens. Os resultados indicam que as ferramentas digitais e a inteligência artificial ampliaram a organização e a explicitação das informações do usuário na fase inicial do projeto, conferindo maior estabilidade às definições funcionais e espaciais do ambiente. As decisões relativas à atmosfera, à composição cromática e à experiência perceptiva permaneceram dependentes da interpretação humana, exercida pelo usuário e pelos estudantes ao longo do processo. Conclui-se que a inteligência artificial contribui para a sistematização das informações empregadas na concepção do projeto, mas não substitui a mediação humana na consolidação das decisões espaciais, dependente da experiência situada do habitar. O *briefing* confirma-se, assim, como instrumento flexível e não linear, no qual a tecnologia organiza as informações mais estáveis, enquanto a interpretação humana responde pelas dimensões perceptivas e simbólicas que sustentaram a personalização no contexto investigado.

Palavras-chave: *briefing* projetual; projetos de interiores residenciais; inteligência artificial generativa; personalização de ambientes.

ABSTRACT

Contemporary interior design has increasingly embraced user-centered design approaches in response to the growing emphasis on personalized residential environments and the incorporation of digital technologies into the design process. In this context, the project brief plays a strategic role as an instrument for consolidating information that, once gathered, analyzed, and systematized, informs spatial, aesthetic, and experiential decisions. This study examined the contribution of digital tools for data collection, visual curation, and artificial intelligence-mediated systematization to the development of the project brief in residential interior design and to the personalization of inhabited space. The study adopted a qualitative, interpretivist approach and was conducted as a single-case study in an academic setting. The empirical case consisted of a hands-on workshop involving interior design students and a representative user, focused on the design of a residential bedroom. The activity encompassed the gathering, analysis, interpretation, and systematization of user information to produce the Structured Synthesis of the Project Brief, with the support of artificial intelligence. Based on this document, the students developed a design proposal, which was presented to the user for validation. The procedures included a structured questionnaire, a preference board, a style test, direct observation, and audiovisual records. Data were analyzed through evidence triangulation, content analysis, and compositional image analysis. The results indicate that digital tools and artificial intelligence improved the organization and explicit articulation of user information during the initial phase of the project, lending greater stability to the functional and spatial definitions of the environment. Decisions concerning atmosphere, color composition, and perceptual experience, however, remained dependent on human interpretation by the user and students throughout the process. The findings indicate that artificial intelligence contributes to systematizing the information used in design conception but does not replace human mediation in consolidating spatial decisions, since such consolidation depends on the situated experience of inhabiting space. The project brief thus emerges as a flexible, non-linear instrument in which technology organizes the more stable layers of information, while human interpretation accounts for the perceptual and symbolic dimensions that underpinned personalization in the context investigated.

Keywords: project briefing; residential interior design projects; generative artificial intelligence; space customization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Delimitação da pesquisa 21
Figura 2 - Transformações históricas do espaço interior e suas implicações para o Design de Interiores 27
Figura 3 - Campo de atuação do Design de Interiores e recorte da pesquisa 29
Figura 4 - Metodologias para projetos de Design de Interiores e o posicionamento do *briefing* 34
Figura 5 - Evolução do conceito de *briefing* 37
Figura 6 - Posição do briefing no processo de projeto em Design de Interiores 40
Figure 7- Relação de dependência entre briefing e soluções projetuais 44
Figure 8 - Fragilidades operacionais do briefing na prática profissional 45
Figura 9 - Variáveis de uso e prioridades informacionais no briefing residencial 49
Figura 10 - Classificação funcional das ferramentas de coleta estruturada (questionário) 51
Figura 11 - Regimes de tratamento do repertório visual no briefing projetual em Design de Interiores 53
Figura 12 - Modelo de um painel de preferências do usuário 54
Figura 13 Síntese do teste de estilos fundamentada no princípio do picture-sorting 55
Figura 14 - Integração de ferramentas digitais e sistemas multimodais no briefing residencial..58
Figura 15 - Síntese da caracterização metodológica da pesquisa 61
Figura 16 - Fluxo analítico de elaboração do briefing projetual com mediação de ferramentas digitais e inteligência artificial 62
Figura 17 - Delineamento metodológico, caso empírico e unidade de análise da pesquisa 64
Figura 18 - Estrutura metodológica do workshop e produção das evidências empíricas 65
Figura 19 - Levantamento das informações do usuário com uso de ferramentas digitais e discussões coletivas. 71
Figura 20 - Apresentação da proposta de projeto pelos estudantes ao usuário 72
Figura 21 - Procedimentos de análise dos dados e integração das evidências empíricas 73
Figura 22 - Matriz interpretativa para análise das evidências empíricas 74
Figura 23 - Síntese do percurso metodológico da pesquisa 77
Figura 24 - Estrutura analítica do estudo de caso 80
Figura 25 - Operacionalização analítica do estudo de caso: relações entre entradas, processos de transformação e evidências produzidas no workshop 81
Figura 26 - Síntese dos resultados do questionário *online* respondido pelo usuário 84
Figura 27 - Painel de preferências elaborado pelo usuário durante o workshop 85

Figura 28 - Usuário utilizando cartões físicos no teste de estilos durante a atividade 88
Figura 29 - Estilos principais selecionados pelo usuário.....89
Figura 30 - Estilos secundários selecionados pelo usuário 90
Figura 31 - Síntese das escolhas do usuário no teste de estilos.....90
Figura 32 - Integração interpretativa das evidências do usuário 92
Figura 33 - Organização das evidências para sistematização mediada.....94
Figura 34 - Estrutura da Síntese Estruturada do Briefing projetual 95
Figura 35 - Estabilizações interpretativas da Síntese Estruturada do Briefing Projetual 96
Figura 36 - Tensão cromática e validação perceptiva das cores 97
Figura 37 - Inferências operacionais identificadas na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual98
Figura 38 - Fragilidades da Síntese Estruturada do Briefing Projetual.....99
Figura 39 - Hierarquização do uso das informações da Síntese Estruturada do Briefing Projetual conforme as necessidades do desenvolvimento projetual 101
Figura 40 - Desenvolvimento do processo projetual durante as atividades do 1º e 2º dias..... 102
Figura 41 - Tradução das premissas de layout e mobiliário na organização espacial do dormitório..... 103
Figura 42 - Tradução das referências de estilos e composição visual no dormitório 104
Figura 43 - Tradução do perfil do usuário no dormitório..... 105
Figura 44 - Tradução da materialidade e dos acabamentos no dormitório 106
Figura 45 - Tradução e adaptação das escolhas cromáticas no dormitório..... 107
Figura 46 - Síntese analítica do processo de tradução projetual 108
Figura 47 - Permanências identificadas na tradução projetual do dormitório 109
Figura 48 - Reinterpretações projetuais identificadas durante o desenvolvimento do dormitório 110
Figura 49 - Deslocamentos identificados na tradução projetual do dormitório..... 112
Figura 50 - Síntese da validação perceptiva da proposta apresentada 113
Figura 51 - Síntese das verbalizações do usuário durante a apresentação da proposta 114
Figura 52 - Verbalizações dos estudantes sobre utilização das ferramentas digitais no workshop 115
Figura 53 - Síntese das verbalizações dos estudantes nos formulários pós-workshop..... 116
Figura 54 - Níveis de estabilidade das informações ao longo do percurso projetual 117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atribuições do Designer de Interiores.....28
Quadro 2 - Fases da metodologia em projetos de Design de Interiores.....31
Quadro 3 - Resumo das principais fases de um projeto 32
Quadro 4 - Passos do processo de projeto de interiores 33
Quadro 5 - Síntese das definições de *briefing* adotadas na pesquisa 38
Quadro 6 - Principais conteúdos dos tópicos básicos do *briefin*g.....41
Quadro 7 - Principais elementos do briefing para projetos de interiores.....42
Quadro 8 - Variações do conteúdo de informações do *briefing* segundo tipologias residenciais46
Quadro 9 - Painéis visuais no processo de elaboração do briefing em Design de Interiores residencial 56
Quadro 10 - Fontes de evidência, tipos de dados e momentos de coleta.....66
Quadro 11 - Sistematização da etapa preparatória da pesquisa.....67
Quadro 12 - Caracterização formativa e técnica dos participantes no momento do *workshop* ...69
Quadro 13 - Categorias analíticas do eixo de interpretação das informações do usuário 82

LISTA DE SIGLAS

COVID-19	Coronavirus Disease 2019
EDI	Estudantes de Design de Interiores
IA	Inteligência Artificial
IFPB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
MEC	Ministério da Educação
TAF	Termo de Autorização Fotográfica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAD	Unidade Acadêmica de Design
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UR	Usuário Representante

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS 17

1.1 Introdução 17

1.2 Objetivos 19

1.2.1 Objetivo Geral 19

1.2.2 Objetivos específicos 19

1.3 Justificativa 19

1.4 Delimitação da Pesquisa 21

1.5 Estrutura da Dissertação 23

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO 25

2.1 Design de Interiores residencial: contextualização e práticas 25

2.1.1 Consolidação disciplinar e prática profissional 26

2.1.2 Especificidades do processo projetual 29

2.1.3 Metodologias de projeto em Design de Interiores e o papel do *briefing* 30

2.2 *Briefing* em projetos de Design 35

2.2.1 História e evolução 36

2.2.2 Definição e função no processo projetual 38

2.2.3 Estrutura do *briefing*: modelos, limitações e implicações operacionais 41

2.2.4 *Briefing* em Design de Interiores residencial: especificidades tipológicas 45

2.3 Ferramentas digitais 49

2.3.1 Coleta de dados estruturados 50

2.3.2 Repertório e curadoria visual 52

2.3.3 Processamento multimodal e inteligência artificial generativa 57

CAPÍTULO III - MÉTODOS E TÉCNICAS 60

3.1 Caracterização da Pesquisa 60

3.2 Delineamento do estudo de caso e unidade de análise 61

3.3 Estrutura do *workshop* e instrumentos da pesquisa 64

3.3.1 Preparação 66

3.3.2 Execução do *workshop* e a coleta de dados 70

3.3.2.1 Procedimentos operacionais da execução do *workshop* 71

3.3.3 Pós-*workshop* e organização do *corpus* 72
3.4 Procedimentos de análise de dados 72
3.4.1 Interpretação das informações do usuário 74
3.4.2 Sistematização das informações para a elaboração do *briefing* projetual 75
3.4.3 Tradução projetual das diretrizes 76
3.4.4 Validação e experiência do usuário 76
3.4.5 Integração das evidências 77
3.5 Declaração de uso de ferramentas de inteligência artificial generativa 78

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÕES 79

4.1 Interpretação das informações do usuário 82
4.1.1 Clareza e objetividade dos dados estruturados: questionário *online* 83
4.1.2 Interpretação visual das preferências do usuário: painel de preferências 85
4.1.3 Ambiguidade e sobrecarga informacional: teste de estilos 87
4.1.4 Interpretação das informações do usuário 91
4.2 Sistematização mediada por Inteligência Artificial 92
4.2.1 Estruturação do processo de sistematização mediada por IA 93
4.2.2 Estruturação do *briefing* projetual do dormitório 94
4.2.3 Limites interpretativos da sistematização mediada pela IA (*prompt*) 98
4.3 Sistematização das informações para o briefing projetual 100
4.3.1 Organização do processo de tradução projetual 101
4.3.2 Tradução das premissas em soluções espaciais 103
4.3.3 Permanências, reinterpretações e deslocamentos projetuais 107
4.3.3.1 Permanências 109
4.3.3.2 Reinterpretações 110
4.3.3.3 Deslocamentos 111
4.4 Validação e experiência do usuário 112
4.4.1 Experiência dos participantes, facilidades e limites observados 114
4.5 Integração das evidências 117

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES 119

5.1 Síntese dos resultados 119
5.2 Objetivos e resultados 120
5.3 Contribuições de pesquisa 122

5.4 Limitações da pesquisa e perspectivas futuras 123
5.5 Considerações finais 124

REFERÊNCIAS 126

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP 130

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE) .. 134

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO FOTOGRÁFICA (TAF) 140

APÊNDICE C – APOSTILA DO *WORKSHOP* 141

APÊNDICE D – GUIA DO *WORKSHOP* 142

APÊNDICE E – CRONOGRAMA DO *WORKSHOP* 143

APÊNDICE F – PROTOCOLO DE SISTEMATIZAÇÃO (*PROMPT*) 144

APÊNDICE G – SÍNTESE ESTRUTURADA DO BRIEFING PROJETUAL DO DORMITÓRIO 145

APÊNDICE H – MODELO DE ENTREVISTA COM PARTICIPANTES PÓS-*WORKSHOP* 146

APÊNDICE I – MODELO ENTREVISTA ESTUDANTES PÓS-*WORKSHOP* 147

APÊNDICE J – MODELO ENTREVISTA USUÁRIO PÓS-*WORKSHOP* 148

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Projetar um ambiente residencial é, antes de traçar linhas e definir materiais, compreender quem o habita. Essa compreensão depende da qualidade com que as informações do usuário são levantadas, organizadas e interpretadas nas etapas iniciais do projeto, momento em que o *briefing* assume papel decisivo. Este capítulo situa o tema da pesquisa, apresenta o problema que a motiva e delimita o percurso da investigação, estabelecendo as bases sobre as quais os capítulos seguintes se desenvolvem.

1.1 Introdução

O processo projetual em Design de Interiores estrutura-se por meio de procedimentos técnicos voltados à delimitação do problema, ao levantamento de dados do usuário, do espaço físico e do contexto de uso, bem como à tradução desses elementos em requisitos espaciais. A consistência dessas etapas resulta da definição prévia de métodos de coleta, registro e interpretação dessas informações, cujos resultados orientam a definição do conceito e a formulação das premissas que fundamentam o desenvolvimento das soluções projetuais, apresentadas posteriormente ao usuário para validação.

No campo do Design, Phillips (2012) define o *briefing* como o instrumento formal de consolidação das informações produzidas na investigação inicial do projeto, alinhando as decisões projetuais às demandas do usuário. Essa consolidação vai além da identificação de requisitos funcionais: envolve organizar dados sobre o contexto, as restrições e as expectativas de quem habitará o espaço, tratá-los analiticamente e convertê-los em parâmetros verificáveis, que passam a operar como matriz de referência para as decisões subsequentes.

Bertão *et al*. (2022) observam que as informações sistematizadas no *briefing* também abrangem dimensões emocionais e cognitivas do usuário, camadas que escapam aos levantamentos convencionais e que participam diretamente da qualidade da solução. É nesse sentido que Moraes e Alonge (2019) o compreendem como formalização do problema projetual: o momento em que informações sobre o usuário deixam de ser impressões dispersas e ganham registro sistemático. Esse registro, como detalham Rui e Firzan (2025), compreende particularidades, hábitos, repertórios culturais e condições socioeconômicas que influenciam a experiência do ambiente projetado.

A personalização em projetos de Design de Interiores residenciais refere-se ao processo de concepção do espaço voltado à compreensão das necessidades emocionais, específicas e práticas dos usuários, estabelecendo uma relação simbólica e funcional entre o indivíduo e o local em que habita (Abdelazeem, 2023). Nessa perspectiva, o lar pode ser entendido como suporte material de memórias, significados e experiências pessoais, constituindo referência espacial de proteção, intimidade e reconhecimento identitário (Robinson; Pallasmaa, 2021). De modo convergente, a teoria das "cinco peles", discutida por Koppe (2019) a partir das proposições do artista Hundertwasser, posiciona a habitação como a terceira camada na constituição do indivíduo, associando o espaço doméstico à formação da identidade pessoal e à mediação das relações entre sujeito, cultura e ambiente.

As transformações nas dinâmicas do habitar, intensificadas durante e após a pandemia da COVID-19, ampliaram a demanda por ambientes residenciais capazes de acomodar múltiplas atividades cotidianas, como trabalho, lazer e convivência doméstica. Nesse contexto, a personalização passou a assumir papel estratégico no Design de Interiores residencial, exigindo maior precisão na etapa em que as informações do usuário são levantadas e interpretadas.

A evolução das tecnologias digitais ampliou as formas de comunicação e representação empregadas no processo projetual, promovendo maior interação entre designers e usuários. Inicialmente restrita a desenhos técnicos e representações bidimensionais, essa comunicação passou a incorporar recursos visuais e interativos associados a *softwares* de modelagem, simulação e visualização espacial. Recursos como inteligência artificial (IA), realidade aumentada e sistemas digitais de personalização têm sido integrados a diferentes etapas do processo projetual em Design de Interiores. No caso da IA, aplicações orientadas pelo processamento de dados e pelo aprendizado de máquina ampliam as possibilidades de organização, interpretação e sistematização de informações relacionadas às preferências e aos comportamentos dos usuários, especialmente em atividades de coleta, análise e estruturação inicial das diretrizes do projeto (Feng; McDonald, 2023).

O estudo de novas abordagens capazes de qualificar o levantamento, a análise e a sistematização das informações destinadas à elaboração do *briefing* projetual mostra-se relevante diante da complexidade de compreender as demandas dos usuários e as condicionantes do espaço físico. O uso de ferramentas digitais ao longo desse percurso pode favorecer maior consistência na organização e na interpretação das informações, contribuindo para que as decisões projetuais sejam fundamentadas em necessidades funcionais, referências perceptivas e condicionantes técnicas do ambiente residencial.

Assim, esta pesquisa propõe-se a responder à seguinte questão: como as ferramentas

digitais contribuem para a elaboração de um *briefing* projetual voltado à personalização em projetos de Design de Interiores residenciais?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Apresentar as contribuições do uso de ferramentas digitais voltadas ao registro de informações escritas e visuais do usuário para a elaboração do *briefing* projetual orientado à personalização de ambientes em projetos residenciais de Design de Interiores.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar a função do *briefing* projetual no Design de Interiores;
- Mapear as ferramentas digitais de coleta de informações escritas, curadoria visual e sistematização mediada por inteligência artificial aplicáveis à elaboração do *briefing* projetual;
- Examinar, em contexto empírico, as relações entre os participantes e as ferramentas digitais no levantamento, na análise e na sistematização das informações destinadas à elaboração do *briefing* projetual;
- Identificar os principais desafios, limitações e aspectos facilitadores associados à utilização prática das ferramentas digitais na elaboração do *briefing* projetual.

1.3 Justificativa

O projeto personalizado de um lar depende da interpretação das experiências, rotinas e valores que configuram a relação entre o usuário e o ambiente doméstico. No Design de Interiores residencial, o levantamento das informações constitui o momento inicial do processo projetual, no qual necessidades, hábitos e aspirações são identificados, analisados e posteriormente sistematizados no *briefing*. Ching e Binggeli (2019) destacam que planejar um espaço é, antes de tudo, compreender as dinâmicas e particularidades de quem o habita. Captar a dimensão subjetiva dessas vivências, como gostos, emoções e rituais domésticos, é, entretanto, um desafio complexo, frequentemente limitado pelos métodos tradicionais de questionários e

entrevistas. Essas dimensões pessoais manifestam-se nas escolhas de cores, materiais e estilos, que expressam identidades e exigem instrumentos capazes de traduzi-las em parâmetros claros para o desenvolvimento das propostas (Grimley; Love, 2014). Diante desse desafio, torna-se necessário investigar estratégias que qualifiquem a coleta, a organização e a interpretação dessas informações durante o levantamento e a análise que antecedem a elaboração do *briefing* projetual.

Apesar da relevância atribuída a essas atividades iniciais, observa-se uma lacuna nos estudos que investigam, de forma aplicada e sistematizada, o uso de recursos digitais no levantamento das informações e na elaboração do *briefing* de projetos de interiores residenciais. As abordagens concentram-se em métodos tradicionais de levantamento das informações do usuário, com poucas análises sobre instrumentos digitais capazes de estruturar a comunicação entre designer e usuário e de organizar preferências, estilos de vida e expectativas espaciais. Na prática profissional, essa carência tem efeitos documentados: a dispersão das informações, a ausência de hierarquização e os registros incompletos comprometem a conversão das necessidades do usuário em requisitos verificáveis e aumentam a recorrência de retrabalho (Mostardeiro; Bernardes; Teixeira, 2019). Investigar a aplicação de recursos digitais no levantamento das informações e na elaboração do *briefing* projetual configura-se, portanto, como um caminho que pode contribuir para qualificar as etapas que fundamentam todas as decisões subsequentes do projeto.

Do ponto de vista científico, o estudo justifica-se pela necessidade de sistematizar os procedimentos aplicados às etapas iniciais do processo projetual, dimensão que a literatura reconhece como central, mas descreve com baixo detalhamento operacional. Higgins (2015) observa que o planejamento em Design de Interiores envolve a identificação, a organização e a interpretação das necessidades do usuário, transformando informações funcionais e espaciais em definições que orientam o desenvolvimento do projeto. Ao examinar empiricamente como ferramentas digitais e inteligência artificial participam dessa transformação, a pesquisa produz evidências sobre um processo que, na prática profissional, permanece restrito a interações privadas e pouco documentadas, oferecendo subsídios para a consolidação de procedimentos mais estruturados de levantamento, análise do processo de elaboração do *briefing* projetual.

Sob os aspectos profissional e social, a investigação contribui para a ampliação dos meios de expressão do usuário, o aprimoramento da comunicação entre designer e cliente, a rastreabilidade das informações que fundamentam as decisões e, como consequência, a maior aderência entre a proposta desenvolvida e as necessidades levantadas, com redução de retrabalho e otimização de tempo e de recursos. Adicionalmente, por ter sido conduzida em

ambiente de formação acadêmica, a pesquisa oferece subsídios secundários para a reflexão sobre o preparo de futuros profissionais no levantamento, na análise e na elaboração do *briefing* projetual.

Ao articular fundamentação teórica, experimentação prática e análise crítica, o estudo avança na compreensão do processo de elaboração do *briefing* em Design de Interiores residencial e contribui para a estruturação de práticas projetuais fundamentadas em evidências e sensíveis às particularidades de quem habita o espaço.

1.4 Delimitação da Pesquisa

Esta pesquisa delimita-se ao processo de elaboração do *briefing* projetual em Design de Interiores residenciais, com foco em ferramentas digitais voltadas à personalização dos espaços. A delimitação organiza-se em cinco recortes complementares: temático, tipológico, contextual, temporal e de escopo. A Figura 1 apresenta esses recortes, detalhados a seguir.

Figura 1 - Delimitação da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

No recorte temático, a investigação concentra-se na etapa inicial do processo projetual, na qual as informações do usuário são coletadas, organizadas e interpretadas, e abrange três frentes de mediação digital: as plataformas de coleta estruturada de dados, os ambientes de compartilhamento e curadoria de imagens em contexto *online* e os recursos de sistematização

mediados por inteligência artificial generativa. Ficam fora do escopo as etapas posteriores do processo de projeto, como o detalhamento técnico, o projeto executivo e a gestão da execução, bem como o exame de ferramentas digitais voltadas exclusivamente à representação ou à modelagem, cujo papel na pesquisa é apenas instrumental.

Quanto ao recorte tipológico, a investigação restringe-se ao contexto residencial, no qual a centralidade do usuário e a predominância de informações qualitativas intensificam a complexidade do levantamento e da análise das informações que antecedem a elaboração do *briefing* projetual. Dentro desse universo, adotou-se um dormitório como ambiente-tipo de simulação projetual, por concentrar, em escala reduzida, as variáveis funcionais, perceptivas e simbólicas características do habitar. Não são investigadas as demais tipologias de intervenção do campo, como projetos comerciais, corporativos, institucionais ou de caráter temporário, nas quais os regimes de uso e os critérios decisórios assumem configurações distintas.

O recorte contextual situa o estudo em um *workshop* acadêmico realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), durante o evento Pulsar no ano de 2025**.** Por se tratar de uma oficina com inscrições abertas, a composição do grupo decorreu da adesão voluntária dos participantes, sem seleção prévia quanto ao curso, ao período acadêmico ou ao domínio de ferramentas de modelagem tridimensional. Um dos inscritos, estudante de Administração, assumiu o papel de usuário representante, enquanto os demais constituíram o grupo responsável pelo desenvolvimento projetual, formado por estudantes e egressos do curso de Design de Interiores e um estudante de Arquitetura e Urbanismo. O IFPB corresponde, portanto, ao contexto institucional de realização da atividade, não implicando vínculo homogêneo de todos os participantes com a instituição. Esse recorte delimita o alcance dos resultados ao contexto de uma oficina acadêmica estruturada, distinto da prática profissional em escritório, na qual incidem variáveis comerciais, contratuais e relacionais não contempladas no estudo.

Na delimitação temporal da literatura, consideraram-se publicações divulgadas entre 2018 e 2025, período que concentra a consolidação das ferramentas digitais de coleta e curadoria e a emergência dos sistemas de inteligência artificial generativa aplicados ao projeto. Foram incluídas também obras clássicas e seminais do campo, mobilizadas por sua contribuição conceitual e permanência como referências estruturantes para a compreensão do objeto.

Por fim, o recorte de escopo encerra a investigação na etapa de apresentação e validação da proposta projetual junto ao usuário. Não integram a pesquisa a execução física do ambiente, a avaliação pós-ocupação ou a verificação do desempenho do espaço construído, uma vez que o objeto de análise é o processo de transformação das informações, e não o resultado edificado.

1.5 Estrutura da Dissertação

Capítulo I – Apresenta as Considerações Iniciais que contextualizam o tema, situando o *briefing* projetual como instrumento elaborado a partir do levantamento, da análise e da sistematização das informações do usuário e destinado a orientar as decisões no processo de projeto em Design de Interiores residenciais. Aborda, ainda, o emprego de ferramentas digitais como possibilidade de qualificação desse percurso. O capítulo formula a questão de pesquisa, apresenta os objetivos geral e específicos, expõe a justificativa em suas dimensões científica, profissional e social e delimita o estudo em seus recortes temático, tipológico, contextual, temporal e de escopo.

Capítulo II – Constrói o Referencial Teórico, organizado em três eixos conceituais. O primeiro contextualiza o Design de Interiores, percorrendo sua consolidação disciplinar, as especificidades do contexto residencial diante das diferentes tipologias habitacionais e as metodologias que estruturam o processo projetual. O segundo aprofunda o processo de elaboração do *briefing*, desde a origem e evolução do conceito até sua definição, estrutura e função, com atenção às particularidades impostas pelo contexto residencial ao instrumento. O terceiro examina as ferramentas digitais aplicáveis ao levantamento, à organização, à análise e à sistematização das informações, organizadas segundo suas funções: coleta estruturada de dados, curadoria do repertório visual e processamento multimodal baseado em inteligência artificial generativa.

Capítulo III – Descreve os Métodos e Técnicas empregados na investigação, apresentando o percurso metodológico em quatro movimentos: a caracterização da pesquisa quanto à natureza, à abordagem, aos objetivos e à estratégia; o delineamento do estudo de caso, com a definição do caso empírico e da unidade de análise; a estrutura do *workshop* adotado como contexto de produção das evidências, com suas etapas de preparação, execução e pós-atividade e os instrumentos empregados; e os procedimentos de organização do *corpus* e de análise dos dados, articulados por uma matriz interpretativa.

Capítulo IV – Apresenta e discutir os Resultados, que reúnem as evidências produzidas no estudo de caso, organizadas conforme os eixos analíticos estabelecidos no capítulo anterior. A exposição acompanha o percurso das informações do usuário, desde o levantamento e a análise até sua sistematização no *briefing*, sua tradução em diretrizes projetuais e a posterior validação da proposta, examinando as relações entre usuário, estudantes, ferramentas digitais e inteligência artificial ao longo desse processo. O capítulo encerra-se com a síntese das percepções dos participantes acerca das contribuições e dos limites dessas ferramentas.

Capítulo V – Apresenta as Conclusões da investigação, que retoma a questão de pesquisa e os objetivos, sintetiza os principais achados e os discute à luz do referencial teórico. O capítulo apresenta as contribuições teóricas, metodológicas e práticas do estudo para o Design de Interiores residencial, reconhece as limitações da investigação e indica caminhos para pesquisas futuras.

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a investigação, organizados em três eixos. O primeiro contextualiza o Design de Interiores e as metodologias que estruturam seu processo projetual, delimitando as especificidades do contexto residencial. O segundo examina o *briefing* em projetos de design, de sua origem e evolução à sua definição, estrutura e função no processo. O terceiro discute as ferramentas digitais aplicáveis ao levantamento, à análise e à sistematização das informações para a elaboração do *briefing* projetual, das plataformas de coleta e curadoria visual aos sistemas baseados em inteligência artificial generativa. A articulação desses eixos fundamenta a compreensão do *briefing* como instrumento de consolidação das informações do usuário, foco desta pesquisa.

2.1 Design de Interiores residencial: contextualização e práticas

O Design de Interiores configura-se como prática projetual que investiga, organiza e materializa as condições espaciais a partir da relação entre corpo, ambiente construído e experiência espacial. Sua atuação não se restringe à disposição formal de elementos, orientando modos de ocupação, permanência e apropriação do espaço interior. Ao articular mobiliário, objetos, componentes construtivos, controle da luz, cores, texturas e proporções espaciais, o projeto compõe um sistema integrado de variáveis técnicas e simbólicas.

Nessa perspectiva, o interior pode ser compreendido como um ecossistema projetual, no qual a leitura qualificada das necessidades dos usuários e das condições físicas do espaço antecede e condiciona a definição das soluções. Gibbs (2010) caracteriza o Design de Interiores como prática que integra investigação inicial, concepção e desenvolvimento técnico em um percurso contínuo. Essa articulação evidencia o papel estruturante da definição do problema projetual, responsável por delimitar os parâmetros técnicos, funcionais e conceituais que orientam as decisões subsequentes. Quando essa etapa é tratada de forma superficial, o processo tende a se deslocar para soluções formais, dissociadas das dinâmicas reais de uso e das dimensões simbólicas da experiência doméstica. Compreender como as informações iniciais são coletadas, organizadas e interpretadas torna-se, portanto, condição metodológica central, sobretudo em contextos residenciais nos quais variáveis funcionais, afetivas e culturais se sobrepõem e desafiam abordagens baseadas exclusivamente em critérios compositivos.

Essa condição decorre da própria natureza do campo, cuja atuação ultrapassa a resolução técnica de problemas espaciais e envolve a interpretação das formas de uso, apropriação e experiência do ambiente doméstico. Ching e Binggeli (2019) observam que os ambientes internos atendem às necessidades básicas de abrigo e proteção, ao mesmo tempo em que constituem o cenário das atividades cotidianas e influenciam o modo como se desenvolvem. Para os autores, os espaços interiores expressam aspirações, valores e ideias associados às ações humanas e afetam percepções, estados emocionais e aspectos da personalidade.

A partir dessas bases, examina-se a seguir a constituição histórica do Design de Interiores e sua consolidação como prática projetual autônoma, a fim de delimitar as especificidades do contexto residencial e as metodologias que estruturam o processo de projeto.

2.1.1 Consolidação disciplinar e prática profissional

A configuração dos espaços internos acompanha a história das formas de habitar. Desde as primeiras estruturas destinadas ao abrigo, o interior delimitou territórios de proteção, convivência e realização das atividades cotidianas. Com o desenvolvimento das civilizações, esses espaços incorporaram valores simbólicos, hierarquias sociais e concepções estéticas, articulando função e representação. Pile (2005) observa que, nas tradições clássicas e medievais, a organização dos interiores estruturava rotinas domésticas, relações de privacidade e expressões de status.

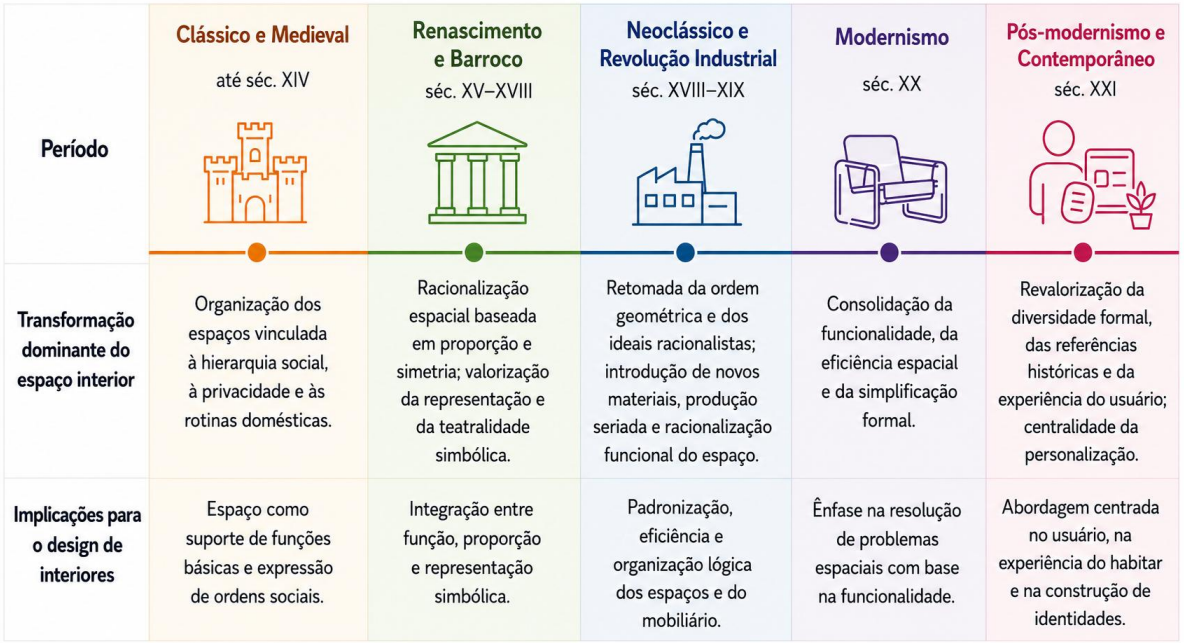
Entre os séculos XV e XIX, o espaço interior passou por transformações culturais, técnicas e ideológicas que reorganizaram as formas de habitar e representar o ambiente doméstico. O Renascimento introduziu princípios de racionalização espacial fundamentados em proporção, simetria e referências clássicas (Pile, 2005). O Barroco enfatizou a dimensão simbólica e representativa dos interiores, associando-os à teatralidade política e religiosa. O Neoclassicismo retomou a ordem geométrica e os ideais racionalistas do Iluminismo, reduzindo a expressividade ornamental em favor de maior regularidade compositiva (Sparke, 2008).

A Revolução Industrial trouxe novos materiais, técnicas construtivas e produção seriada, ampliando a padronização do mobiliário e a racionalização funcional do espaço doméstico. No século XX, o Modernismo consolidou princípios de funcionalidade, eficiência espacial e simplificação formal, enquanto as abordagens pós-modernas reintroduziram pluralidade estética, referências históricas e dimensões simbólicas do espaço interior (Pile, 2005).

No início do século XXI, o campo incorporou de forma mais explícita a centralidade da

experiência do usuário, da personalização e das tecnologias digitais no processo projetual. Robinson e Pallasmaa (2021) interpretam o interior como extensão da experiência humana, articulando dimensões físicas, simbólicas e perceptivas, e Grimley e Love (2014) compreendem o ambiente interno como resultado da interação entre função, atmosfera e identidade. A literatura contemporânea converge, assim, para a compreensão do espaço interior como fenômeno experiencial complexo, que envolve simultaneamente variáveis técnicas, funcionais e simbólicas. Esse percurso histórico (Figura 2) sustenta a consolidação do Design de Interiores como disciplina projetual autônoma, progressivamente dissociada da tradição decorativa e orientada à resolução de problemas espaciais.

Figura 2 - Transformações históricas do espaço interior e suas implicações para o Design de Interiores



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Pile (2005) e Sparke (2008).

Ao longo dos séculos XX e XXI, a consolidação do campo acompanhou a incorporação de tecnologias de representação, a sistematização dos procedimentos projetuais e a investigação das necessidades dos usuários como base para a tomada de decisões, estruturando práticas fundamentadas em investigação, síntese e decisão.

A literatura pouco se aprofunda nos procedimentos metodológicos que organizam a coleta, a hierarquização e a validação das informações que fundamentam a definição do problema projetual. Essa lacuna evidencia a necessidade de examinar com maior precisão os instrumentos empregados nas etapas iniciais do processo. Lawson (2005) argumenta que a clareza na formulação inicial do problema condiciona a consistência das soluções desenvolvidas

ao longo do percurso projetual, o que se reflete também em responsabilidades concretas distribuídas pelo desenvolvimento do projeto. Na prática profissional, esses mecanismos organizam-se em processos de investigação, síntese e tomada de decisão. O conjunto de atribuições sistematizado por Gibbs (2010) demonstra que a atuação do designer de interiores inicia-se na análise das demandas do cliente e se desdobra até a implementação da proposta (Quadro 1).

Quadro 1 - Atribuições do Designer de Interiores

1. Analisa as necessidades do cliente, seus objetivos e as exigências de segurança e de estilo de vida;
2. Relaciona suas conclusões ao conhecimento técnico como designer de interiores;
3. Formula conceitos preliminares de design que sejam adequados, funcionais e estéticos;
4. Desenvolve e apresenta recomendações finais de design por meio de mídias apropriadas para apresentação;
5. Elabora o projeto executivo e as especificações de elementos construtivos não estruturais, materiais, acabamentos, *layout*, mobiliário, instalações e equipamentos;
6. Colabora com profissionais qualificados das áreas técnicas de mecânica, elétrica e cálculo estrutural, conforme as normas de aprovação de projetos dos órgãos competentes;
7. Organiza e administra orçamentos e contratos como representante do cliente;
8. Revisa e avalia as soluções de design durante a implementação, até a sua finalização.

Fonte: Gibbs (2010).

No contexto brasileiro, a profissão foi reconhecida pela Lei nº 13.369/2016, que regulamenta a atuação do designer de interiores na elaboração e organização de espaços internos. A legislação contribui para a consolidação institucional da área e para a delimitação de responsabilidades profissionais, situando a prática entre as atividades projetuais regulamentadas.

Em seu campo de atuação, o Design de Interiores abrange diferentes tipologias de intervenção, cada uma definida por condições específicas de uso, permanência e relação entre usuários e ambiente. No projeto residencial, essas condições assumem relevância particular devido à ocupação contínua do espaço e à recorrência das práticas cotidianas, o que incide diretamente sobre o levantamento, a organização e a interpretação das informações iniciais.

2.1.2 Especificidades do processo projetual

As intervenções espaciais nos espaços internos podem ser classificadas conforme a natureza do programa de uso e a duração da ocupação, abrangendo projetos residenciais, comerciais, institucionais e corporativos, além de intervenções temporárias como cenografia, eventos, feiras, vitrinismo e exposições ou museografia, nas quais a variável temporal é determinante do processo projetual (Figura 3).

Figura 3 - Campo de atuação do Design de Interiores e recorte da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Grimley e Love (2014) observam que a distinção entre ambientes de permanência contínua e espaços de uso transitório implica diferenças nos ciclos de utilização, na resistência exigida dos materiais e nos níveis de adaptabilidade funcional. O regime de permanência não constitui, portanto, apenas categoria formal, mas condicionante técnico que impacta as decisões espaciais, o orçamento, a especificação construtiva e o planejamento executivo.

Projetos comerciais e institucionais, marcados por alta rotatividade e uso intensivo, requerem materiais com elevada resistência à abrasão, manutenção facilitada e conformidade com as normas de segurança e acessibilidade, contexto em que os critérios de desempenho técnico e de viabilidade econômica assumem prioridade. As intervenções residenciais, por outro lado, apresentam maior grau de personalização, já que o usuário final costuma ser também o agente decisório, influenciando diretamente a alocação de recursos entre setores e acabamentos.

No âmbito residencial, a ocupação contínua é condição estruturante do processo projetual. A unidade doméstica concentra atividades recorrentes de repouso, preparo de

alimentos, trabalho e convivência, estabelecendo padrões relativamente estáveis de uso. A distribuição dos ambientes, a hierarquia setorial, as relações de circulação e os níveis de privacidade configuram variáveis técnicas que exigem a compatibilização entre dimensões físicas, rotinas de uso e requisitos ergonômicos convertidos em parâmetros verificáveis.

Ching e Binggeli (2019) destacam que o planejamento do espaço interior depende da análise das relações entre setores funcionais e padrões de ocupação, das quais dependem as exigências de proximidade, isolamento e continuidade espacial. O projeto residencial é, assim, condicionado por variáveis morfológicas, técnicas e comportamentais que incidem ao mesmo tempo sobre a organização espacial, a especificação material e a gestão de recursos, condição que o distingue de outras naturezas programáticas e fundamenta sua delimitação como recorte analítico deste estudo.

Ainda que a especificidade do contexto residencial e a centralidade do usuário na formulação do programa de necessidades sejam reconhecidas, a explicitação dos procedimentos que estruturam a coleta e o tratamento dessas informações permanece pouco desenvolvida. A conversão de preferências, rotinas e expectativas em critérios técnicos verificáveis depende de mecanismos capazes de organizar, hierarquizar e validar dados qualitativos, dimensão que ainda carece de sistematização mais consistente no campo.

2.1.3 Metodologias de projeto em Design de Interiores e o papel do *briefing*

Compreender o papel do *briefing* no processo projetual exige situá-lo no âmbito das metodologias que fundamentam o desenvolvimento dos projetos. Entre as distintas abordagens da área, este trabalho adota referenciais consolidados que organizam o processo em etapas definidas, o que permite analisar o enquadramento da fase inicial de levantamento e organização das informações. Apresentam-se, a seguir, propostas metodológicas do Design de Interiores e da Arquitetura de Interiores, extraídas de obras amplamente empregadas na formação superior e na estruturação dos processos de projeto.

Diversos autores propõem metodologias para o campo, organizando o percurso desde a identificação das necessidades dos usuários até a execução da proposta. Apesar das variações terminológicas, há consenso quanto à necessidade de iniciar o processo com procedimentos investigativos e de escuta, que legitimam as decisões posteriores. Destacam-se aqui três referenciais, Gurgel (2009), Gibbs (2010) e Ching e Binggeli (2019), cujas contribuições permitem compreender o papel estruturante da etapa inicial de levantamento no processo de

projeto.

A proposta de Gurgel (2009) apresenta estrutura sistemática e sequencial, da identificação inicial da demanda à consolidação da solução final. Organizada em etapas sucessivas, contribui para a compreensão das necessidades dos usuários, das características do espaço e das diretrizes adequadas à elaboração da proposta. O Quadro 2 sintetiza as dez fases do método, evidenciando a progressão entre análise, concepção, desenvolvimento técnico e definição da solução.

Quadro 2 - Fases da metodologia em projetos de Design de Interiores

Fase	**Nome da Fase**	**Descrição**
1	Identificação do problema e de seu contexto sociocultural, econômico e psicológico	Compreensão inicial da situação-problema, considerando o contexto social, cultural, econômico e psicológico envolvido.
2	Elaboração do programa de necessidades	Levantamento e organização dos dados necessários e estruturação do programa de necessidades do projeto.
3	Estabelecimento de metas e critérios para a solução dos problemas	Definição dos objetivos do projeto e dos critérios que orientarão a avaliação das soluções propostas.
4	Estudo das hipóteses e alternativas existentes	Análise de soluções possíveis, referências e alternativas já existentes relacionadas ao problema.
5	Escolha de uma direção para o desenvolvimento do projeto	Seleção de uma diretriz conceitual que orientará o desenvolvimento da proposta.
6	Desenvolvimento da ideia escolhida e suas variações	Geração de propostas e variações da solução selecionada.
7	Detalhamento para verificação e escolha de uma das variações	Desenvolvimento técnico e detalhamento das alternativas para avaliação comparativa.
8	Avaliação da escolha e possíveis alterações	Análise crítica da proposta escolhida, com ajustes e correções se necessário.
9	Seleção final	Definição da solução final a ser apresentada como projeto definitivo.
10	Projeto definitivo	Consolidação da proposta final com todos os elementos necessários à execução.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), adaptado de Gurgel (2009).

Nesse método, as fases de identificação do problema e de elaboração do programa de necessidades constituem as etapas iniciais que fundamentam a construção do *briefing*. Nelas se realizam o levantamento e a organização das informações que, posteriormente, serão sistematizadas no documento responsável por consolidar os parâmetros orientadores do projeto. Embora ocorram nas fases iniciais do processo projetual, a identificação do problema e a

elaboração do programa de necessidades produzem informações que permanecem como referência para as etapas subsequentes, uma vez que estabelecem condicionantes, requisitos e necessidades de ordem funcional, técnica e espacial que orientam a tomada de decisões ao longo do desenvolvimento do projeto.

Gibbs (2010) organiza o processo em quatro fases operacionais: investigação inicial, desenvolvimento conceitual, detalhamento técnico e execução da obra. A estrutura estabelece continuidade entre a definição das necessidades do cliente, a elaboração das soluções espaciais e o controle da implementação, refinando progressivamente as decisões projetuais. Diferentemente de metodologias centradas apenas na concepção formal, essa proposta integra planejamento, orçamento, aprovação e acompanhamento construtivo, configurando um modelo de gestão completa do projeto de interiores. O Quadro 3 sintetiza essas fases.

Quadro 3 - Resumo das principais fases de um projeto

Fase	**Nome da Fase**
Primeira fase	• Reunião preliminar; • Programa de necessidades do cliente; • Proposta de trabalho e aprovação por parte do cliente.
Segunda fase	• Diagnóstico, levantamento e análise do local; • Conceitos/trabalho inicial de projeto; • Orçamentos; • Preparação da apresentação; • Apresentação ao cliente/aprovação por parte do cliente.
Terceira fase	• Projeto executivo (que pode incluir plantas de instalações elétricas e outras, marcenaria e tratamentos de janela); • Especificações; • Orçamento definitivo; • Solicitação de licenças aos órgãos públicos responsáveis, se necessário; • Seleção de construtores/contratos.
Quarta fase	• Programação da obra; • Cronograma da obra; • Compras; • Acompanhamento das obras, se necessário; • Instalação do mobiliário, se necessário; • Finalização e entrega.

Fonte: Gibbs (2010).

Como mostra o Quadro 3, a reunião preliminar e a definição do programa de necessidades do cliente concentram o levantamento e a organização inicial das informações, cujos dados são consolidados no *briefing* como documento formalizador das diretrizes projetuais. O aprofundamento ocorre na fase seguinte, com diagnóstico, levantamento e análise

do local, que refinam os dados coletados e subsidiam a construção de conceitos e propostas preliminares. A sequência evidencia que a organização das informações iniciais condiciona o projeto executivo, as especificações técnicas e a execução da obra, de modo que a consistência do processo depende da qualidade do levantamento inicial.

Convém ainda situar o processo em uma estrutura conceitual mais ampla, desenvolvida no campo da arquitetura e aplicada à arquitetura de interiores. A metodologia de Ching e Binggeli (2019) distingue-se pela abordagem analítica na resolução de problemas de projeto. Fundamentada na compreensão progressiva das demandas do usuário, do contexto físico e das condicionantes técnicas e simbólicas, organiza o processo em etapas interdependentes, da definição do problema à reavaliação pós-implementação. O Quadro 4 sintetiza as oito etapas dessa abordagem.

Quadro 4 - Passos do processo de projeto de interiores

Fase	Nome da Fase	Descrição
1	Definição do problema	Compreensão da natureza do problema de projeto, identificando metas, objetivos e critérios que orientarão o desenvolvimento da proposta.
2	Elaboração do programa de necessidades	Sistematização das informações obtidas na análise, estruturando requisitos funcionais, espaciais e simbólicos que servirão de base para as decisões projetuais.
3	Desenvolvimento do conceito	Formulação da ideia central do projeto, definindo diretrizes espaciais, funcionais e estéticas que orientarão a proposta.
4	Avaliação de alternativas	Análise crítica das alternativas elaboradas, confrontando-as com os objetivos e critérios definidos no programa de necessidades.
5	Tomada de decisão	Seleção e aprimoramento da solução projetual mais adequada às demandas estabelecidas.
6	Desenvolvimento e refinamento do projeto	Produção de desenhos, especificações técnicas e detalhamentos necessários para a viabilização da execução.
7	Implementação	Elaboração dos documentos executivos e acompanhamento da materialização do projeto.
8	Reavaliação	Avaliação do desempenho do projeto após sua implementação, possibilitando aprendizado e aprimoramento em processos futuros.

Fonte: Elaborado pela autora (2025), adaptado de Ching e Binggeli (2019).

A estrutura de Ching e Binggeli (2019) demonstra que a definição do problema, a análise e a elaboração do programa de necessidades correspondem às atividades de levantamento, organização e interpretação das informações iniciais, etapas preliminares destinadas a gerar os dados e critérios depois formalizados no *briefing*. Ao enfatizar a definição precisa do problema antes do desenvolvimento conceitual, o modelo reafirma que a organização das informações fundamenta a tomada de decisão ao longo de todo o processo.

A leitura integrada de Gurgel (2009), Gibbs (2010) e Ching e Binggeli (2019) revela convergência quanto à centralidade das etapas iniciais, voltadas à investigação das necessidades do usuário e das condicionantes espaciais. Nesse percurso, que conduz da definição do problema à materialização do projeto, nas etapas iniciais, realizam-se o levantamento, a análise e a sistematização das informações que, consolidadas no *briefing*, passam a orientar as decisões projetuais. A Figura 4 explicita a correspondência entre as fases iniciais das três metodologias.

Figura 4 - Metodologias para projetos de Design de Interiores e o posicionamento do *briefing*



---------- Fases que correspondem à etapa de *briefing* nas três metodologias

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Gurgel (2009), Gibbs (2010) e Ching e Binggeli (2019).

A comparação confirma que as três metodologias atribuem centralidade às etapas

iniciais de investigação e organização das informações, que precedem e fundamentam a consolidação do *briefing*. Esse papel corresponde, em Gurgel (2009), às fases de investigação preliminar e de elaboração do programa de necessidades; em Gibbs (2010), à primeira e ao início da segunda fase; e, em Ching e Binggeli (2019), à definição do problema e à elaboração do programa de necessidades. Tais procedimentos configuram o momento de compreensão das demandas do usuário, do contexto físico e das condicionantes do projeto, cujos resultados são depois formalizados no *briefing*, elaborado a partir dessas fases iniciais como instrumento de consolidação e referência decisória, distinta do levantamento que a antecede.

Para fins deste estudo, distingue-se conceitualmente o levantamento e a análise do problema projetual do *briefing*, entendido como documento formal de consolidação dessas informações. Embora as metodologias nomeiem as etapas iniciais de modos diversos, como definição do problema ou programa de necessidades, tais fases produzem os dados posteriormente sistematizados no *briefing*. Essa diferenciação evita interpretá-lo como metodologia de coleta e o posiciona como matriz estruturante da decisão projetual.

Embora reconheçam a definição do problema e o programa de necessidades como fundamentos do processo projetual, as metodologias analisadas pouco detalham os critérios de interpretação, hierarquização e validação que orientam a passagem das informações levantadas para a elaboração do *briefing*. Assim, a conversão de preferências, rotinas e restrições do usuário em diretrizes projetuais permanece dependente do julgamento da equipe, com limitada rastreabilidade entre as informações e as decisões resultantes.

O *briefing* constitui, assim, instância decisiva de consolidação e formalização estruturada do problema projetual previamente investigado, cuja consistência impacta diretamente a coerência das etapas posteriores.

2.2 *Briefing* em projetos de Design

Se as metodologias de projeto convergem em atribuir ao *briefing* a função de consolidar o problema projetual, resta compreender como esse instrumento se constituiu e o que o estrutura. Longe de ser um formulário de preenchimento inicial, o *briefing* é resultado de uma trajetória histórica que lhe conferiu funções sucessivas, e sua eficácia depende de escolhas de estruturação que variam conforme o campo e o tipo de projeto. Esta seção percorre esse itinerário: parte da origem do conceito, do contexto militar à sua incorporação pela publicidade, pela gestão e pelo

design, para então delimitar sua definição e função no processo projetual, examinar os modelos documentais propostos pela literatura e caracterizar as especificidades que o contexto residencial impõe ao seu conteúdo.

2.2.1 História e evolução

O termo *briefing* originou-se no contexto militar entre os anos de 1940 e 1945, quando era empregado como instrumento de síntese de informações estratégicas para orientar operações. Nessa época, sua função consistia em transmitir objetivos, restrições e diretrizes de ação de modo claro e padronizado, assegurando alinhamento entre os participantes das missões e reduzindo ambiguidades operacionais. Essa função inicial revela uma característica central que persiste ao longo de sua evolução: a necessidade de estruturar informações complexas para orientar decisões em diferentes contextos.

Com o término dos conflitos, entre as décadas de 1950 e 1960, o conceito foi gradualmente incorporado ao contexto empresarial e publicitário, passando a ser entendido como um conjunto estruturado de informações preliminares fornecidas pelo cliente à agência para orientar o desenvolvimento dos trabalhos. Ogilvy (1964) salienta que a eficácia do trabalho criativo depende do estabelecimento de diretrizes claras desde o início do processo, destacando o *briefing* como instrumento central para o alinhamento estratégico entre cliente e equipe de criação. Esse deslocamento evidencia a transição de uma atuação operacional para um papel estratégico, mantendo a centralidade da clareza informacional como fundamento da ação projetual.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o *briefing* passou por um processo de consolidação metodológica e formalização operacional na gestão de projetos e no design, sendo estruturado por consultores e organizações especializadas como instrumento documental para assegurar precisão na comunicação, alinhamento nas decisões e rastreabilidade das informações entre as partes envolvidas. A consolidação de métodos sistemáticos de planejamento no campo do design, observada a partir da segunda metade do século XX, ampliou a função do *briefing* como instrumento de organização e coordenação das informações projetuais (Jones, 1970).

A partir das décadas de 1990 e 2000, sua aplicação expandiu-se em função da consolidação das metodologias de gestão de projetos, da institucionalização de procedimentos formais de planejamento nas organizações e da disseminação das abordagens metodológicas do design orientadas ao usuário, consolidando-se como instrumento recorrente de planejamento

em diferentes setores. No contexto contemporâneo, a digitalização dos processos de trabalho e o avanço das tecnologias da informação introduziram ferramentas digitais que aceleram o levantamento, a organização e o compartilhamento das informações iniciais do projeto, permitindo revisões contínuas e maior rastreabilidade das decisões. Esse movimento amplia o escopo funcional do *briefing* como instância de formalização dessas informações, que deixa de ser compreendido apenas como documento estático e passa a integrar sistemas digitais de registro e monitoramento das decisões projetuais.

A Figura 5 sintetiza essa evolução funcional, relacionando períodos históricos, campos de aplicação predominantes e funções metodológicas assumidas pelo *briefing* em cada etapa de desenvolvimento do conceito.

Figura 5 - Evolução do conceito de *briefing*



Fonte: Elaborado pela autora 2026.

Ao longo desse processo histórico, o *briefing* deixou de ser compreendido apenas como instrumento de transmissão operacional de diretrizes e passou a integrar sistemas formais de planejamento, gestão e controle de projetos. A partir das últimas décadas do século XX, consolidou-se como componente recorrente das práticas de desenvolvimento projetual, assumindo funções mais amplas na organização e na formalização das informações que orientam o projeto. Contudo, embora essa trajetória revele crescente sistematização, os procedimentos de levantamento, análise e registro das informações variam significativamente entre áreas e contextos, o que reforça a necessidade de examinar sua aplicação específica no Design de Interiores residencial.

2.2.2 Definição e função no processo projetual

No campo do Design, o *briefing* atua como instrumento técnico para a estruturação do problema de projeto, formalizando as informações que delimitam o escopo e as condições de desenvolvimento do trabalho. Blyth e Worthington (2002) indicam que a explicitação de responsabilidades, restrições e critérios reduz interpretações divergentes entre os agentes envolvidos e contribui para o controle do processo projetual. Ao reunir informações relativas ao usuário, ao contexto e às exigências técnicas, o *briefing* organiza dados dispersos em um conjunto estruturado de parâmetros que orientam a ação projetual.

Do ponto de vista metodológico, ele funciona como mecanismo de tradução entre o levantamento empírico e a formalização estruturada do problema de projeto, estabelecendo correspondência entre as informações obtidas, os critérios de desempenho e os parâmetros de decisão. Essa função posiciona o documento como resultado da transformação analítica das informações iniciais, responsável por delimitar o campo de alternativas tecnicamente viáveis e as condições operacionais de validação das soluções propostas.

Considerando a diversidade de acepções atribuídas ao *briefing* na literatura, o Quadro 5 sistematiza as definições conceituais adotadas nesta pesquisa. A classificação apresentada constitui uma síntese elaborada pela autora a partir das contribuições de Blyth e Worthington (2002), Phillips (2012), Batista e Meyer (2018) e Pacheco (2023), não correspondendo à reprodução de uma tipologia proposta isoladamente por qualquer desses autores.

Quadro 5 - Síntese das definições de *briefing* adotadas na pesquisa

Termo	**Definição adotada**	**Aplicação no texto**
Briefing	Denominação genérica do instrumento de consolidação das informações que orientam uma atividade ou um projeto.	Empregado nas discussões históricas e conceituais da literatura.
Briefing projetual	Instrumento de natureza documental elaborado a partir do levantamento, da análise e da sistematização das informações do usuário,	Termo principal adotado para designar o objeto investigado.

	do ambiente e do contexto do projeto. Consolida necessidades, restrições, requisitos, premissas e diretrizes destinadas a orientar as decisões projetuais.	
Elaboração do *briefing* projetual	Conjunto de operações de análise, organização, hierarquização, sistematização e formalização das informações no documento projetual.	Designa a atividade de produção do instrumento, e não o próprio documento.
Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual	Documento específico produzido no estudo empírico, com mediação do *ChatGPT*, a partir das informações levantadas e interpretadas. Foi posteriormente examinado e utilizado criticamente pelos participantes no desenvolvimento da proposta.	Nome próprio do artefato documental produzido durante o *workshop*. Após a primeira menção, pode ser retomado como “síntese estruturada” ou “documento”.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Blyth e Worthington (2002), Phillips (2012), Batista e Meyer (2018) e Pacheco (2023).

A Figura 6 representa, com base na sistematização proposta por Pacheco (2023), a posição do *briefing* como núcleo articulador do processo projetual. As etapas de levantamento, organização e sistematização das informações convergem para o *briefing*, que as reúne como base informacional do projeto, responsável por definir objetivos, explicitar restrições, alinhar expectativas e registrar os critérios que orientam as decisões.

Figura 6 - Posição do *briefing* no processo de projeto em Design de Interiores



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Pacheco (2023).

Uma vez constituída, essa base não se encerra na etapa inicial: mantém-se como referência de consulta contínua ao longo da concepção, do desenvolvimento e da execução, permitindo verificar, a cada fase, a correspondência entre as decisões tomadas e os parâmetros previamente definidos. A progressão entre essas etapas indica que a consistência do *briefing* depende da qualidade do tratamento informacional, não sendo resultado automático do simples registro de dados.

Nessa condição, o *briefing* integra o método de projeto como matriz de decisão. Phillips (2012) o caracteriza simultaneamente como acordo formal entre as partes, roteiro de desenvolvimento e base para planejamento e avaliação, funções que o posicionam como instrumento de gestão técnica do processo. Sua permanência ao longo de todas as fases permite integrar expectativas iniciais, decisões intermediárias e resultados finais sob um mesmo referencial formal.

O *briefing* atua, ainda, como instrumento de rastreabilidade decisória, ao registrar os critérios que fundamentam a seleção das alternativas adotadas. Esse registro permite verificar a correspondência entre necessidades identificadas, parâmetros definidos e soluções implementadas, possibilitando avaliar a consistência técnica das escolhas ao longo do desenvolvimento e da execução. Nessa condição, o documento ultrapassa a orientação preliminar e institui um regime de justificativa das decisões projetuais, no qual cada escolha pode ser reconduzida aos critérios que a fundamentaram.

2.2.3 Estrutura do *briefing*: modelos, limitações e implicações operacionais

A literatura metodológica do design apresenta diferentes modelos de organização do *briefing*, cujas estruturas documentais refletem finalidades operacionais distintas no processo projetual. O modelo sistematizado por Phillips (2012), sintetizado no Quadro 6, organiza-o como instrumento de gestão técnica orientado ao planejamento, controle e avaliação do projeto. Sua estrutura distribui as informações em blocos que abrangem a caracterização do projeto, a análise de mercado, a definição do público-alvo, as estratégias de design, o planejamento de recursos e os critérios de implementação e de avaliação, configurando um sistema documental voltado à previsibilidade das etapas e à rastreabilidade das decisões.

Quadro 6 - Principais conteúdos dos tópicos básicos do *Briefing*

Tópicos Básicos	**Conteúdos**
Natureza do Projeto	• Sumário executivo, incluindo: Justificativas Objetivo do projeto Resultados desejáveis Responsabilidades do projeto
Análise Setorial	• Lista de produtos • Concorrentes • Preços e promoções • Marca • Estudo das tendências • Estratégia da empresa
Público-alvo	• Características do público-alvo: sexo; faixa etária; escolaridade; nível de renda; ocupação e hobbies • Diferenças: regionais, culturais, nos hábitos, de consumo
Portfólio da empresa	• Marca • Imagem corporativa • Segmentação do mercado
Objetivos do negócio e estratégias de design	• Principais resultados visados pelo projeto, descritos na linguagem de negócios • Atividades de design, correspondentes aos resultados visados
Objetivo, prazo e orçamento do projeto	• Descrição das diversas fases do projeto, especificando: Tempo previsto Orçamento Recursos humanos necessários Responsabilidade pela aprovação

Aprovação, implementação e avaliação	• Aprovação do projeto: Preparação dos materiais de apresentação Responsáveis pelas aprovações • Implementação: Providências necessárias para a implementação • Avaliação: Critérios para medir o sucesso do projeto
Informações de pesquisas	• Tendências dos negócios • Avanços tecnológicos • Lançamentos de novos produtos
Apêndice	• Materiais suplementares Catálogos de produtos, fotos, mostruários, artigos de jornais, artigos científicos, manuais, legislações.

Fonte: Phillips (2012).

Ao estruturar esses elementos em um documento único, o modelo de Phillips (2012) padroniza procedimentos de planejamento, minimiza ambiguidades na comunicação entre equipes e permite o acompanhamento sistemático das etapas do projeto. O *briefing*, nesse arranjo, opera como instrumento de controle gerencial no campo do design. Contudo, a centralidade conferida à previsibilidade e ao gerenciamento tende a deslocar o exame qualitativo das demandas do usuário, sobretudo em situações em que variáveis simbólicas e comportamentais configuram parâmetros decisivos.

Em contraste com a orientação gerencial do modelo anterior, a literatura dedicada aos espaços construídos compreende o *briefing* como instrumento progressivamente atualizado durante o desenvolvimento do projet

o de definição dos requisitos espaciais. Blyth e Worthington (2002) conceituam o documento como mecanismo de tradução das demandas do usuário em parâmetros físicos, funcionais e qualitativos do ambiente interior, articulando informações sobre *layout*, dimensionamento, desempenho ambiental e padrões de uso do espaço. O Quadro 7 organiza os componentes operacionais desse modelo para aplicação em projetos de interiores.

Quadro 7 - Principais elementos do *briefing* para projetos de interiores

Tópicos Básicos	**Conteúdos**
Definição dos Requisitos do Cliente	Identificação e especificação das necessidades do cliente para os espaços internos do edifício em termos de construção. O objetivo principal do "*Fit-out Brief*" é precisamente definir esses requisitos de construção para os espaços internos.

Resposta ao *Strategic Brief*	O *Fit-out Brief* deve alinhar-se e dar seguimento aos objetivos definidos no *Strategic Brief*, traduzindo as estratégias e metas de nível macro estabelecidas nesse documento em objetivos de design.
Definição dos Objetivos de Design	São estabelecidos claramente os objetivos que o design do espaço interior deve alcançar. Isso inclui traduzir os objetivos estratégicos em metas de design concretas para o ambiente.
Especificação de Dimensões e Elementos	Fornecer informações detalhadas sobre as medidas dos espaços internos e os elementos específicos a serem fornecidos ou construídos. Isso garante clareza sobre os aspectos físicos e dimensionais do projeto.
Concordância com a Estratégia de Planejamento de Espaço	Estratégia de planejamento do espaço que informará o "*fit-out*" físico. Isso significa decidir sobre: a organização, o layout e a distribuição funcional dos diferentes espaços internos.
Verificação das Aspirações do Cliente	Para garantir que o projeto atenda às expectativas do cliente, o "*Fit-out Brief*" pode utilizar esboços de conceito de design para verificar e validar as aspirações do cliente. Fatores intangíveis como qualidade e imagem podem ser apurados mostrando exemplos visuais que ajudem a prescrever requisitos.
Estabelecimento de Requisitos (Tangíveis e Intangíveis)	Definir tanto os elementos físicos e concretos (tangíveis), como mobiliário e iluminação, quanto as questões abstratas (intangíveis), como conforto e adequação estética. Isso é realizado a partir das informações levantadas durante as etapas iniciais do projeto, utilizando exemplos visuais e referências projetuais para explicitar os requisitos.
Consideração de Crescimento e Mudança	Definir as necessidades de hoje e do futuro para garantir que o projeto possa se desenvolver e uma solução abrangente possa ser alcançada. A definição não é isolada, no entanto, e geralmente se manifesta como parte de uma resposta estratégica maior.

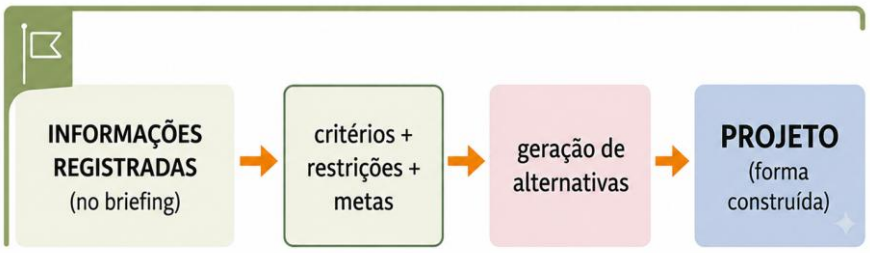
Fonte: Blyth e Worthington (2002).

A organização proposta pelos autores estrutura o *briefing* na compatibilização entre requisitos espaciais e desempenho do ambiente construído. Nesse arranjo, a atualização dos registros informacionais assume função operacional ao ajustar decisões projetuais aos padrões de ocupação e às restrições técnicas do espaço. Entretanto, a natureza progressiva e aberta desse modelo dificulta a consolidação de critérios hierarquizados quando não há instrumentos claros para registro e atualização das informações.

A comparação entre os modelos delimita diferenças de ênfase. Phillips (2012) estrutura o *briefing* como instrumento de gerenciamento e controle do processo, enquanto Blyth e Worthington (2002) o condicionam à adaptação progressiva das informações às singularidades

do usuário e do espaço construído. Essa distinção indica que a eficácia do *briefing* não se restringe à sua configuração formal, mas resulta da articulação entre gestão estratégica, definição espacial e tratamento sistemático das informações levantadas. A Figura 7 demonstra que os registros do *briefing* fundamentam critérios, restrições e metas que orientam a geração de alternativas projetuais. Desse modo, a configuração final do projeto deriva dos parâmetros estabelecidos no início do processo, evidenciando a relação de dependência entre organização informacional e resultado projetual.

Figure 7- Relação de dependência entre briefing e soluções projetuais



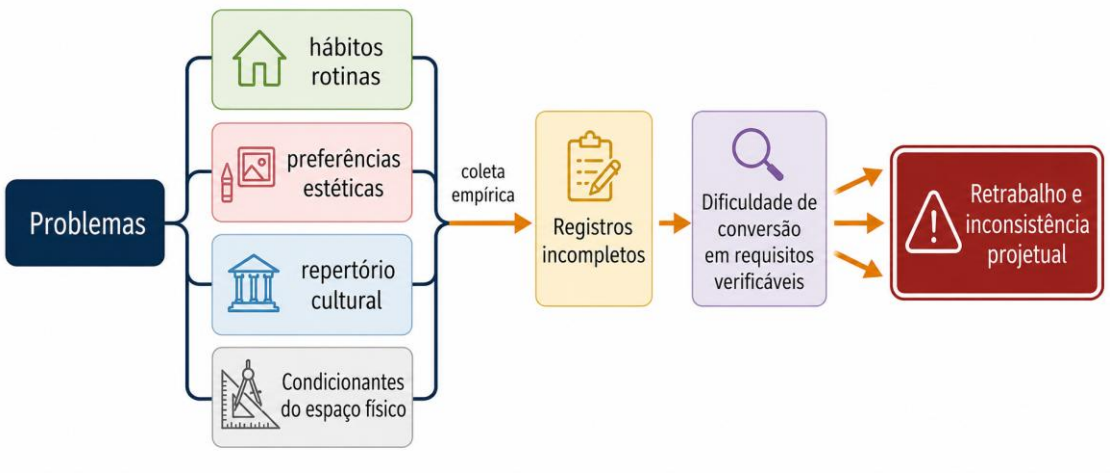
Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Pacheco (2023).

Estudos empíricos identificam limitações sistemáticas na operacionalização do *briefing*. Mostardeiro, Bernardes e Teixeira (2019) descrevem a dispersão de informações, a ausência de hierarquização e os registros incompletos como fatores que comprometem a conversão das necessidades dos usuários em requisitos projetuais verificáveis, o que aumenta a recorrência de retrabalho. Phillips (2012) aponta a redução do instrumento a um *checklist* de requisitos, dissociado dos objetivos estratégicos e das decisões de projeto, o que limita sua aptidão para orientar a definição de prioridades. No âmbito dos ambientes construídos, Blyth e Worthington (2002) demonstram que, quando tratado como documento pontual no início do trabalho, o *briefing* perde sua função operacional e gera inconsistências entre o programa, a proposta e a execução do projeto.

Uma revisão integrativa da literatura sobre *briefing* em Design de Interiores residencial, abrangendo publicações entre 2020 e 2025, identificou escassez de estudos que detalhem procedimentos estruturados para levantamento, organização e priorização das informações prévias à formalização do *briefing*, predominando abordagens conceituais fragmentadas e baixa explicitação de métodos operacionais (Melo *et al*., 2025). Esses achados sinalizam que as fragilidades não resultam de insuficiência conceitual do instrumento, mas da lacuna entre sua

formulação teórica e a efetivação prática. A Figura 8 sintetiza as deficiências operacionais ao explicitar a sequência de efeitos decorrentes do tratamento inadequado das informações de projeto. O diagrama demonstra que a dispersão de dados, aliada à ausência de hierarquização e registros incompletos, dificulta a tradução das demandas do usuário em requisitos verificáveis, produzindo retrabalhos e inconsistências ao longo do desenvolvimento projetual.

Figure 8 - Fragilidades operacionais do briefing na prática profissional



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Phillips (2012), Blyth e Worthington (2002) e Mostardeiro, Bernardes e Teixeira (2019). Melo *et al.* (2025).

Sob essa perspectiva, a análise do *briefing* em projetos residenciais exige examinar, além da estrutura documental, os mecanismos efetivos de organização, hierarquização e atualização das informações. A ausência dessa análise crítica mantém o distanciamento entre a formulação metodológica e a qualidade das decisões projetuais.

Embora o *briefing* seja reconhecido como elemento central no processo projetual, a literatura prioriza a definição conceitual do instrumento e a descrição de modelos documentais. Em contraste, há escassez de investigações empíricas sistemáticas sobre os procedimentos operacionais de levantamento, organização e hierarquização das informações que fundamentam o *briefing*, especialmente no campo do Design de Interiores.

2.2.4 *Briefing* em Design de Interiores residencial: especificidades tipológicas

No âmbito do Design de Interiores residencial, a definição dos requisitos projetuais demanda expandir o escopo informacional registrado no *briefing*, integrando variáveis

associadas aos regimes de uso, aos padrões de permanência e às formas de apropriação cotidiana do espaço. Essa expansão implica uma inflexão qualitativa na seleção dos elementos relevantes, deslocando o foco de parâmetros dimensionais para variáveis comportamentais e simbólicas, frequentemente instáveis e de mensuração complexa. Em programas definidos por requisitos funcionais, as demandas se expressam por meio de parâmetros dimensionais e técnicos. No ambiente doméstico, por outro lado, prevalecem rotinas de convivência, sequências de atividades e condições contextuais de uso que exigem procedimentos próprios de levantamento e de registro. As informações derivadas das rotinas, das preferências estéticas e do repertório cultural do usuário fundamentam o levantamento empírico e, uma vez sistematizadas no *briefing*, convertem-se em requisitos operacionais verificáveis, promovendo a correspondência entre o programa de necessidades, a organização espacial e o desempenho do ambiente durante a ocupação (Santos; Sales, 2022; Pacheco, 2023).

Embora o levantamento e a sistematização sejam etapas recorrentes em projetos residenciais, o conteúdo do *briefing* se adapta às especificidades de cada configuração habitacional. Diferentes arranjos espaciais condicionam padrões próprios de uso, permanência e apropriação, demandando registros que reflitam tais singularidades. Assim, é fundamental delimitar quais informações adquirem centralidade em cada contexto tipológico. O Quadro 8 condensa essa articulação entre estrutura documental, especificidades tipológicas e variáveis de uso, comparando as informações requeridas pelo *briefing* em distintas configurações residenciais.

Quadro 8 - Variações do conteúdo de informações do *briefing* segundo tipologias residenciais

Tipologia residencial	**Informações prioritárias a registrar no *briefing***	**Implicações para a estrutura do *briefing***
1. Casa térrea	uso simultâneo de ambientes, integração interior–exterior, circulação horizontal contínua	mapeamento de fluxos concorrentes, registro de atividades externas incorporadas à rotina, e identificação de padrões de transição dentro–fora
2. Casa dois pavimentos	distribuição vertical das atividades, deslocamentos frequentes entre níveis, presença de usuários com restrições de mobilidade	mapeamento de fluxos verticais, identificação de dependências funcionais entre pavimentos, e registro de requisitos de acessibilidade, segurança e isolamento acústico
	sistemas prediais compartilhados, restrições	Levantamento prévio de limites de intervenção,

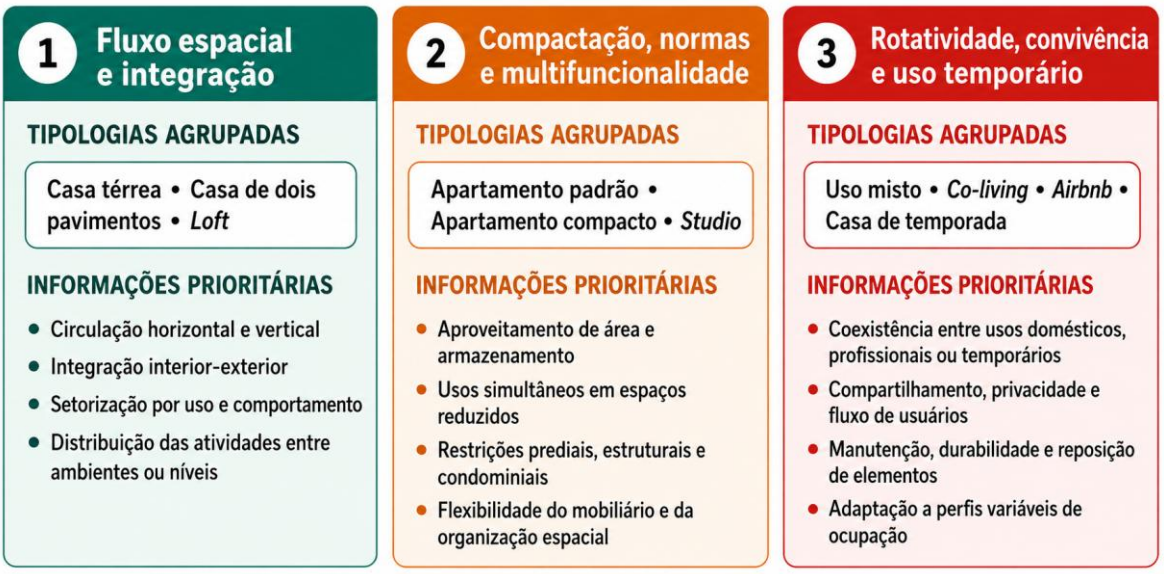
3. Apartamento padrão	estruturais, interferência com unidades vizinhas, normas condominiais	mapeamento de instalações existentes, e registro de exigências administrativas que condicionam a viabilidade técnica e legal do projeto
4. Apartamento compacto	multifuncionalidade, armazenamento, uso intensivo da área útil	quantificação precisa de áreas mínimas, dimensionamento ergonômico rigoroso e priorização de soluções de otimização espacial
5. Studio	uso sequencial do mesmo espaço para múltiplas funções, ausência de separações físicas permanentes	mapeamento temporal das atividades diárias, identificação de conflitos de uso simultâneo e registro de necessidades de armazenamento, ocultação e separação visual/acústica temporária
6. Loft	planta livre extensa, setorização por comportamento, não por paredes	identificação de hábitos e sequências de uso para definir zonas funcionais; registro de necessidades de limites simbólicos, iluminação e mobiliário como divisores
7. Residência de uso misto (mixed-use)	coexistência de atividades domésticas e profissionais, circulação de usuários externos, horários comerciais, exigências legais específicas	mapeamento de fluxos públicos e privados, registro de horários de uso, identificação de conflitos de privacidade/acústica, e levantamento de condicionantes normativos que impactam a compatibilização funcional
8. Habitação coletiva contemporânea (co-living)	compartilhamento de áreas comuns, rotatividade de moradores, negociação de regras de convivência, uso simultâneo por múltiplos usuários	registro do número de residentes por unidade, padrões de compartilhamento, horários de pico, conflitos recorrentes de uso, definição de protocolos operacionais e requisitos de padronização funcional das áreas coletivas
9. Residência para ocupação temporária	alta rotatividade de ocupantes, uso intensivo e pouco cuidadoso dos ambientes, ausência de	levantamento de taxas de ocupação e permanência média, perfis de usuários transitórios, frequência de

(flat, serviced living, short-term rental, Airbnb)	vínculo afetivo com o espaço, necessidade de reposição frequente e operação padronizada	manutenção e substituição de mobiliário, requisitos de limpeza e operação, identificação de pontos críticos de desgaste e definição de níveis de padronização necessários para garantir durabilidade, reposição ágil e gestão simplificada
10. Residência secundária / casa de temporada	ocupação sazonal e intermitente, longos períodos de desuso, ênfase em lazer e permanência coletiva, baixa rotina cotidiana de trabalho doméstico, necessidade de fechamento simplificado e manutenção esporádica	registro da frequência e duração das estadias, número médio de usuários por temporada, atividades predominantes de lazer/convivência, exigências de abertura e fechamento do imóvel, demandas de armazenamento prolongado, requisitos de manutenção periódica e níveis desejados de autonomia operacional

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Blyth e Worthington (2002), Ching e Binggeli (2019), Higgins (2015), Grimley e Love (2014), Rybczynski (1996), Gurgel (2009) e Santos e Sales (2022).

As tipologias residenciais não demandam estruturas metodológicas distintas de *briefing*, mas diferentes níveis de aprofundamento e priorização informacional. Modelos padronizados, ao pressupor condicionantes equivalentes em contextos habitacionais heterogêneos, tendem a comprometer a precisão das decisões projetuais. As variações incidem sobre a lógica de ocupação, permanência, circulação e compartilhamento dos espaços, alterando a relevância atribuída às informações do levantamento inicial: habitações de permanência contínua exigem detalhamento programático, organização funcional e análise das rotinas de uso, enquanto cenários de alta rotatividade, multifuncionalidade ou metragem reduzida priorizam a flexibilidade espacial, a padronização e a otimização da área útil. O *briefing* residencial funciona, nesse sentido, como instrumento adaptativo. A Figura 9 sistematiza essas variáveis, agrupando dez tipos de configurações de habitação em três categorias, fluxo espacial e integração, compactação e normas, e rotatividade e uso temporário, e relaciona cada uma às informações prioritárias do *briefing*.

Figura 9 - Variáveis de uso e prioridades informacionais no *briefing* residencial



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Phillips (2012) e Blyth e Worthington (2002).

Os conteúdos priorizados no *briefing* residencial oscilam segundo os regimes de ocupação, permanência e organização funcional característicos das diferentes tipologias habitacionais. Essas variações não exigem mudanças estruturais no instrumento, mas requerem revisão constante das prioridades de registro e interpretação dos dados, sob pena de soluções coerentes em termos formais, porém dissociadas das dinâmicas reais de uso e apropriação do espaço. Essas variações evidenciam a necessidade de mecanismos sistemáticos de organização, atualização e articulação das informações produzidas ao longo do processo, examinados na seção seguinte.

2.3 Ferramentas digitais

A partir dos anos 2000, a ampliação da conectividade em rede e a consolidação do armazenamento em nuvem intensificaram a digitalização dos registros projetuais. Na elaboração do *briefing*, essa transformação expandiu a capacidade de armazenamento, a rastreabilidade e a atualização contínua das informações coletadas nas fases iniciais, favorecendo sua recuperação estruturada nas etapas de concepção e especificação. O aumento no volume de dados não assegura, porém, melhor qualidade decisória, uma vez que a acumulação informacional não garante, por si só, hierarquização e interpretação adequadas.

Nas abordagens de Design centradas no usuário, a formulação do problema antecede o desenvolvimento das soluções e requer a investigação sistemática das necessidades, atividades e contextos de uso. Norman (2013) situa a observação e a pesquisa em Design entre as atividades iniciais desse processo, enquanto Brown (2009) enfatiza a produção de *insights* mediante a observação e a compreensão empática dos usuários. Os recursos digitais podem apoiar o registro, a organização e a recuperação dos dados obtidos, mas não substituem os procedimentos de pesquisa, síntese e análise que lhes conferem significado (Martin; Hanington, 2012). A conversão dessas informações em requisitos projetuais depende, ainda, da explicitação de critérios e restrições capazes de orientar a tomada de decisão (Lawson, 2005).

Do ponto de vista funcional, as ferramentas empregadas nas etapas iniciais podem ser classificadas segundo o papel que desempenham no tratamento das informações que fundamentam o *briefing* projetual: coleta e consolidação estruturada de dados; organização e curadoria do repertório visual; e um terceiro nível, ainda pouco explorado no Design de Interiores, voltado à síntese semântica dos registros por meio de inteligência artificial generativa. Essa classificação não corresponde a uma tipologia consolidada no campo, mas configura uma estratégia analítica desta pesquisa: ao situar as ferramentas no fluxo que conduz do levantamento à síntese interpretativa, desloca o foco do instrumento para sua função no processo decisório e evita a fragmentação que resultaria de registros dispersos em plataformas não articuladas.

2.3.1 Coleta de dados estruturados

A definição do problema projetual demanda o registro organizado de dados sobre os usuários, os contextos de uso e as restrições operacionais do projeto. Desde a consolidação dos métodos de design nas décadas de 1970 e 1980, a literatura metodológica associa a consistência das decisões à formalização prévia dessas informações, o que reduz inferências subjetivas na formulação de soluções (Cross, 2006). Sob essa lógica, o *briefing* consolida e estrutura os registros produzidos no levantamento e na análise do problema, e sua migração para ambientes digitais amplia a organização e a recuperação sistemática desses dados.

Entre as ferramentas representativas dessa coleta estruturada encontram-se o *SurveyMonkey* (1999), o *Jotform* (2006), o *Google Forms* (2008), o *Typeform* (2012) e o *Microsoft Forms* (2016). Todas operam por estruturas fechadas ou semiestruturadas, sustentadas por infraestrutura em nuvem e integração com planilhas e bancos de dados, o que

ampliou seu uso em contextos acadêmicos e profissionais. Em comum, a estruturação prévia das categorias de resposta transfere à equipe projetual a responsabilidade pela definição adequada das variáveis investigadas.

A Figura 10 apresenta a diferenciação funcional entre as ferramentas de coleta estruturada, organizando-as conforme seus recursos predominantes e sua incidência no controle dos registros e na consolidação das respostas.

Figura 10 - Classificação funcional das ferramentas de coleta estruturada (questionário)



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As variações funcionais entre essas ferramentas recaem sobre o grau de controle e detalhamento do registro. *Google Forms* e *Microsoft Forms* integram-se diretamente a planilhas e ambientes corporativos; *SurveyMonkey* incorpora módulos estatísticos automatizados; *Typeform* adota lógica condicional e encadeamento sequencial de perguntas; *Jotform* permite customização ampliada e automações integradas. Essas distinções impactam a estrutura do fluxo de coleta e a consolidação das respostas, repercutindo no nível de monitoramento das informações. No entanto, a sofisticação técnica dessas ferramentas não elimina a necessidade de análise criteriosa na interpretação e hierarquização dos dados coletados, sob risco de produzir bancos de dados extensos, porém analiticamente pouco significativos para a definição do problema projetual.

A delimitação de campos, a validação automática e a exportação estruturada permitem organizar os registros em base integrada, com leitura analítica das respostas e verificação de coerência entre categorias, condição que sustenta decisões mais fundamentadas (Lawson, 2005). A contribuição dessas ferramentas concentra-se, assim, na padronização, na

rastreabilidade e no gerenciamento dos dados, sem alterar as etapas do método projetual. Sua sofisticação técnica, porém, não substitui a análise interpretativa: sem hierarquização criteriosa, os registros permanecem formais e produzem bancos extensos, mas analiticamente pouco significativos para a definição do problema.

2.3.2 Repertório e curadoria visual

A expansão das plataformas digitais e das redes sociais ampliou a circulação de referências visuais no Design de Interiores, modificando práticas de comunicação, curadoria e desenvolvimento projetual (Huang; Fredericks; Maalsen, 2023). Ao substituir revistas e catálogos impressos, essa infraestrutura proporcionou acesso contínuo a acervos *online* e viabilizou a seleção, o armazenamento e a classificação de referências durante o levantamento das preferências dos usuários. O repertório visual passou, assim, a ser registrado em acervos digitais estruturados, que convertem coleções episódicas em documentação permanente, consultável e revisável ao longo do desenvolvimento do projeto. A ampliação do acesso, porém, torna a curadoria ainda mais necessária, já que o excesso de imagens dificulta a definição de prioridades.

No *briefing* residencial, diferentes recursos podem ser empregados para documentar as dimensões estéticas e simbólicas dos usuários. A curadoria de imagens permite identificar preferências por meio da seleção livre de referências visuais, enquanto instrumentos estruturados, como testes de estilos compostos por painéis previamente organizados, auxiliam na identificação comparativa de linguagens estéticas recorrentes. Em ambos os casos, impressões subjetivas são convertidas em evidências observáveis que subsidiam a definição do problema projetual. A interpretação dessas escolhas exige distinguir preferências consistentes de seleções episódicas ou influenciadas por tendências passageiras.

Antes da formalização do *briefing*, o tratamento das referências visuais pode organizar-se em três regimes complementares. O primeiro reúne ferramentas de coleta, com acervos editoriais e bancos de imagens para consulta e seleção inicial. O segundo concentra-se na curadoria, com agrupamento temático, edição e compartilhamento contínuo das imagens em painéis de preferências. O terceiro corresponde a instrumentos estruturados de identificação de preferências, compostos por conjuntos visuais previamente organizados para comparação, agrupamento ou hierarquização. A distinção importa porque a coleta livre, a curadoria e a comparação entre categorias estéticas cumprem funções diferentes na interpretação do

repertório visual.

A Figura 11 sintetiza esses regimes, evidenciando um percurso que parte da identificação de referências dispersas, passa pela organização temática e alcança a comparação visual estruturada, produzindo registros passíveis de integração ao *briefing* projetual.

Figura 11 - Regimes de tratamento do repertório visual no *briefing* projetual em Design de Interiores



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Entre os repositórios editoriais e bancos de imagens, destacam-se *Behance*, *ArchDaily*, *Unsplash*, *Pexels* e *Pinterest*, empregados na consulta e na coleta inicial de referências. Na curadoria e organização temática, plataformas como *Pinterest*, *Milanote*, *Morpholio Board*, *Miro*, *Canva e Figma* viabilizam a elaboração de painéis, o agrupamento temático, a edição e o compartilhamento das seleções com os usuários. Em conjunto, esses ambientes apoiam o levantamento estético das preferências, assegurando registro sistemático das escolhas imagéticas e consulta organizada do repertório.

Essa infraestrutura, contudo, não resolve o problema metodológico do tratamento do repertório visual. Mais do que os suportes de armazenamento e compartilhamento, importam os instrumentos empregados para selecionar, estruturar e interpretar esse material. No *briefing* residencial, dois recursos cumprem funções distintas e complementares: o painel de preferências do usuário, construído por seleção livre de referências, e os instrumentos estruturados de comparação visual.

Na literatura, o painel semântico, também denominado *mood board*, não corresponde a

qualquer agrupamento de imagens, mas a uma síntese visual construída intencionalmente para representar e comunicar a orientação estético-simbólica de um projeto. Sua composição pode reunir imagens, cores, texturas, formas, materiais e, quando pertinentes, palavras-chave, selecionados e organizados segundo as relações de significado que estabelecem entre si. Cassidy (2011) ressalta que seu caráter como ferramenta qualitativa decorre do processo de investigação, seleção e articulação dos dados visuais, diferenciando-o de painéis destinados apenas à apresentação ilustrativa. Reis e Merino (2020), por sua vez, o definem como uma ferramenta imagética utilizada na definição estética do projeto, capaz de estabelecer referências estético-simbólicas e alinhar conceitos semânticos entre os participantes.

A partir dessa distinção, o painel de preferências do usuário (Figura 12) empregado nesta pesquisa não é automaticamente tomado como sinônimo de painel semântico. Inicialmente, ele atua como instrumento de elicitação e registro das referências visuais selecionadas pelo usuário. Ao serem comparadas e organizadas segundo categorias formais, cromáticas e simbólicas, essas referências passam a constituir uma síntese interpretativa das preferências e dos significados associados ao ambiente residencial, adquirindo função semântica e subsidiando a elaboração do *briefing* projetual.

Figura 12 - Modelo de um painel de preferências do usuário



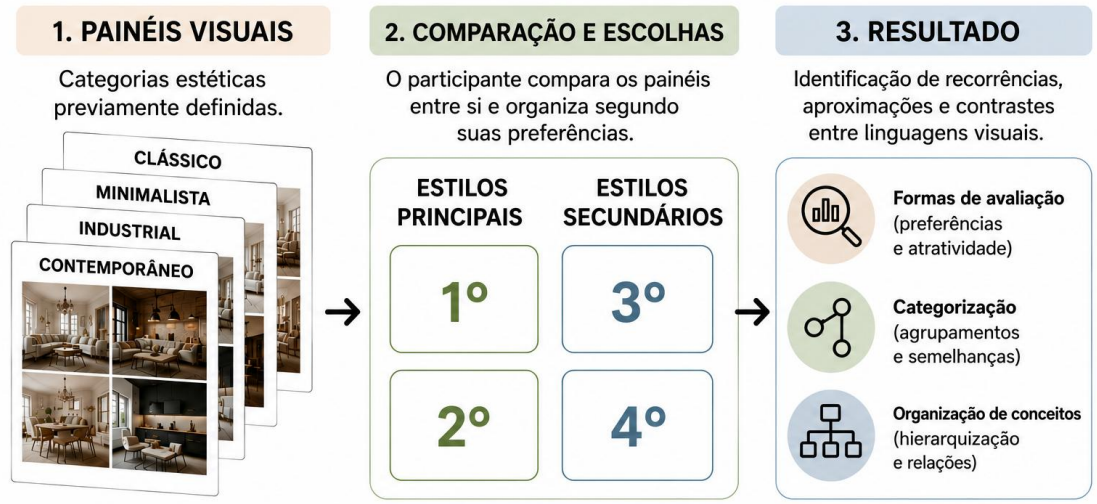
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Distintamente do painel de preferências, construído a partir de referências selecionadas livremente pelo usuário, os instrumentos estruturados de identificação de preferências operam

com um conjunto fechado de estímulos visuais previamente organizados. Essa dinâmica aproxima-se das técnicas de *picture-sorting*[1], nas quais os participantes comparam, agrupam ou hierarquizam imagens segundo critérios definidos, permitindo reconhecer padrões de avaliação e categorias mentais de difícil explicitação exclusivamente verbal. Os resultados dessas atividades, contudo, não oferecem acesso direto às intenções do participante, exigindo interpretação contextual e articulação com outras fontes de evidência (Lobinger; Brantner, 2020).

No contexto do *briefing* residencial, o teste de estilos constitui uma aplicação desse princípio comparativo, pois apresenta referências organizadas segundo categorias estéticas previamente definidas. Sua função não é enquadrar o usuário em um estilo único e estável, mas favorecer a identificação de recorrências, aproximações e contrastes entre linguagens visuais. Por essa razão, seus resultados devem ser confrontados com as escolhas livres registradas no painel de preferências e com as informações obtidas por outros instrumentos de coleta. A Figura 13 sintetiza essa lógica comparativa e sua função no *briefing* residencial.

Figura 13 Síntese do teste de estilos fundamentada no princípio do *picture-sorting*



Fonte: elaborado pela autora (2026), com base em Lobinger e Brantner (2020).

Além dos instrumentos utilizados no levantamento inicial, outros tipos de painel são empregados ao longo das etapas de concepção, desenvolvimento, validação e detalhamento do projeto. Lucero (2012) identifica funções relacionadas à delimitação de escopo, à harmonização

[1] *picture-sorting:* Técnica de pesquisa visual em que imagens são comparadas, agrupadas, classificadas ou hierarquizadas pelos participantes, permitindo identificar formas de avaliação, categorização e organização de conceitos mentais (Lobinger; Brantner, 2020).

interpretativa e à representação de conteúdos abstratos, indicando que a configuração desses artefatos depende do momento de aplicação e da finalidade pretendida. No Design de Interiores residencial, essa diversidade exige delimitação conceitual, uma vez que painéis semelhantes em sua aparência podem desempenhar funções distintas no processo projetual.

O Quadro 9 estrutura essa classificação, distinguindo o painel de preferências do usuário, empregado na construção do *briefing* como instrumento de elicitação e registro empírico, dos painéis produzidos pela equipe de projeto nas etapas de concepção, estudos preliminares, validação e detalhamento. Essa distinção delimita tecnicamente o papel de cada artefato e evita tratar como equivalentes instrumentos de levantamento das preferências do usuário e recursos de representação das decisões projetuais.

Quadro 9 - Painéis visuais no processo de elaboração do *briefing* em Design de Interiores residencial

Tipo de painel	**Momento de aplicação**	**Ator principal**	**Função no processo**	**Base teórica**
Painel de preferências do usuário (painel semântico)	Levantamento das informações	Usuário e designer	Elicitação de gostos, repertórios e referências subjetivas; registro empírico de preferências	Cassidy (2011); Reis e Merino (2020)
Moodboard de conceito	Concepção inicial	Designer	Definição de linguagem, atmosfera e intenções projetuais	Pacheco (2023); Lucero (2012)
Moodboard de inspiração	Estudos preliminares	Designer e usuário	Consolidação de referências formais aplicadas	Pacheco (2023)
Moodboard de ambiente	Anteprojeto /validação	Designer e usuário	Teste de escolhas concretas de mobiliário e composição	Pacheco (2023)
Moodboard de revestimentos	Detalhamento executivo	Designer e usuário	Especificação técnica de acabamentos e compatibilização material	Pacheco (2023)

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Cassidy (2011), Reis e Merino (2020), Sanders e Stappers

(2014), Lucero (2012) e Pacheco (2023).

A classificação demonstra que os painéis visuais operam em momentos distintos do processo, cada qual com finalidade própria. No *briefing* residencial, o painel de preferências do usuário auxilia a identificação de repertórios simbólicos e a compreensão das particularidades de uso e gosto dos moradores. Os demais painéis atuam em direção complementar, explicitando as decisões da equipe de projeto de modo a torná-las verificáveis pelo usuário. Esses artefatos estruturam, portanto, a comunicação entre designer e usuário, apoiando tanto o levantamento inicial quanto a validação das escolhas espaciais. Sua eficácia depende da articulação entre seleção visual, categorização temática e interpretação crítica, sob pena de se reduzirem a recursos estéticos desvinculados das decisões técnicas que configuram o espaço.

2.3.3 Processamento multimodal e inteligência artificial generativa

As ferramentas examinadas nas seções anteriores produzem registros de naturezas distintas: respostas estruturadas e abertas dos formulários, imagens dos repositórios e painéis, documentos textuais e materiais audiovisuais. Essa heterogeneidade, mais do que o volume, é o desafio específico na elaboração do *briefing* em projetos de design de interiores residencial, pois exige correlacionar dados que não compartilham a mesma estrutura. O aumento da complexidade intensificou a necessidade de mecanismos capazes de organizar, correlacionar e recuperar os dados coletados. Como destaca Cross (2006), a qualidade das decisões depende da estruturação sistemática das informações e da explicitação dos critérios interpretativos adotados.

A inteligência artificial generativa ampliou a integração entre linguagem natural e referências visuais, favorecendo sistemas multimodais capazes de correlacionar textos e imagens na interpretação e na representação informacional. Radford *et al*. (2021) demonstram esse avanço com modelos treinados para estabelecer relações semânticas entre descrições textuais e conteúdos visuais.

No contexto da elaboração do *briefing* projetual, plataformas de inteligência artificial generativa, como *ChatGPT*, *Gemini*, *Copilot*, *Claude* e *DeepSeek*, apresentam possibilidades de apoio à organização semântica dos registros por meio de sumarização, agrupamento temático e correlação entre diferentes tipos de informação. Nesta pesquisa, o *ChatGPT* foi selecionado como ferramenta operacional de apoio à sistematização das informações, considerando sua disponibilidade no período de realização do estudo, sua interface baseada em linguagem natural e sua adequação à transformação dos registros levantados em sínteses interpretáveis pela equipe

projetual. Essa escolha é apresentada neste capítulo para situar a ferramenta no quadro conceitual da investigação, enquanto os testes exploratórios preliminares e os critérios empregados em sua seleção são detalhados no capítulo metodológico.

Apesar dessas possibilidades, o emprego de inteligência artificial generativa na sistematização das informações exige cautela. Como esses modelos produzem respostas por inferência probabilística, podem gerar sínteses formalmente coerentes, mas imprecisas, omitir informações ou estabelecer relações não sustentadas pelos registros fornecidos (Liu *et al.*, 2023). Estudos envolvendo profissionais de UX também demonstram a importância da experimentação direta com sistemas de aprendizado de máquina para relacionar suas capacidades e os dados processados aos objetivos dos usuários, bem como para identificar riscos e limitações associados à sua utilização (Feng; McDonald, 2023). A inteligência artificial constitui, portanto, um recurso de apoio à sistematização das informações, sem substituir a interpretação projetual nem a responsabilidade da equipe pela conferência, validação e definição dos critérios que orientam o projeto. Essa articulação entre possibilidades de processamento, limitações técnicas e mediação humana é sintetizada na Figura 14.

Figura 14 - Integração de ferramentas digitais e sistemas multimodais no *briefing* residencial



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na articulação teórica da pesquisa.

A Figura 14 apresenta uma síntese conceitual elaborada pela autora acerca das possíveis articulações entre ferramentas digitais e sistemas de inteligência artificial generativa na elaboração do *briefing* em projetos de design de interiores residencial. A organização proposta

compreende quatro núcleos funcionais: o levantamento estruturado das informações; a constituição do repertório visual e de seus registros; a análise e a sistematização semântica com possibilidade de mediação por inteligência artificial generativa; e a produção de uma síntese estruturada destinada a subsidiar a elaboração do *briefing* projetual. As plataformas representadas correspondem a possibilidades tecnológicas relacionadas a essas funções, não constituindo um conjunto de ferramentas aplicado ou comparado experimentalmente na pesquisa. No estudo empírico, apenas o *ChatGPT* foi empregado como recurso de apoio à sistematização das informações, conforme os critérios de seleção explicitados no capítulo metodológico. A mediação humana atravessa todo esse encadeamento, uma vez que cabe à equipe projetual interpretar os registros, verificar as sínteses produzidas e estabelecer critérios de coerência e adequação ao projeto.

CAPÍTULO III - MÉTODOS E TÉCNICAS

Este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa em quatro seções: a caracterização da investigação (3.1), o delineamento do estudo de caso e a definição da unidade de análise (3.2), a estrutura do *workshop* e os instrumentos de coleta (3.3) e os procedimentos de análise dos dados (3.4).

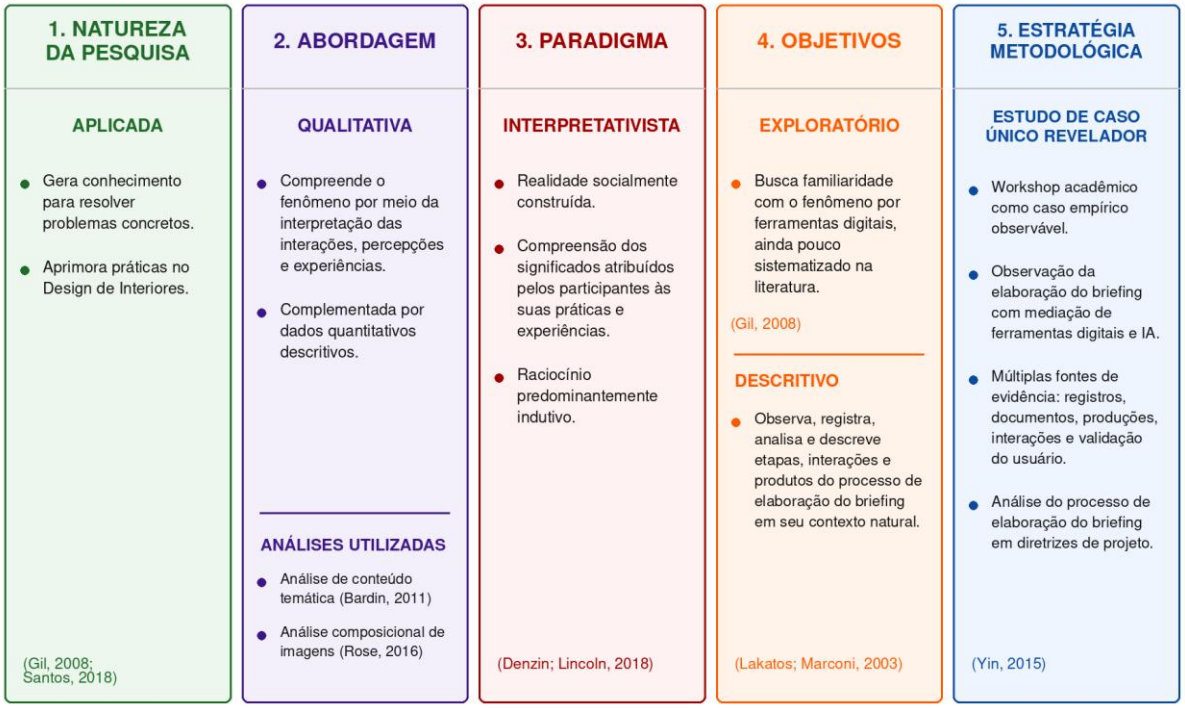
3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta investigação configura-se como pesquisa aplicada, voltada à compreensão e à qualificação das práticas de levantamento e organização das informações que sustentam a elaboração do *briefing* projetual em Design de Interiores residencial (Gil, 2008). A abordagem é qualitativa: o fenômeno é examinado a partir da interpretação das interações, percepções e experiências dos participantes (Creswell; Creswell, 2017). Informações descritivas foram utilizadas para caracterizar os participantes e o campo empírico; a interpretação dos resultados fundamenta-se em evidências qualitativas, tratadas por análise de conteúdo temática (Bardin, 2011) e por análise composicional de imagens (Rose, 2016).

A pesquisa insere-se no paradigma interpretativista, que concebe a realidade como socialmente construída e acessada pela análise das interações dos sujeitos no contexto investigado (Denzin; Lincoln, 2018), o que sustenta o raciocínio indutivo adotado. Quanto aos objetivos, a investigação é exploratória, por buscar familiaridade com um fenômeno ainda pouco sistematizado na literatura, a elaboração do *briefing* mediada por ferramentas digitais, e descritiva, por observar, registrar e analisar etapas, interações e produtos desse processo sem manipulação experimental das variáveis (Gil, 2008; Marconi; Lakatos, 2003).

Quanto à estratégia metodológica, a investigação estrutura-se como estudo de caso único do tipo revelador, abordagem pertinente ao exame de fenômenos contemporâneos em contextos reais, sobretudo quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não se mostram claramente definidas (Yin, 2015). A Figura 15 sintetiza essa caracterização.

Figura 15 - Síntese da caracterização metodológica da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O caso empírico corresponde a um *workshop* acadêmico que torna o processo de elaboração do *briefing* observável e registrável, permitindo acompanhar as interações entre designers em formação, o usuário participante e as ferramentas digitais empregadas no levantamento das informações. O delineamento desse caso e a definição da unidade de análise são detalhados a seguir.

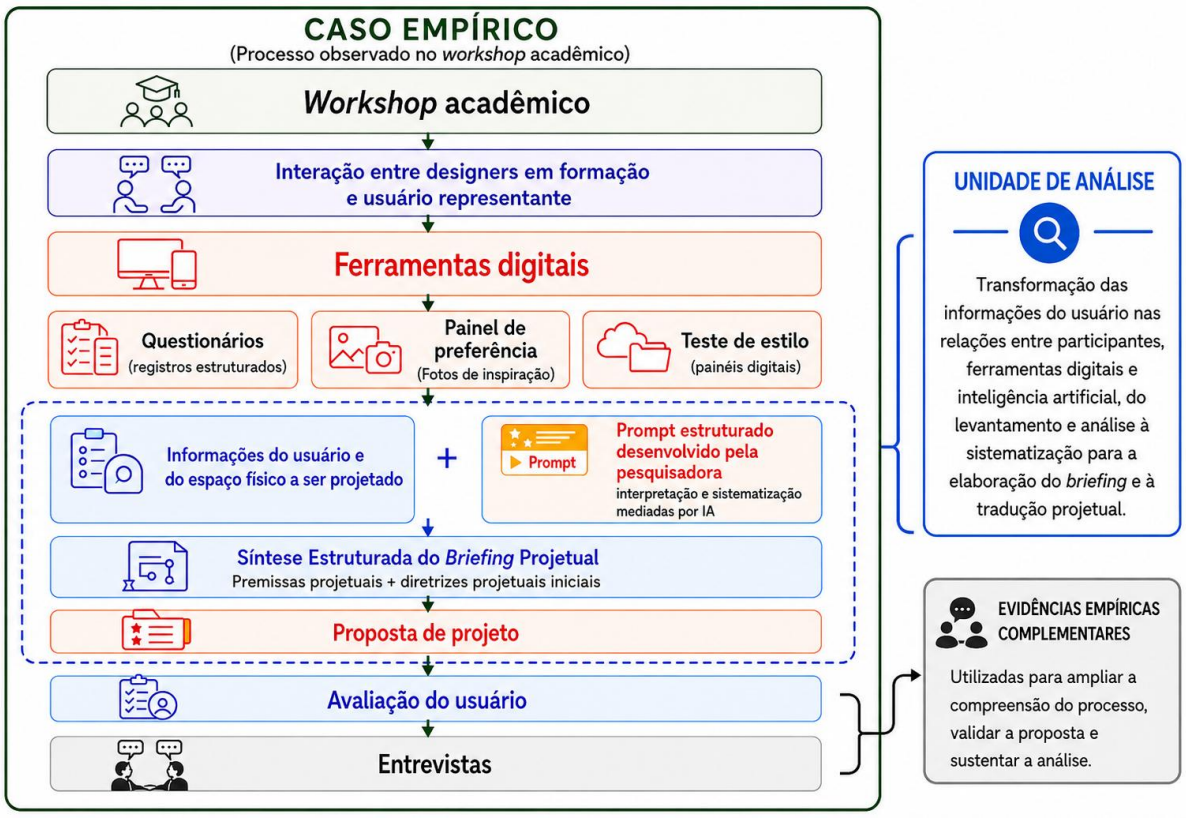
3.2 Delineamento do estudo de caso e unidade de análise

No Design de Interiores, a elaboração do *briefing* ocorre, na prática profissional, em interações privadas entre designer e cliente, raramente registradas de forma sistemática. Essa condição limita a observação direta das etapas de registro, organização e interpretação das informações que fundamentam as decisões de projeto e mantém o *briefing* restrito a descrições metodológicas gerais, com evidência empírica escassa sobre como o processo se desenvolve. Para enfrentar essa limitação, a pesquisa foi delineada como estudo de caso único, configuração adequada quando o pesquisador obtém acesso empírico a um processo inacessível à observação sistemática (Yin, 2015). Realizada em contexto acadêmico controlado, esta pesquisa não

reproduz integralmente a prática profissional de escritórios, mas permite examinar as interações, os registros e as mediações envolvidos entre estudantes e usuário durante a atividade.

O delineamento deste estudo organiza-se em torno de um percurso empírico único, no qual as informações do usuário são levantadas, analisadas, sistematizadas para a elaboração do *briefing* e posteriormente traduzidas em proposta projetual. Compreender esse percurso exige situar o contexto em que as evidências foram produzidas e as ferramentas que mediaram cada etapa. A Figura 16 apresenta o fluxo analítico de elaboração do *briefing* projetual mediado por ferramentas digitais e inteligência artificial, detalhado na sequência.

Figura 16 - Fluxo analítico de elaboração do *briefing* projetual com mediação de ferramentas digitais e inteligência artificial



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Yin (2015).

O processo investigado teve início no *workshop* acadêmico que constituiu o caso empírico desta pesquisa, no qual se estabeleceu a interação entre os participantes do grupo projetual e o usuário representante durante o desenvolvimento de um projeto para um dormitório residencial. As relações entre os participantes foram apoiadas por ferramentas digitais empregadas no levantamento e no registro das informações do usuário e do espaço físico, cujos

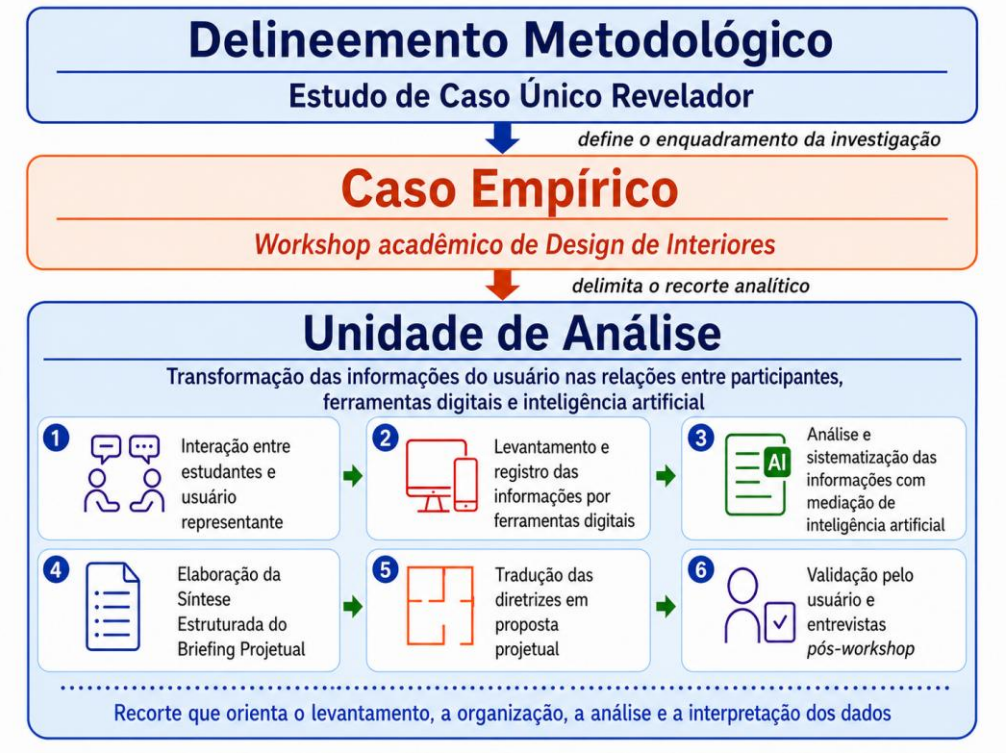
resultados subsidiaram a análise e a sistematização necessárias à elaboração do *briefing* projetual. As informações levantadas e registradas por meio dessas ferramentas foram posteriormente integradas a um *prompt*[1] desenvolvido pela pesquisadora, utilizado no *ChatGPT* para orientar sua organização e sistematização. Desse procedimento resultou a Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, denominação operacional elaborada pela autora para identificar o artefato documental produzido no contexto empírico. Esse documento organizou as informações em premissas e diretrizes projetuais iniciais e foi utilizado pelos participantes como referência para o desenvolvimento da proposta projetual. A proposta foi apresentada ao usuário para validação e complementada por entrevistas realizadas após o *workshop*, compondo o conjunto de evidências empíricas do estudo de caso. Esse percurso delimitou a unidade de análise da pesquisa: a transformação das informações do usuário nas relações entre participantes, ferramentas digitais e inteligência artificial, desde o levantamento e a análise até sua sistematização para a elaboração do *briefing* projetual e a posterior tradução das diretrizes em proposta projetual.

O levantamento das informações combinou três instrumentos: o questionário estruturado, o painel de preferências visuais e o teste de estilos. O questionário foi aplicado por meio do *Google Forms*; o painel de preferências reuniu imagens selecionadas pelo usuário no *Pinterest* e posteriormente organizadas em modelo elaborado no *Canva*; e o teste de estilos foi desenvolvido em formato digital, reunindo dezoito painéis imagéticos apresentados inicialmente em arquivo PDF. Durante a atividade, a dificuldade de diferenciação entre referências visualmente semelhantes evidenciou uma necessidade interpretativa imediata: tornar as preferências do usuário mais comparáveis, manipuláveis e compreensíveis para os participantes. Em resposta a essa condição, a pesquisadora complementou o suporte digital com cartões de estilos impressos, que reproduziam os mesmos painéis e possibilitavam seu manuseio, justaposição, reorganização e comparação direta. Essa adaptação favoreceu a verbalização das escolhas pelo usuário, a discussão com os estudantes e a observação das hesitações e dos critérios empregados durante a seleção. Os cartões impressos constituíram, portanto, um recurso físico complementar ao instrumento digital, mobilizado para responder a uma necessidade surgida no contexto empírico e favorecer a continuidade da interpretação das preferências do usuário.

A exposição desse encadeamento metodológico exige a explicitação do recorte analítico adotado na investigação. Em estudos de caso, a definição da unidade de análise constitui uma etapa central do delineamento metodológico, pois determina qual dimensão do fenômeno será examinada no contexto empírico selecionado (Yin, 2015). A unidade de análise representa o

recorte que orienta a coleta, a organização e a interpretação dos dados da pesquisa. Neste estudo, a relação entre o delineamento metodológico, o caso empírico e a unidade de análise é sintetizada na Figura 17.

Figura 17 - Delineamento metodológico, caso empírico e unidade de análise da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Yin (2015).

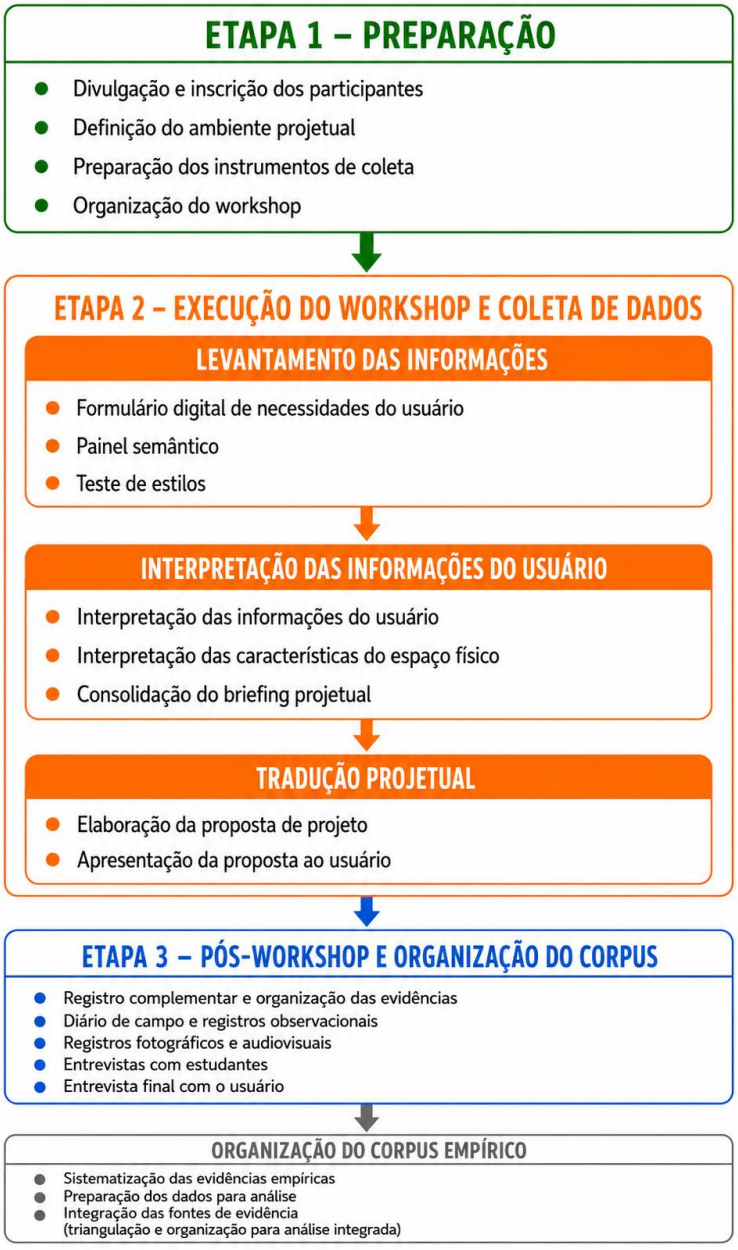
3.3 Estrutura do *workshop* e instrumentos da pesquisa

O *workshop* acadêmico funcionou como dispositivo metodológico da pesquisa, estruturando o exercício projetual em etapas sucessivas e observáveis. Nesse contexto, tornou-se possível acompanhar as relações estabelecidas entre os participantes e as ferramentas digitais durante o levantamento, a análise e a sistematização das informações do usuário e do espaço físico destinadas à elaboração do *briefing* projetual, bem como a posterior tradução das diretrizes em proposta de projeto, apresentada ao usuário para apreciação e validação.

Os procedimentos foram organizados em três etapas operacionais: preparação da atividade, execução do *workshop* com coleta de dados e pós-*workshop* destinado à organização do *corpus* empírico. Esta última etapa incluiu registros complementares, diário de campo,

materiais fotográficos e audiovisuais, entrevistas com os estudantes e entrevista final com o usuário. Essa estrutura favoreceu a identificação, o registro e a rastreabilidade das evidências produzidas ao longo da investigação. A Figura 18 apresenta o fluxo metodológico do *workshop* e a organização das evidências consideradas no estudo.

Figura 18 - Estrutura metodológica do *workshop* e produção das evidências empíricas



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Yin (2015).

O estudo de caso utiliza múltiplas fontes de evidência, que permitem examinar o fenômeno a partir de diferentes registros e construir a cadeia de evidências que conecta os dados coletados às interpretações analíticas (Yin, 2015). O uso de dados de naturezas distintas favorece

ainda a triangulação, procedimento recomendado para ampliar a consistência interpretativa em pesquisas qualitativas (Denzin, 1978). O Quadro 10 sistematiza as fontes de evidência, os tipos de dados e os momentos de coleta considerados no estudo.

Quadro 10 - Fontes de evidência, tipos de dados e momentos de coleta

Fonte de evidência	**Tipo de dado**	**Momento de coleta**
Formulário digital de necessidades do usuário	Dados estruturados	Levantamento
Painel de preferências	Dados visuais	Levantamento
Teste de estilos	Dados categóricos estruturados	Levantamento
Diário de campo (observação participante)	Registro observacional	Execução do *workshop*
Registros fotográficos e audiovisuais	Dados visuais e audiovisuais	Execução do *workshop*
Proposta projetual	Artefato projetual	Execução do *workshop*
Entrevistas com estudantes	Dados verbais (avaliação dos estudantes)	Pós-*workshop*
Entrevista de avaliação com o usuário	Dados verbais (avaliação do usuário)	Pós-*workshop*

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A organização das evidências empíricas adota a lógica de construção da cadeia de evidências no estudo de caso, ao estabelecer relações explícitas entre procedimentos de coleta, registros produzidos e dados analisados (Yin, 2015). A sistematização desses procedimentos visa assegurar coerência entre objetivos, instrumentos e evidências empíricas, conforme orienta a metodologia das investigações em ciências sociais aplicadas (Gil, 2008). Com essa estrutura, é possível explicitar as condições de realização da coleta de dados e o encadeamento das etapas que compõem o procedimento investigativo.

3.3.1 Preparação

A etapa de preparação definiu as condições empíricas e operacionais que sustentaram a coleta de dados: composição dos participantes, procedimentos éticos e institucionais, delimitação do objeto projetual, contexto de aplicação e instrumentos empregados. O Quadro 11 sistematiza esses componentes e sua finalidade metodológica.

Quadro 11 - Sistematização da etapa preparatória da pesquisa

Componente da preparação	**Procedimentos adotados**	**Finalidade metodológica**
Participantes	Adesão voluntária de estudantes do Curso de Design de Interiores (EDI) do IFPB, e participação de um usuário representante (UR) sem formação projetual, oriundo de outro curso da instituição	Possibilitar a interação entre participantes com formações distintas, permitindo examinar, em contexto empírico, como as informações do usuário são interpretadas, mediadas e traduzidas em elementos para o desenvolvimento projetual
Procedimentos éticos e institucionais	Aprovação em Comitê de Ética (Parecer nº 7.969.095 – Anexo A), aplicação do (TCLE – Apêndice A), autorização para registros audiovisuais e adoção de codificação alfanumérica dos participantes	Assegurar a conformidade ética e a proteção dos participantes, garantindo a legitimidade da coleta e a integridade dos dados empíricos produzidos
Objeto projetual	Definição de dormitório residencial fictício, com planta, dimensões, aberturas e elementos fixos previamente estabelecidos	Padronizar o contexto espacial, assegurando que as variações observadas decorram da interpretação das informações, e não das condições iniciais
Contexto empírico e infraestrutura	Realização da atividade em ambiente institucional do IFPB, em sala equipada com computadores, acesso à internet, *softwares* de modelagem tridimensional, projetor multimídia e materiais de apoio, previamente testados	Estabelecer um contexto empírico delimitado e controlado, condição fundamental para favorecer a consistência das condições de realização e a confiabilidade dos registros
Instrumentos de coleta de dados	Aplicação de formulário digital de levantamento de necessidades do UR, elaboração de painel de preferências, realização de teste de estilos, utilização de diário de campo e condução de entrevistas semi estruturadas pós *workshop*	Permitir a produção de múltiplas fontes de evidência, possibilitando a triangulação dos dados e o fortalecimento da consistência interpretativa da análise

Instrumentos operacionais	Elaboração de guia do *workshop* e cronograma detalhado, com definição das etapas, tempos e procedimentos de aplicação dos instrumentos	Padronizar a condução da coleta e assegurar uniformidade das condições de aplicação, contribuindo para a confiabilidade do estudo

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em Denzin (1978), Gil (2008) e Yin (2015).

A sistematização apresentada sintetiza os componentes estruturantes da etapa preparatória, explicitando as condições empíricas e operacionais que fundamentaram a coleta de dados. Esses elementos definem o ponto inicial do estudo e articulam-se às etapas seguintes do procedimento metodológico, compondo o encadeamento entre a preparação, a execução da atividade e a organização do *corpus* empírico.

O recrutamento dos participantes ocorreu por adesão voluntária à oficina ofertada durante o evento Pulsar 2025 realizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Em razão das condições estabelecidas para a inscrição no evento, não foram adotados critérios de exclusão relacionados à área de formação, ao período acadêmico, à experiência projetual ou ao domínio de *softwares* de representação e modelagem tridimensional. Desse modo, a composição do grupo não resultou de uma seleção intencional de perfis pela pesquisadora, mas do conjunto de inscritos que aceitaram participar da atividade e da pesquisa. Após as inscrições, os papéis foram organizados conforme as características formativas dos participantes: o estudante de Administração assumiu a função de usuário representante, responsável pelo fornecimento das informações e pela avaliação da proposta projetual, enquanto os participantes com formação ou vínculo acadêmico em áreas projetuais integraram o grupo responsável pelo desenvolvimento do projeto. A heterogeneidade quanto à formação e à experiência técnica foi considerada uma característica do caso empírico e registrada na análise das interações e dos resultados.

Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos: UR, correspondente ao usuário representante, e EDI-1 a EDI-7, correspondentes aos participantes do grupo projetual. A caracterização considerou a idade no momento do *workshop*, a formação, a situação acadêmica e a experiência prévia com ferramentas de representação e modelagem tridimensional. Essas características não constituíram critérios de seleção ou variáveis de comparação entre os participantes, mas foram registradas para contextualizar a heterogeneidade do grupo e auxiliar a interpretação das interações e da distribuição das atividades durante o estudo. O Quadro 12 apresenta essa caracterização.

Quadro 12 - Caracterização formativa e técnica dos participantes no momento do *workshop*

código	**Papel no *workshop***	**Idade**	**Formação e situação acadêmica**	**Experiência prévia com *softwares de* modelagem 3D**
UR	Usuário representante	18	Estudante do 2º período de Administração – IFPB	Não possui
EDI – 1	Grupo projetual	23	Graduada em Design de Interiores – 3 semanas - IFPB	*Revit*
EDI – 2	Grupo projetual	32	Estudante do 3º período de Arquitetura e Urbanismo – UFPB	*Revit* e *Sketchup*
EDI – 3	Grupo projetual	26	Graduada em Design de Interiores – 1 ano - FPB	*Sketchup*, *Vray* e *Autocad*
EDI – 4	Grupo projetual	23	Graduada em Design de Interiores – 1 ano	*Revit*
EDI – 5	Grupo projetual	43	Estudante do 5º período de Design de Interiores – IFPB	*Revit* e *Sketchup*
EDI - 6	Grupo projetual	20	Estudante do 2º período de Design de Interiores – IFPB	Não possui
EDI –7	Grupo projetual	18	Estudante do 1º período de Design de Interiores – IFPB	Não possui

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações declaradas pelos participantes (2026).

A atividade foi realizada na sala do Ateliê de Projeto II, localizada no Bloco de Design do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Destinado a atividades projetuais, o espaço dispunha de 20 computadores com acesso à internet, seis mesas de desenho, cadeiras, projetor multimídia, sistema de ar-condicionado e *softwares* de modelagem tridimensional previamente testados. Para o desenvolvimento da proposta, utilizou-se o *SketchUp*. O domínio da ferramenta não era homogêneo entre os integrantes do grupo: os participantes com maior experiência técnica concentraram a condução da modelagem tridimensional, enquanto os demais contribuíram para a interpretação das informações e para as discussões e validações coletivas. Essa distribuição de tarefas foi registrada como uma característica das interações estabelecidas no caso empírico.

A condução da coleta foi padronizada por dois instrumentos operacionais: o Guia do *Workshop*, com a descrição das etapas, as instruções de aplicação dos instrumentos e os procedimentos de registro (Apêndice D), e o cronograma detalhado, que definiu a sequência temporal das atividades e a distribuição das tarefas (Apêndice E). A apostila entregue aos participantes integra o Apêndice C. Esses documentos funcionaram como protocolo de execução, assegurando condições equivalentes de participação e uniformidade na aplicação dos

instrumentos.

3.3.2 Execução do *workshop* e a coleta de dados

A execução ocorreu em formato presencial, em dois dias, totalizando oito horas de atividade, conforme a sequência operacional detalhada na Etapa 2 da p. 65 e no cronograma detalhado (Apêndice E). Analiticamente, os procedimentos organizaram-se em três momentos interdependentes:

(a) Levantamento das informações: as informações iniciais do usuário e do espaço físico foram coletadas por meio de formulário digital, painel de preferências e teste de estilos, formando a base informacional do processo projetual;

(b) Interpretação e sistematização das informações: os registros obtidos foram submetidos ao protocolo de processamento mediado por inteligência artificial, estruturado a partir do *prompt* desenvolvido pela pesquisadora, resultando na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, primeira camada de tratamento interpretativo dos dados. Em seguida, os estudantes analisaram esse documento em articulação com as características do espaço físico, realizando a segunda camada interpretativa e consolidando o *briefing* que orientou o desenvolvimento das soluções espaciais;

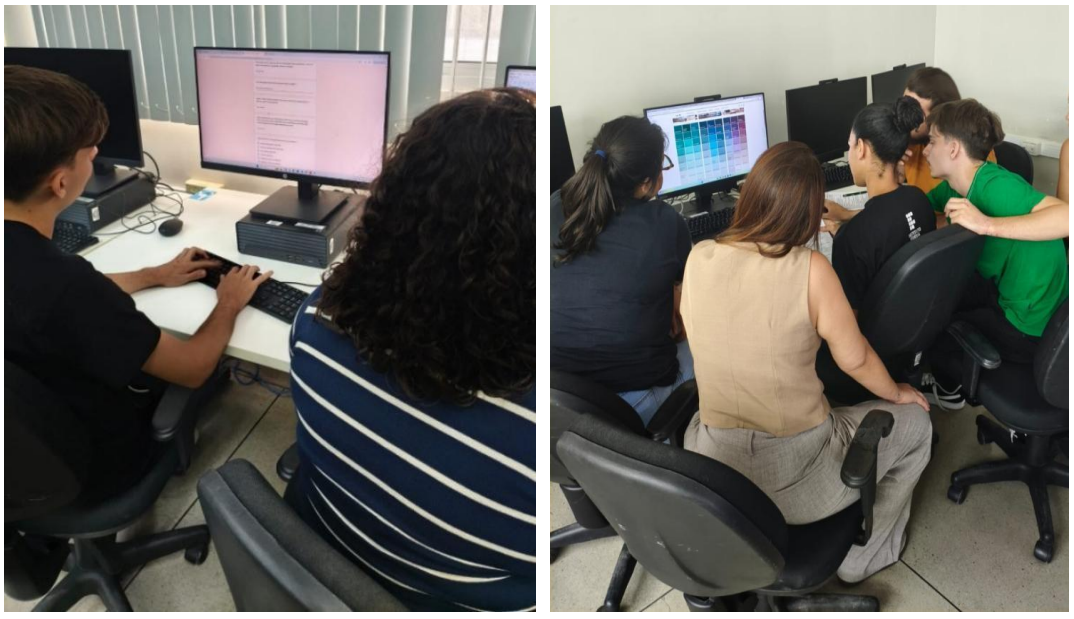
(c) Desenvolvimento projetual: a partir do *briefing* consolidado, os estudantes traduziram as informações em uma proposta projetual, utilizando modelagem tridimensional e recursos de representação gráfica. Ao final da atividade, a proposta foi apresentada ao usuário, que realizou sua apreciação e validação quanto à correspondência entre as soluções desenvolvidas e as informações inicialmente fornecidas.

Durante a execução, a pesquisadora realizou observação participante das interações, decisões e dificuldades, registrando-as no diário de campo, em registros fotográficos e em gravações audiovisuais, além de coletar artefatos produzidos, como documentos digitais, representações visuais e propostas projetuais. Esse arranjo metodológico possibilitou acompanhar a transformação das informações do levantamento inicial em dados organizados e, em seguida, em decisões projetuais, articulando registros empíricos estruturados, visuais, observacionais e verbais. Tal articulação contribuiu para a construção da cadeia de evidências do estudo de caso (Yin, 2015). A próxima seção detalha os procedimentos operacionais da execução do *workshop*, explicitando as condições concretas de aplicação dos instrumentos, os momentos de interação e os registros produzidos.

3.3.2.1 Procedimentos operacionais da execução do *workshop*

O exercício projetual do *workshop* concentrou-se em um dormitório residencial previamente delimitado, cujas informações técnicas: planta baixa, dimensões, localização das aberturas e condicionantes fixos, foram disponibilizadas no Guia do *Workshop* (Apêndice D), estabelecendo uma base comum aos participantes. Na abertura, a apresentação introdutória (Apêndice C) esclareceu os objetivos da pesquisa, a estrutura, as etapas e os instrumentos do *workshop*. No primeiro dia, à tarde, realizou-se o levantamento de informações com o usuário representante mediante o preenchimento do formulário digital de necessidades (Figura 19), a seleção de imagens para o painel de preferências e a aplicação do teste de estilos, com as ferramentas previamente apresentadas na descrição da segunda etapa **(**seção 3.2, p. 62**)**.

Figura 19 - Levantamento das informações do usuário com uso de ferramentas digitais e discussões coletivas.



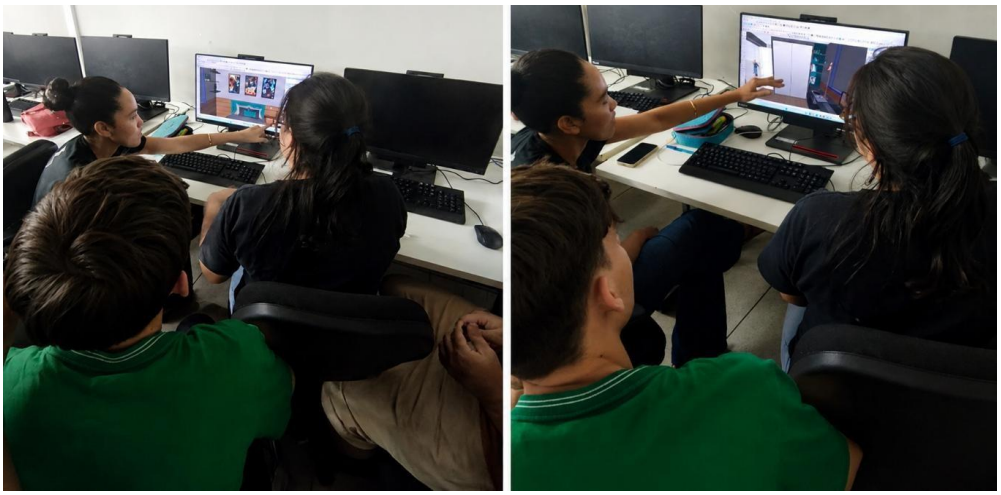
Fonte: Acervo da pesquisadora (2026).

A análise do painel de preferências subsidiou a compreensão das referências visuais, cromáticas e simbólicas e promoveu discussões coletivas entre os estudantes e o usuário. Em seguida, os registros foram organizados e processados com apoio de inteligência artificial, conforme o protocolo previamente descrito, resultando na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual.

No segundo dia, a partir da síntese estruturada, os estudantes elaboraram a proposta para o dormitório, utilizando o *software* de modelagem tridimensional *SketchUp*. Ao término da

atividade, a proposta foi apresentada ao usuário, seguida de discussão coletiva sobre a correspondência entre as soluções desenvolvidas e as informações previamente levantadas e sistematizadas (Figura 20).

Figura 20 - Apresentação da proposta de projeto pelos estudantes ao usuário



Fonte: Acervo da pesquisadora (2026).

3.3.3 Pós-*workshop* e organização do *corpus*

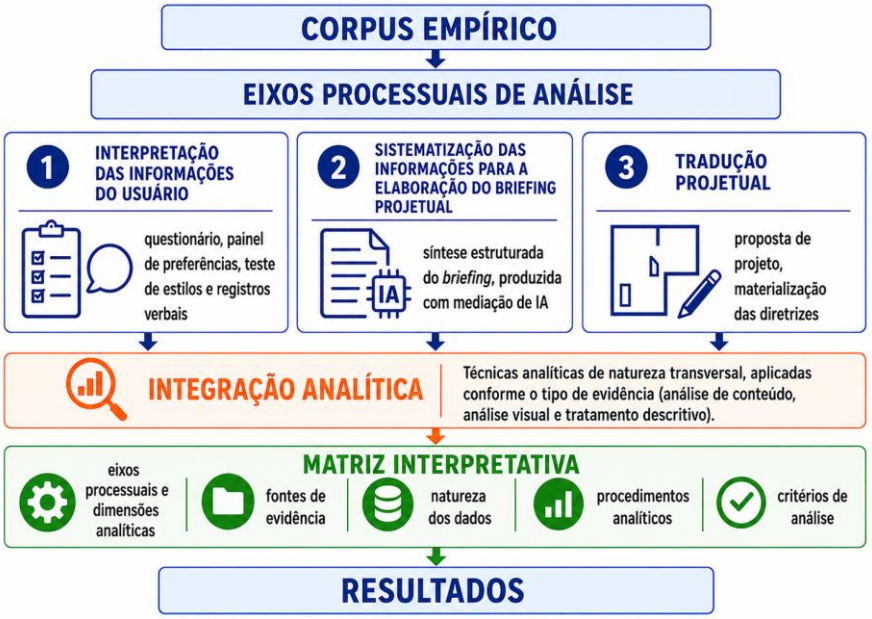
Concluída a atividade, os registros foram triados, classificados e reunidos em um banco de dados digital unificado, que integrou respostas ao questionário, painel de preferências, teste de estilos, Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, proposta projetual, registros fotográficos, gravações audiovisuais, anotações do diário de campo e transcrições das entrevistas. Padronizados e identificados por códigos alfanuméricos, os arquivos foram organizados em ambiente estruturado que preserva o anonimato dos participantes e a integridade das informações, conforme a Etapa 3 apresentada na pág 65.

Em seguida, as evidências foram classificadas segundo sua natureza e função: os registros verbais e observacionais, para codificação qualitativa; os artefatos visuais, catalogados e vinculados aos participantes; e os dados dos questionários, sistematizados para tratamento descritivo. Essa organização condicionou os procedimentos analíticos específicos de cada material, detalhados na seção seguinte.

3.4 Procedimentos de análise de dados

A análise compreende níveis distintos de dados: registros produzidos no levantamento, documentos resultantes da sistematização mediada por inteligência artificial e artefatos decorrentes da interpretação dos participantes, entendidos como instâncias sucessivas de transformação das informações. A partir da unidade de análise, o procedimento foi organizado em três eixos processuais interdependentes: (i) interpretação das informações do usuário; (ii) sistematização das informações para a elaboração do briefing projetual; e (iii) tradução projetual das diretrizes. Os dois primeiros eixos permitem examinar as relações estabelecidas entre os participantes e as ferramentas digitais durante o levantamento, a análise e a sistematização das informações, respondendo ao terceiro objetivo específico. O terceiro eixo subsidia a resposta ao objetivo geral, ao permitir verificar como as diretrizes registradas no briefing foram incorporadas, reinterpretadas ou deslocadas na proposta projetual. Duas dimensões analíticas complementares integram o procedimento: a validação e a experiência dos participantes, vinculadas ao quarto objetivo específico e à verificação da personalização; e a integração das evidências, que articula os achados em resposta ao objetivo geral. A Figura 21 sintetiza o fluxo de transformação das informações e a articulação entre o corpus empírico, os eixos processuais e a integração analítica.

Figura 21 - Procedimentos de análise dos dados e integração das evidências empíricas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A distinção entre dados textuais, visuais e estruturados foi incorporada como dimensão

transversal, orientando a escolha dos procedimentos analíticos e viabilizando estratégias de triangulação entre as múltiplas fontes de evidência (Denzin; Lincoln, 2006).

Para operacionalizar a análise, elaborou-se uma matriz interpretativa (Figura 22), que articula os eixos processuais e as dimensões analíticas complementares às fontes de evidência, à natureza dos dados, aos procedimentos empregados e aos critérios de análise. A matriz explicita a correspondência entre o percurso investigado, os dados produzidos e os procedimentos analíticos, assegurando transparência metodológica e coerência com os objetivos da pesquisa. Além disso, demonstra como as diferentes fontes de evidência foram integradas ao processo de análise.

Figura 22 - Matriz interpretativa para análise das evidências empíricas

	DIMENSÃO ANALÍTICA	FONTE DE EVIDÊNCIA	TIPO DE DADO	TÉCNICA ANALÍTICA	CRITÉRIOS DE ANÁLISE	OBJETIVOS
EIXOS PROCESSUAIS	**Interpretação das informações do usuário**	Questionário, painel de preferências, teste de estilos e discussões coletivas	Estruturado, visual, verbal e observacional	Análise temática (Bardin, 2011) e análise visual	Clareza, ambiguidade, completude e organização das informações	OG + OE3
	Sistematização das informações para a elaboração do *briefing* projetual	Síntese estruturada produzida com mediação de IA e registros do processo	Documental e textual	**Análise documental comparativa** (registros ↔ síntese) e análise de conteúdo	Seleção, hierarquização, reconfiguração das informações e consistência das diretrizes	OG + OE3
	Tradução projetual das diretrizes	Propostas elaboradas pelos estudantes	Visual e projetual	**Análise visual composicional** (Rose, 2016) e de aderência ao *briefing*	Aderência ao *briefing*, coerência espacial e materialização das diretrizes	OG
DIMENSÕES COMPLEMENTARES	**Validação e experiência dos participantes**	Entrevistas com o usuário e estudantes, e observação participante	Verbal e observacional	Análise temática das percepções (Bardin, 2011)	Aspectos facilitadores, desafios, limitações e percepção de utilidade	OG + OE4
	Integração das evidências	Conjunto articulado das fontes anteriores	Multimodal	Triangulação de dados (Denzin, 1978)	Convergências, divergências e rastreabilidade ao longo do percurso	OG + OE3 + OE4

As dimensões 1 a 3 correspondem aos eixos processuais do estudo (interpretação, sistematização e tradução).
As dimensões 4 e 5 compreendem análises complementares de validação e integração das evidências.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A matriz explicita a correspondência entre os eixos processuais e as dimensões analíticas complementares, os dados produzidos e os procedimentos empregados, assegurando coerência entre a análise e os objetivos da pesquisa. Esses eixos e dimensões são detalhados a seguir.

3.4.1 Interpretação das informações do usuário

O primeiro eixo examina como as necessidades, preferências e referências do usuário

foram registradas, analisadas e compreendidas nas relações entre os participantes e as ferramentas digitais durante o *workshop*. Foram considerados os registros verbais, visuais, observacionais e estruturados produzidos no levantamento: transcrições integrais das entrevistas e dos áudios, anotações do diário de campo, questionário, painel de preferências e resultados do teste de estilos.

Os materiais verbais foram submetidos à análise temática (Bardin, 2011), com codificação em unidades de significado, o que possibilitou identificar padrões, recorrências, tensões e variações nas interpretações atribuídas pelos participantes. Os registros visuais foram examinados por análise composicional, considerando a organização dos elementos, a coerência compositiva e as relações entre imagens, referências e significados atribuídos (Rose, 2016). Os dados estruturados dos questionários receberam tratamento por estatística descritiva. Além do conteúdo produzido, foram examinadas as ações de registro, seleção, comparação e interpretação realizadas pelos participantes em interação com os instrumentos utilizados. Esse conjunto de procedimentos permitiu examinar os níveis de clareza, ambiguidade e organização das informações do usuário, base analítica para os eixos subsequentes de sistematização e tradução projetual.

3.4.2 Sistematização das informações para a elaboração do *briefing* projetual

O segundo eixo examina a sistematização das informações obtidas no levantamento para a elaboração do *briefing* projetual, realizada com a mediação do *ChatGPT (OpenAI)* a partir de um *prompt* estruturado pela pesquisadora. A análise considerou a correspondência entre os registros de entrada, questionário, painel de preferências, teste de estilos e a síntese estruturada do *briefing* produzida como resultado desse processo.

Adotou-se uma abordagem documental comparativa, articulada à análise de conteúdo, para examinar como as informações foram selecionadas, hierarquizadas e reconfiguradas durante a sistematização. Foram considerados os critérios de organização empregados, as omissões, as simplificações, as inferências não sustentadas e os eventuais deslocamentos de sentido entre os registros originais e o documento produzido. Também foram examinadas as formas de mediação humana presentes na elaboração do *prompt*, no uso da síntese pelos estudantes e na validação posterior das informações. Esse procedimento permitiu analisar tanto a Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual quanto as relações estabelecidas entre participantes e ferramentas durante sua elaboração.

3.4.3 Tradução projetual das diretrizes

O terceiro eixo investiga a conversão das diretrizes sistematizadas em soluções espaciais. Foram examinados os artefatos projetuais produzidos pelos estudantes durante o *workshop*, entendidos como registros das decisões interpretativas tomadas ao longo do desenvolvimento da proposta.

A análise empregou abordagem visual-composicional articulada à verificação da correspondência entre *briefing* e proposta, examinando a organização espacial, a articulação entre funções e usos, a coerência formal e cromática e a materialização das diretrizes no espaço projetado. Buscou-se identificar em que medida as soluções incorporam, reformulam ou se distanciam das informações sistematizadas, considerando reformulações e deslocamentos como inerentes ao processo de projeto. Os resultados desse eixo são posteriormente confrontados com as percepções dos participantes na dimensão de validação.

3.4.4 Validação e experiência do usuário

Esta dimensão analítica complementar examinou a apreciação do usuário em relação à proposta projetual apresentada e as percepções dos participantes acerca do uso das ferramentas digitais ao longo do *workshop*. Foram considerados os registros da apresentação final, as entrevistas realizadas com o usuário e os estudantes e as observações produzidas durante a atividade.

A análise foi conduzida por meio de análise temática das verbalizações e registros observacionais, buscando identificar facilidades, dificuldades, limitações e percepções de utilidade relacionadas ao processo de levantamento, sistematização e tradução das informações em proposta projetual. No caso do usuário, examinou-se também a correspondência percebida entre as informações inicialmente fornecidas e as soluções apresentadas. Essa dimensão não corresponde a uma nova etapa do percurso investigado, mas a um nível complementar de análise, voltado à apreciação da proposta e à compreensão da experiência dos participantes com os instrumentos utilizados.

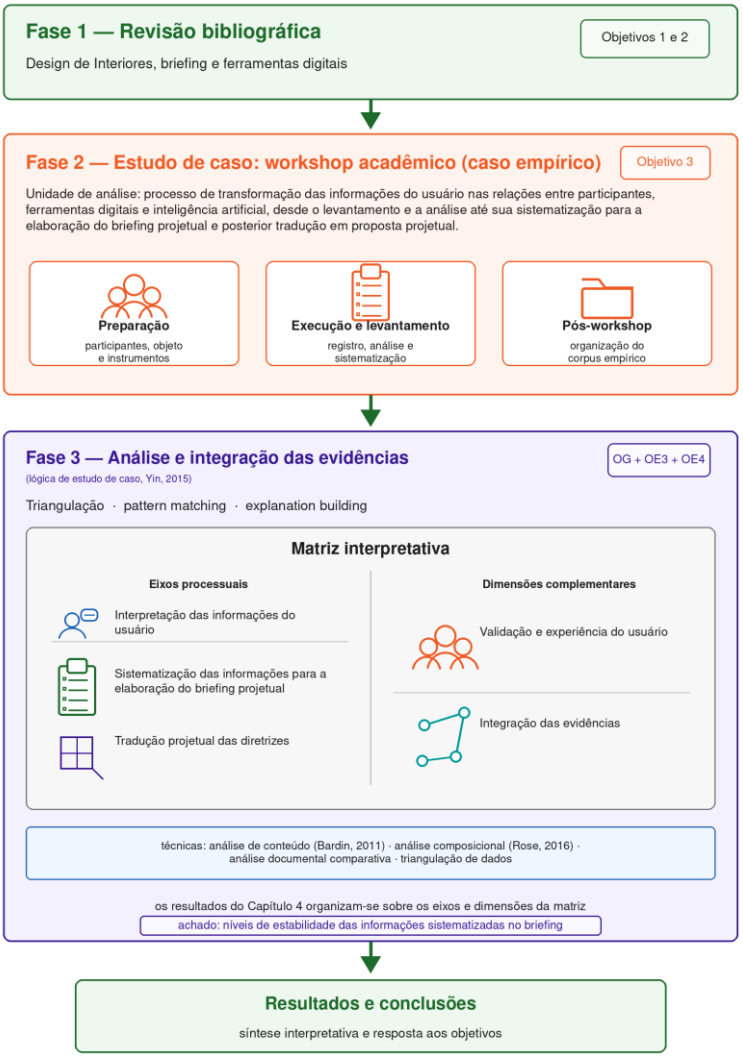
Para fins desta pesquisa, a personalização foi operacionalizada como a correspondência percebida entre as informações fornecidas pelo usuário, necessidades funcionais, hábitos, preferências visuais e referências identitárias, e as soluções espaciais, materiais, cromáticas e simbólicas apresentadas na proposta. Essa correspondência foi examinada por meio da triangulação entre os registros iniciais do usuário, a síntese estruturada do *briefing*, a proposta

projetual, as verbalizações produzidas durante a apresentação e as observações de campo. Considerando que o ambiente não foi executado e não houve avaliação pós-ocupação, a análise restringiu-se à aderência perceptiva da proposta no contexto do *workshop*, não abrangendo o desempenho do espaço construído.

3.4.5 Integração das evidências

A Figura 23 apresenta uma visão de conjunto do percurso metodológico da pesquisa, reunindo, de forma sequencial, as etapas de fundamentação teórica, produção dos dados, análise dos eixos processuais e integração final dos resultados.

Figura 23 - Síntese do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Conforme sintetizado na Figura 23, a integração das evidências articula os resultados dos três eixos processuais com as percepções dos estudantes e do usuário, obtidas nas entrevistas pós-*workshop* e nos registros verbais das apresentações e discussões das propostas, captados em áudio e posteriormente transcritos. A análise integrada foi operacionalizada mediante a triangulação das fontes e a construção da cadeia de evidências, utilizando-se a matriz interpretativa como instrumento de sistematização das relações entre dimensões analíticas, fontes de evidência, procedimentos e critérios de análise. Esse procedimento permitiu identificar convergências, divergências e complementaridades entre os achados de cada eixo, bem como construir inferências fundamentadas sobre o processo de transformação das informações no contexto investigado, assegurando a rastreabilidade das interpretações e a consistência metodológica da pesquisa. Com base nesse delineamento, o capítulo seguinte apresenta os resultados, estruturados de acordo com os eixos processuais e as dimensões complementares definidos.

3.5 Declaração de uso de ferramentas de inteligência artificial generativa

Durante a realização da pesquisa e a elaboração da dissertação, diferentes ferramentas de inteligência artificial generativa foram empregadas para finalidades específicas, delimitadas a seguir. O *Claude (Anthropic)*, o *Grammarly* e o *Canva* foram utilizados em suas versões pagas; o *ChatGPT (OpenAI)*, em sua versão gratuita, disponível no contexto do *workshop* realizado no IFPB. O *ChatGPT* foi utilizado exclusivamente como recurso de apoio à sistematização das informações do usuário no procedimento empírico, conforme descrito nas seções 3.2 e 3.4.2 e analisado na seção 4.2. O *prompt* empregado e a Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual resultante desse procedimento constam, respectivamente, nos Apêndices F e G. O *Claude* foi utilizado, em conjunto com o *Grammarly*, como apoio à verificação de questões relacionadas à norma culta da língua portuguesa no texto da dissertação. A redação, as escolhas lexicais e as decisões estilísticas permaneceram sob responsabilidade da autora. Os esquemas e diagramas ilustrativos da dissertação foram montados pela autora no *Canva*, ambiente de edição e composição gráfica que disponibiliza, entre suas funcionalidades, recursos assistidos por inteligência artificial para ajustes operacionais de formatação, alinhamento e diagramação. A concepção, a estrutura informacional, os textos, as relações entre os elementos e a composição final de cada esquema foram desenvolvidos pela autora; nenhuma imagem da dissertação resulta

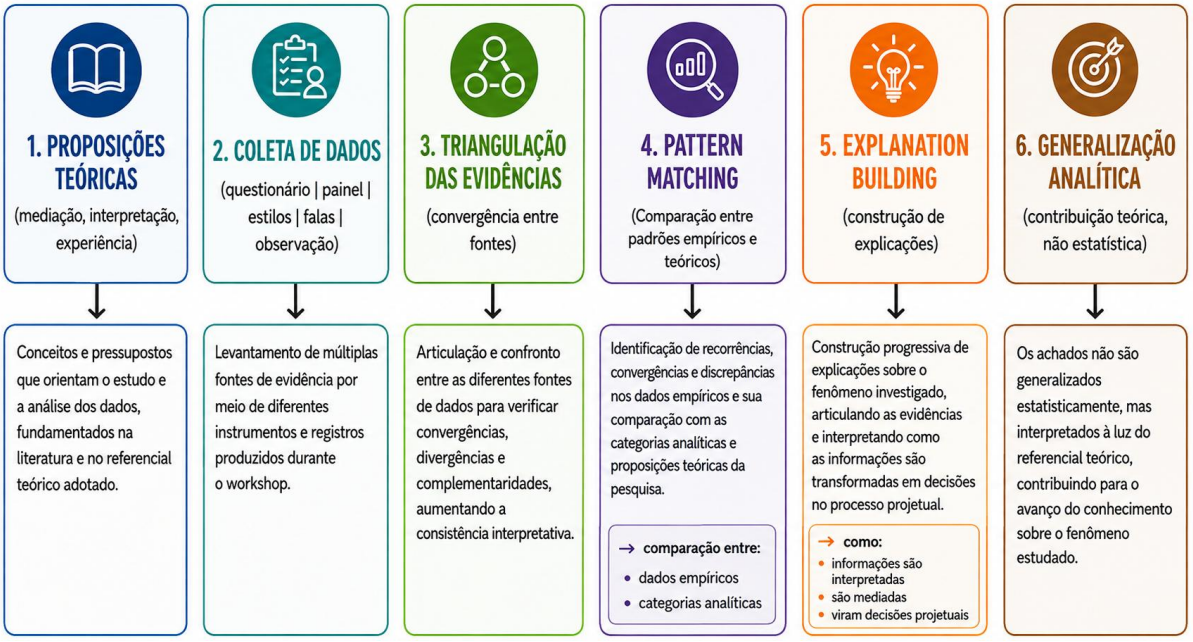
de geração automática por inteligência artificial. Nenhuma dessas ferramentas foi empregada de maneira autônoma para definir categorias analíticas, interpretar as evidências, formular os resultados ou produzir as conclusões da pesquisa. A seleção dos conteúdos, a validação das informações, a redação final e as decisões teóricas e metodológicas permaneceram sob responsabilidade da autora.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo estrutura os resultados da pesquisa por meio da análise das evidências empíricas produzidas no *workshop*, fundamentando-se no delineamento metodológico previamente definido. A investigação delimita de que modo as evidências resultantes do *workshop* foram interpretadas, sistematizadas e operacionalizadas em decisões projetuais, à luz das instâncias de mediação que configuram o fenômeno em estudo.

A estrutura analítica articula procedimentos e técnicas do estudo de caso fundamentados em Yin (2015), compreendendo o estudo de caso como processo de construção inferencial articulado entre múltiplas fontes de evidência. A interpretação dos dados fundamenta-se na triangulação das informações, na correspondência entre padrões empíricos e teóricos (*pattern matching*[2]) e na elaboração progressiva de explicações (*explanation building*[3]), estruturando uma cadeia lógica que vincula os dados empíricos às interpretações desenvolvidas ao longo do capítulo (Figura 24).

Figura 24 - Estrutura analítica do estudo de caso



Fonte: Adaptado de Yin (2015, p. 132–146).

O material empírico foi organizado em três eixos processuais interdependentes: (i) interpretação das informações do usuário; (ii) sistematização das informações para a elaboração

[2] *pattern matching:* técnica analítica que consiste em comparar padrões identificados nos dados empíricos com padrões previamente estabelecidos a partir das proposições teóricas, buscando correspondências ou divergências entre eles (Yin, 2015).

[3] *explanation building*: técnica analítica de construção progressiva de uma explicação sobre o caso, por meio da articulação iterativa entre evidências empíricas, proposições teóricas e interpretações desenvolvidas ao longo da análise (Yin, 2015).

do *briefing* projetual; e (iii) tradução projetual das diretrizes. Esses eixos representam momentos centrais da transformação das informações no processo investigado e permitem examinar, de forma articulada, as relações entre participantes, ferramentas digitais e artefatos produzidos. Também foram consideradas duas dimensões analíticas complementares: (iv) validação e experiência dos participantes, voltada à compreensão das percepções sobre o processo e seus resultados; e (v) integração das evidências, destinada ao exame das convergências, divergências e articulações entre os diferentes tipos de dados. A Figura 25 sintetiza essa operacionalização, explicitando as relações entre levantamento, análise, sistematização, tradução projetual e validação das evidências produzidas no *workshop*.

Figura 25 - Operacionalização analítica do estudo de caso: relações entre entradas, processos de transformação e evidências produzidas no *workshop*



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A partir dessa estrutura, observa-se que o processo investigado não se configura como uma sequência linear de etapas, mas como um sistema articulado de transformação das

informações. Diferentes tipos de dados são progressivamente interpretados, organizados e traduzidos em decisões projetuais, com mediações sucessivas entre participantes, instrumentos e artefatos produzidos. Com base nessa organização, inicia-se a análise do primeiro eixo processual: a interpretação das informações do usuário.

4.1 Interpretação das informações do usuário

A interpretação das informações do usuário corresponde ao primeiro eixo processual do estudo, dedicado a examinar como os registros produzidos no *workshop* foram transformados em subsídios para a elaboração do *briefing* projetual. Esse eixo não se restringe à descrição dos dados levantados, mas envolve a análise das relações estabelecidas entre os participantes e as ferramentas digitais durante o registro, a seleção e a interpretação de informações estruturadas, visuais, verbais e observacionais.

A leitura do material empírico considerou as diferentes naturezas dos dados produzidos durante a atividade. As respostas ao questionário, o painel de preferências, o teste de estilos, as falas do usuário e as observações de campo foram analisados de forma articulada, permitindo identificar como cada fonte contribuiu para a compreensão das necessidades, preferências e referências mobilizadas no processo de elaboração do *briefing* projetual. A análise fundamentou-se em procedimentos de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), contemplando a identificação de unidades de registro, sua codificação e o agrupamento em categorias analíticas. Em paralelo, a interpretação das referências visuais recorreu à análise composicional das imagens, segundo Rose (2016), considerando aspectos como cor, materialidade, organização espacial e iluminação. A combinação desses procedimentos permitiu estruturar as categorias que orientam a análise desenvolvida nesta seção, conforme sintetizado no Quadro 13.

Quadro 13 - Categorias analíticas do eixo de interpretação das informações do usuário

Categoria analítica	**Descrição**	**Evidências**
4.1.1 - Clareza e objetividade dos dados estruturados	Análise das informações obtidas por meio de instrumentos estruturados, considerando seu nível de explicitação e organização	Questionário *online*

4.1.2 - Interpretação visual das preferências do usuário	Análise das preferências do usuário a partir de estímulos visuais, considerando a leitura composicional das imagens e as verbalizações associadas	Falas do usuário, painel de preferências, observações de campo
4.1.3 - Ambiguidade e sobrecarga informacional	Análise das condições de interpretação associadas à exposição a múltiplos estímulos visuais, considerando o processo de escolha e as interações durante a atividade	Teste de estilos, falas, observações de campo
4.1.4 - Integração interpretativa das evidências do usuário	Análise da articulação entre diferentes fontes de dados, visando à identificação de relações e coerências entre as informações levantadas	Questionário, painel de preferências, teste de estilos

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A organização das categorias evidencia que a interpretação das informações do usuário foi examinada a partir de quatro categorias analíticas complementares: a clareza dos dados estruturados, a leitura visual das preferências, as situações de ambiguidade decorrentes da exposição a múltiplos estímulos e a integração interpretativa das evidências. A partir dessa estrutura, procede-se à análise detalhada de cada categoria, iniciando pelos dados obtidos por meio do questionário.

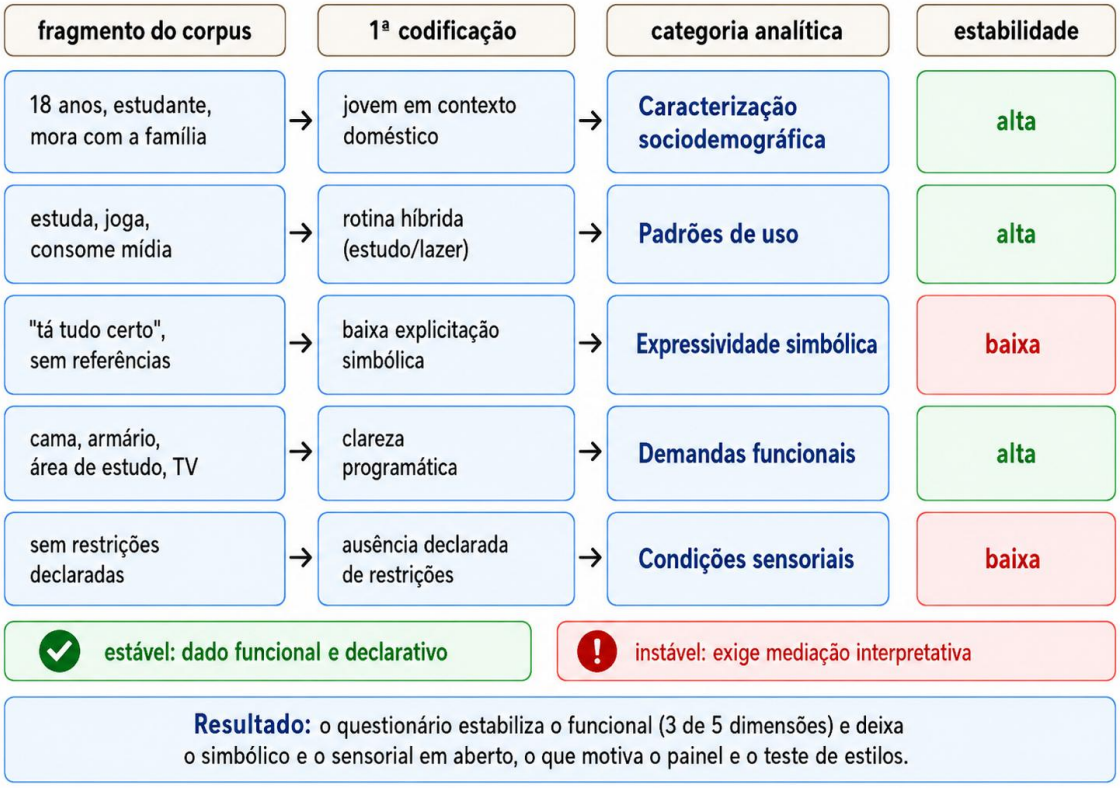
4.1.1 Clareza e objetividade dos dados estruturados: questionário *online*

A análise dos dados estruturados obtidos por meio do questionário evidencia um padrão de elevada clareza na interpretação das informações do usuário. Diferente dos registros visuais e verbais, que demandam maior esforço interpretativo, os dados provenientes do questionário apresentam caráter direto, favorecendo a explicitação objetiva das preferências e necessidades. Esse padrão pode ser observado na consistência das respostas e na ausência de dificuldades durante o preenchimento. As observações de campo indicam que o usuário realizou o questionário em ambiente digital (*Google Forms*) de forma fluida, sem necessidade de intervenção dos estudantes, evidenciando a adequação do instrumento como ferramenta de

coleta estruturada.

Para explicitar o tratamento analítico dos dados, as respostas foram organizadas em síntese orientada pelos princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2011). O procedimento contemplou: (i) identificação das unidades de registro; (ii) codificação inicial; (iii) agrupamento em categorias analíticas; e (iv) elaboração de inferências a partir dos dados. O resultado encontra-se sintetizado na Figura 26.

Figura 26 - Síntese dos resultados do questionário *online* respondido pelo usuário



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nas respostas do questionário e na Análise de Conteúdo (Bardin, 2011)

O processo de codificação apresentado revela que os dados estruturados se concentram em dimensões funcionais e declarativas do usuário, como perfil, rotina e demandas do ambiente. Em oposição, há baixa incidência de unidades de registro vinculadas a dimensões simbólicas e sensoriais, o que denota limitação na explicitação verbal de preferências subjetivas.

Esse padrão indica que o questionário opera como fonte de dados de alta estabilidade interpretativa, fornecendo informações diretas e pouco ambíguas, que delimitam com clareza as condições de uso e as demandas funcionais. Contudo, sua estrutura privilegia conteúdos objetivos, com menor potencial para captar aspectos ligados à experiência, à atmosfera e à

expressão simbólica. Os dados estruturados constituem, assim, um primeiro nível de explicitação das informações do usuário, cuja principal contribuição está na organização das necessidades declaradas; suas limitações evidenciam a necessidade de articulação com outras fontes de evidência, aptas a acessar dimensões não verbalizadas.

4.1.2 Interpretação visual das preferências do usuário: painel de preferências

A análise das preferências visuais do usuário tem início no painel elaborado durante o *workshop*, entendido como evidência visual resultante da seleção de referências organizadas conforme os temas previamente definidos no guia da atividade. Ao contrário dos dados estruturados do questionário, o painel não explicita preferências por respostas diretas, mas por escolhas, combinações e disposições de imagens. O painel de preferências do usuário (Figura 27) constitui a primeira evidência empírica deste eixo de interpretação, e sua análise foi conduzida a partir da abordagem composicional proposta por Rose (2016).

Figura 27 - Painel de preferências elaborado pelo usuário durante o *workshop*



Fonte: Elaborado pelo usuário (2026), no contexto da atividade.

Com base no painel de preferências do usuário, realizou-se uma análise composicional das referências visuais. O procedimento tomou como referência Rose (2016), cuja abordagem examina o conteúdo representado e os elementos formais da imagem, como: organização espacial, composição, cor, luz e modalidade, que participam da construção de sentidos.

Considerando as particularidades do objeto investigado, foram incorporados aspectos pertinentes ao Design de Interiores, como materialidade, textura e função das referências visuais. Para explicitar o procedimento adotado, esses elementos foram sistematizados pela autora em nove dimensões analíticas, apresentadas a seguir.

(a) Conteúdo da imagem: observa-se a predominância de ambientes residenciais, mobiliário funcional e elementos decorativos associados ao uso cotidiano, indicando baixa incidência de imagens abstratas ou conceituais.

(b) Organização espacial: o painel evidencia uma distribuição estruturada entre categorias visuais: ambientes, decoração, looks e cores, favorecendo continuidade entre as referências selecionadas.

(c) Composição formal: as imagens apresentam enquadramentos estáveis, baixa distorção visual e composições centradas, indicando preferência por referências organizadas e de fácil leitura.

(d) Cor: observa-se predominância de tons frios, neutros e naturais, com saturação baixa a média, especialmente em verdes, azuis e tons terrosos claros, o que configura uma ambiência visual relativamente estável e pouco contrastante.

(e) Luz: predomina a iluminação difusa e natural, com menor incidência de contrastes intensos, o que contribui para atmosferas visualmente suaves.

(f) Materialidade e textura: identifica-se recorrência de materiais naturais, como madeira, tecidos, fibras e vegetação, associados a referências de acolhimento e conforto ambiental.

(g) Modalidade: as imagens exibem alto grau de realismo e baixa estilização gráfica, mantendo vínculo com situações de uso cotidiano e com referências habitáveis.

(h) Função da imagem: predominam referências voltadas à ambientação e ao uso prático do espaço, com baixa incidência de imagens narrativas ou conceituais.

(i) Efeito visual e sentido: o conjunto visual indica referências associadas a conforto, estabilidade, acolhimento e organização espacial, mesmo que esses conteúdos não sejam explicitados verbalmente pelo usuário.

Observa-se, especialmente nos itens (d) e (f), convergência entre a composição cromática e a materialidade, o que denota uma orientação estética coerente, voltada à construção de ambiências estáveis e sensorialmente acolhedoras. A leitura composicional das imagens do painel aponta recorrência de padrões visuais consistentes entre as referências selecionadas, com predominância de materiais naturais, iluminação difusa, ambientes organizados e paletas

cromáticas formadas por tons frios, neutros e naturais, com baixa a média saturação. Esses padrões manifestam-se em referências espaciais, objetos, decoração, vestuário e cores, indicando convergência perceptiva entre distintos tipos de imagem. Observa-se também a recorrência de referências associadas a acolhimento, naturalidade, leveza e conforto ambiental, evidenciando relativa estabilidade estética entre as imagens selecionadas ao longo da atividade.

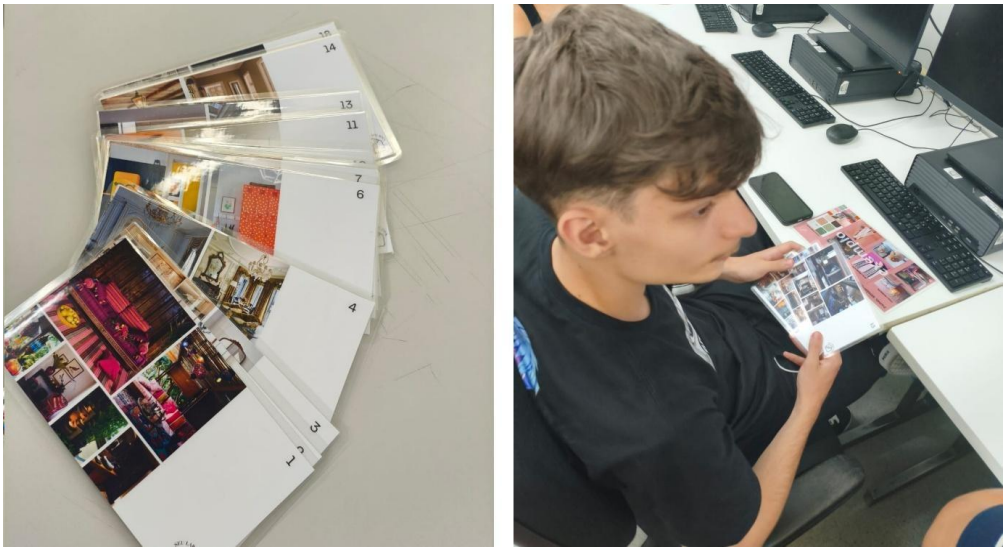
Em síntese, os resultados deste eixo indicam que o painel atua como dispositivo de externalização implícita das preferências do usuário, permitindo identificar recorrências visuais mesmo diante de baixa verbalização de conteúdos subjetivos. A interpretação dessas preferências resulta da convergência entre composição visual, seleção de referências e observação das interações ocorridas durante a atividade.

4.1.3 Ambiguidade e sobrecarga informacional: teste de estilos

Conforme previsto no Guia do *Workshop* (Apêndice D), o usuário foi apresentado a dezoito painéis de estilos e orientado a selecionar aqueles com os quais demonstrava maior afinidade. A escolha foi organizada em dois níveis: estilos principais, vinculados à linguagem formal do ambiente, e estilos secundários, relacionados à modulação da atmosfera espacial. Durante a atividade, os estudantes acompanharam a seleção, oferecendo esclarecimentos pontuais e apoio na organização das escolhas.

De acordo com o guia do *workshop*, o usuário foi exposto a um conjunto de dezoito painéis de estilos, inicialmente apresentados em formato digital, e orientado a selecionar aqueles de maior afinidade. As observações de campo indicaram que a apresentação simultânea dos estímulos visuais gerou dificuldades na tomada de decisão, especialmente em razão da similaridade composicional entre parte dos estilos. Identificaram-se hesitações recorrentes, comparações sucessivas e dificuldade de exclusão entre alternativas visualmente próximas, caracterizando sobrecarga informacional e baixa diferenciação perceptiva. Para responder a essa necessidade interpretativa imediata, a pesquisadora adaptou a apresentação dos estímulos, complementando o formato digital com cartões de estilos impressos que permitiram o manuseio, a reorganização e a comparação direta das alternativas visuais (Figura 28).

Figura 28 - Usuário utilizando cartões físicos no teste de estilos durante a atividade



Fonte: Acervo da pesquisadora (2026).

A introdução dos cartões físicos alterou a dinâmica de interação com os estímulos visuais, possibilitando o controle do ritmo de análise, a manipulação direta das referências e a comparação espacial entre alternativas. Essa reorganização favoreceu o andamento gradual das escolhas e reduziu as dificuldades percebidas no formato digital.

O resultado indica que as dificuldades no teste de estilos decorreram tanto da quantidade de alternativas quanto da forma de apresentação e interação com os estímulos. A substituição parcial do suporte digital por cartões físicos favoreceu a comparação entre opções e estabilizou o processo de escolha, permitindo ao usuário definir estilos principais e secundários associados às ambiências de sua preferência. As referências selecionadas revelaram recorrência de materiais naturais, paletas neutras e terrosas, iluminação difusa e linhas retas, elementos interpretados a partir da análise composicional de Rose (2016), segundo a qual materialidade, cor, luz e organização formal participam da produção de sentido das imagens. Nesse conjunto, os estilos contemporâneo, moderno e industrial, apresentados na Figura 29, indicam aproximações composicionais e funcionais que orientam a linguagem predominante do ambiente.

Figura 29 - Estilos principais selecionados pelo usuário



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos cartões físicos selecionados pelo usuário durante o *workshop*.

Os estilos contemporâneo e moderno evidenciam elevada proximidade formal, compartilhando organização visual, ambiência e materialidade semelhantes. O estilo industrial introduz maior diferenciação pela presença de estruturas aparentes e materiais brutos, embora mantenha aproximações com os demais estilos na organização funcional e na utilização de paletas neutras.

Os estilos secundários (Figura 30) atuam na modulação da atmosfera do ambiente, introduzindo atributos associados à textura, à leveza, ao acolhimento e à materialidade sensível. Apesar das distinções composicionais entre *boho*, litorâneo e minimalista, observa-se continuidade entre essas escolhas e as referências previamente identificadas no painel de preferências, especialmente na recorrência de materiais naturais, iluminação suave e ambiências acolhedoras. Algumas imagens presentes no painel reaparecem entre os estilos secundários escolhidos, indicando convergência entre os diferentes instrumentos utilizados e estabilidade composicional nas escolhas do usuário ao longo das etapas.

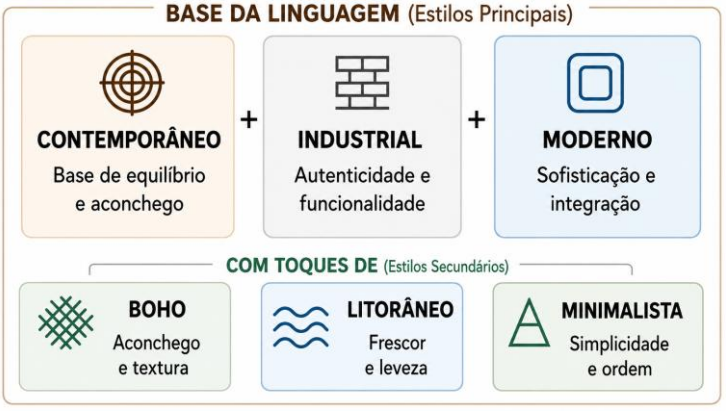
Figura 30 - Estilos secundários selecionados pelo usuário



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos cartões físicos selecionados pelo usuário durante o *workshop*.

O processo de escolha dos estilos foi marcado por dificuldades de diferenciação entre referências visualmente semelhantes, produzindo hesitação e sucessivas reorganizações das alternativas. Nesse processo, as intervenções dos estudantes assumiram a função de organizar a condução da atividade, atuando na explicitação de critérios comparativos, na delimitação das escolhas e na estruturação progressiva do processo decisório. A Figura 31 sintetiza a articulação entre os estilos principais e secundários selecionados pelo usuário.

Figura 31 - Síntese das escolhas do usuário no teste de estilos



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos resultados do teste de estilos.

Em conjunto, os resultados indicam que o processo de escolha dos estilos não se restringe à seleção isolada de imagens, configurando-se como uma construção progressiva baseada na articulação entre percepção visual, comparação composicional e organização das escolhas.

4.1.4 Interpretação das informações do usuário

A análise integrada dos dados da seção 4.1 permite identificar convergências entre necessidades funcionais, padrões perceptivos e preferências composicionais observadas nos diversos instrumentos do *workshop* (questionário, painel de preferências e teste de estilos). Embora resultem de abordagens metodológicas distintas, as informações apresentam recorrências que contribuem para a compreensão das necessidades, das preferências e dos critérios perceptivos do usuário.

Do ponto de vista funcional, os dados estruturados do questionário evidenciam um perfil de uso individual, associado a atividades de estudo, descanso e lazer, com necessidade de organização espacial e de adaptação a diversos usos cotidianos. No painel de preferências, as escolhas visuais revelam recorrência de ambientes organizados, materiais naturais, iluminação difusa e paletas cromáticas neutras e frias de baixa saturação, reforçando uma atmosfera de sobriedade e acolhimento; a baixa verbalização de conteúdos subjetivos contrasta com a consistência visual observada, evidenciando que parte das preferências se manifesta de modo composicional. No teste de estilos, as escolhas apontam para composições em linhas retas, organização geométrica e controle visual, com os estilos principais concentrando a estrutura formal do ambiente e os secundários introduzindo qualidades associadas à atmosfera e à materialidade sensível.

Em relação à composição cromática, observa-se que a cor desempenha papel complementar, e não estruturador, na configuração do espaço: a base dos ambientes mantém-se neutra, enquanto acentos cromáticos surgem pontualmente em objetos e detalhes decorativos, personalizando o ambiente sem comprometer a estabilidade visual. A articulação entre as diferentes fontes de evidência é sintetizada na Figura 32.

.

Figura 32 - Integração interpretativa das evidências do usuário



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A figura demonstra que os instrumentos empregados no *workshop* operam de modo complementar: o questionário explicita necessidades funcionais e objetivas; o painel de preferências amplia a compreensão das dimensões simbólicas, perceptivas e sensoriais do ambiente desejado; e o teste de estilos possibilita observar a hierarquização estética e o refinamento das escolhas composicionais. Os resultados indicam que a compreensão interpretativa do usuário emerge da convergência entre diferentes tipos de evidência, e não de um único instrumento. Essas evidências, contudo, permanecem distribuídas em distintos formatos de registro e níveis de explicitação, o que exige processos adicionais de organização para consolidá-las em uma estrutura interpretativa operacional. A etapa de sistematização dessas informações mediada por Inteligência Artificial, tratada na seção seguinte, torna-se central para transformar essas informações em um *briefing* estruturado.

4.2 Sistematização mediada por Inteligência Artificial

A seção anterior demonstrou que as informações do usuário, apesar das convergências identificadas, permaneciam dispersas em diferentes formatos de registro, níveis de explicitação e naturezas de dado.

O segundo eixo processual examina a sistematização das informações levantadas e interpretadas para a elaboração do *briefing* projetual. Conforme os procedimentos descritos nas seções 3.2 e 3.4.2, os registros provenientes do questionário, do painel de preferências e do teste de estilos foram organizados por meio de um *prompt* estruturado pela pesquisadora e processados com mediação do *ChatGPT*, resultando na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual. Nesta seção, analisa-se a transformação desses registros no documento produzido, considerando a seleção, o agrupamento, a hierarquização e a reorganização das informações, bem como possíveis omissões, simplificações e inferências não sustentadas. O foco analítico recai, portanto, sobre a função instrumental da tecnologia e sobre a mediação humana presente na estruturação do *prompt*, na conferência das sínteses e na validação das diretrizes, sem atribuir à inteligência artificial autonomia interpretativa ou projetual.

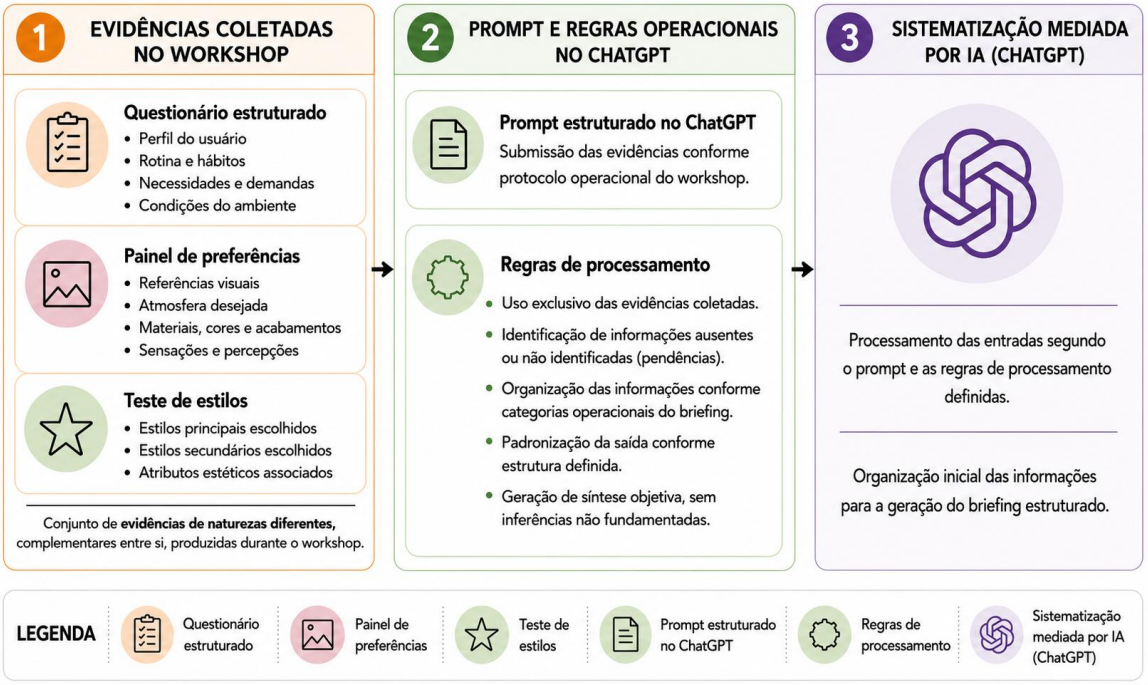
4.2.1 Estruturação do processo de sistematização mediada por IA

A sistematização foi realizada por meio do *ChatGPT (OpenAI)*, na versão disponível durante a realização do *workshop*, e envolveu o envio do questionário respondido, do painel de preferências com as referências visuais selecionadas e dos resultados do teste de estilos, incluindo a identificação dos estilos principais e secundários. Esses materiais integraram o conjunto de evidências, conforme a sequência prevista no Guia do *Workshop*.

O *prompt* foi concebido como protocolo de sistematização analítica, delimitando as informações processadas e a estrutura desejada para a síntese do *briefing* projetual. Para ampliar a rastreabilidade e estabelecer critérios para a utilização das evidências coletadas, os dados foram organizados conforme características funcionais, espaciais e de ambiência, e a padronização da saída em categorias como uso do espaço, materiais, iluminação, conforto, *layout*, composição cromática e hierarquia de estilos. Também foram incorporadas regras para direcionar o comportamento inferencial da IA.

A necessidade de sistematização resulta do caráter heterogêneo das evidências geradas no *workshop*. A sistematização mediada por inteligência artificial emerge, assim, como estratégia para reduzir a dispersão interpretativa entre participantes, buscando maior estabilidade, rastreabilidade e coerência na organização das evidências, sem eliminar a subjetividade inerente ao processo. A estrutura operacional dessa etapa está sintetizada na Figura 33.

Figura 33 - Organização das evidências para sistematização mediada



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base no guia metodológico do *workshop*.

A mediação da IA não substitui o processo interpretativo realizado nas etapas anteriores, mas atua na reorganização e na integração das evidências, constituindo etapa intermediária entre a interpretação das informações do usuário e sua transformação em estrutura operacional. Com base nessa organização, foi gerada a síntese estuturada do b*riefing* projetual do ambiente, analisada na subseção seguinte.

4.2.2 Estruturação do *briefing* projetual do dormitório

A estruturação mediada resultou na elaboração da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual do dormitório. O documento foi gerado pela IA com base nas evidências produzidas durante o *workshop*. Ao contrário dos registros anteriores (questionário, painel de preferências e teste de estilos), esse instrumento integra essas informações em uma estrutura única de consulta, orientada à organização operacional das premissas do ambiente. Ele foi organizado em dez blocos, da caracterização do usuário às ações iniciais de intervenção, possibilitando integrar informações de naturezas distintas em categorias operacionais. Sua organização está apresentada na Figura 34.

Figura 34 - Estrutura da Síntese Estruturada do *Briefing* projetual

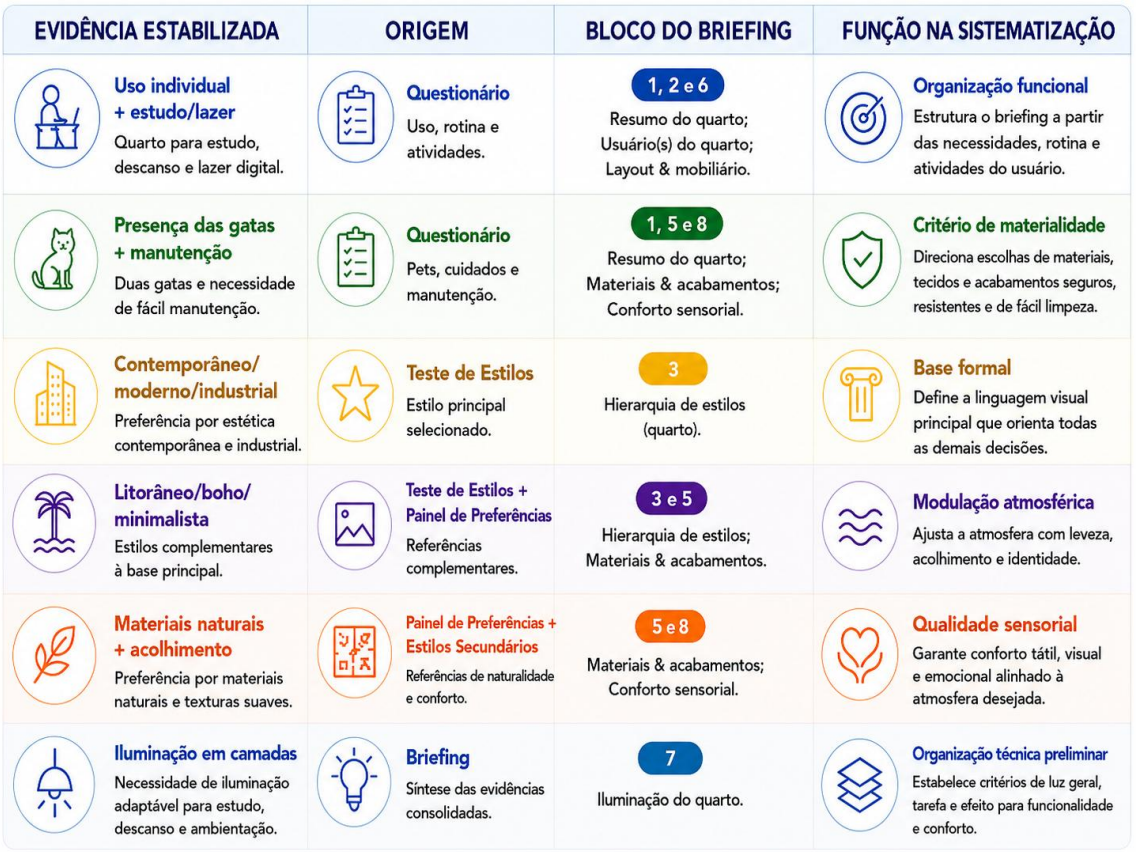


Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual gerado durante o *workshop*.

A Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual não é uma simples sequência de informações, mas uma estrutura de ordenação progressiva do problema projetual: os primeiros blocos concentram a caracterização do usuário e do ambiente; os blocos intermediários organizam preferências estéticas, cromáticas, materiais e espaciais; e os blocos finais registram pendências e ações iniciais, atuando como mecanismo de controle operacional do processo.

A estruturação mediada conferiu maior estabilidade à organização das informações funcionais, materiais e espaciais. Aspectos como uso individual do dormitório, necessidade de área de estudo, presença de animais, preferência por materiais de fácil manutenção, iluminação em camadas e atmosfera acolhedora foram reorganizados de modo coerente com as evidências das etapas anteriores. A Figura 35 sintetiza os principais pontos de estabilização identificados na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, relacionando as evidências de origem aos blocos em que essas informações foram integradas.

Figura 35 - Estabilizações interpretativas da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual durante o *workshop*.

Os resultados evidenciam que as informações sobre a atmosfera do ambiente apresentaram recorrência em diferentes fontes de evidência: características como naturalidade, conforto visual, leveza composicional e uso de materiais naturais aparecem no painel de preferências, nos estilos secundários selecionados e nos blocos de materialidade e conforto sensorial da síntese estruturada. Essa estabilidade, entretanto, não se manifestou de maneira uniforme em todos os blocos. Aspectos relacionados à composição cromática apresentaram inconsistências entre as indicações geradas na sistematização mediada e as preferências reconhecidas pelo usuário durante a atividade (Figura 36).

Figura 36 - Tensão cromática e validação perceptiva



Fonte: Acervo da pesquisa (2026), com base na Síntese Estruturada do B*riefing* Projetual e nas observações de campo durante o *workshop*.

A paleta cromática indicada na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual não se consolidou como referência aplicável ao projeto. Apesar da apresentação de códigos no formato HEX (hexadecimal), as cores não foram reconhecidas pelo usuário como alinhadas às suas preferências, o que exigiu validação perceptiva adicional durante a atividade. A definição cromática não se resolveu pela organização textual nem pela indicação técnica dos códigos, dependendo da mediação humana para ajustar a correspondência entre a atmosfera desejada e a percepção visual. A reformulação cromática resultante é analisada na seção 4.3.3.

Esse resultado indica que a organização mediada apresentou desempenho satisfatório na consolidação de informações funcionais, espaciais e de ambiência, mas encontrou limites ao traduzir preferências cromáticas subjetivas em especificações aplicáveis. Além das questões cromáticas, observou-se que alguns blocos da síntese apresentaram inferências operacionais que não correspondiam integralmente às evidências produzidas no *workshop*, especialmente nos blocos relacionados à iluminação, às pendências e às ações de rápida implementação. A Figura 37 sintetiza as principais inferências identificadas, relacionando os conteúdos produzidos pela sistematização mediada às observações realizadas em campo.

Figura 37 - Inferências operacionais identificadas na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nas observações de campo do *workshop*.

Parte das informações produzidas pela organização mediada extrapolou os limites das evidências originalmente coletadas. Em alguns casos, foram introduzidas soluções técnicas não discutidas durante a atividade, como fitas de LED e sistemas de dimerização; em outros, identificaram-se pendências referentes a informações já disponíveis e recomendações operacionais relacionadas a elementos inexistentes no contexto analisado. Esses resultados indicam que a organização mediada tende a preencher lacunas interpretativas com base em padrões recorrentes de modelos contemporâneos de *briefing*, o que evidencia a necessidade de validação crítica humana das informações produzidas, especialmente em situações que exigem decisões específicas do contexto projetual. Assim, a organização mediada por IA não atua como um mecanismo neutro de tradução das evidências, mas como um processo interpretativo condicionado tanto pelas entradas fornecidas quanto pelos padrões operacionais mobilizados no processamento das informações.

4.2.3 Limites interpretativos da sistematização mediada pela IA (*prompt*)

A sistematização mediada pela IA fundamentou-se na articulação de três componentes: as evidências produzidas no primeiro dia do *workshop* (questionário, painel de preferências e

teste de estilos), o protocolo de sistematização *(prompt)*, e a Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual gerada. Essa articulação demonstra que os resultados não decorrem apenas das informações coletadas, mas da forma como foram enquadradas, organizadas e traduzidas. Informações funcionais, espaciais e materiais apresentaram maior estabilidade interpretativa, especialmente quando sustentadas por dados objetivos e recorrentes; elementos como uso do dormitório, organização espacial, materialidade e atmosfera foram reorganizados de modo coerente e serviram como referência operacional no desenvolvimento inicial do projeto. Os registros de campo indicam que os estudantes não tiveram dificuldades relevantes na compreensão e na aplicação da síntese estruturada, considerada clara e útil para as decisões iniciais; a principal exceção ocorreu na definição cromática. Por outro lado, aspectos dependentes de percepção situada e validação subjetiva apresentaram maior instabilidade interpretativa. As principais fragilidades do documento são sintetizadas na Figura 38.

Figura 38 - Fragilidades da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base no protocolo de sistematização e nas observações de campo.

A Figura 38 sintetiza três condicionantes centrais do protocolo. O primeiro refere-se à exigência de completude operacional: ao solicitar blocos relacionados à iluminação, às

pendências e aos *quick wins*[4], o protocolo favoreceu respostas completas mesmo em situações nas quais as evidências disponíveis não sustentavam integralmente as informações produzidas, contribuindo para inferências como iluminação em camadas, sistemas de dimerização e ações operacionais genéricas. O segundo condicionante refere-se à tecnificação prematura da cor: a solicitação de códigos HEX transformou preferências cromáticas ainda não estabilizadas em especificações técnicas antecipadas, sem garantir correspondência com a percepção efetiva do usuário. O terceiro diz respeito à estrutura operacional do *prompt:* a organização da saída em categorias fixas e linguagem objetiva de prática profissional favoreceu padronização e simplificação interpretativa, tornando o documento mais legível e operacional, mas reduzindo o espaço para ambiguidades e nuances perceptivas próprias do processo interpretativo.

Nesse processo, a mediação humana permaneceu necessária para validar, ajustar e contextualizar as sínteses produzidas. A seção 4.2 evidencia, assim, que a Síntese Estruturada do *briefing* Projetual ocupou posição intermediária no percurso de transformação das informações do usuário e sua tradução projetual. Sua principal contribuição consistiu na organização de evidências dispersas em uma estrutura operacional coerente; seu principal limite esteve nas simplificações e inferências que exigiram validação crítica posterior por parte dos estudantes e do usuário.

4.3 Sistematização das informações para o briefing projetual

O eixo de tradução projetual corresponde ao momento em que as informações consolidadas na Síntese Estruturada do *briefing* Projetual passam a orientar o desenvolvimento da proposta de design de interiores do dormitório. Os estudantes o utilizaram como referência para definir as soluções espaciais, materiais, cromáticas e compositivas do ambiente. Nesse eixo, o *briefing* funcionou como estrutura orientadora das decisões projetuais, sem impor rigidez à consolidação da proposta: a análise considera como eles utilizaram, reinterpretaram, ajustaram ou descartaram as informações ao longo do processo. Fundamentada na lógica analítica do estudo de caso (Yin, 2015), esta seção articula observações de campo, registros fotográficos e artefatos projetuais, buscando compreender como as informações integradas (questionário, painel de preferências, teste de estilos e síntese estruturada do *briefing*) foram traduzidas em decisões projetuais do dormitório.

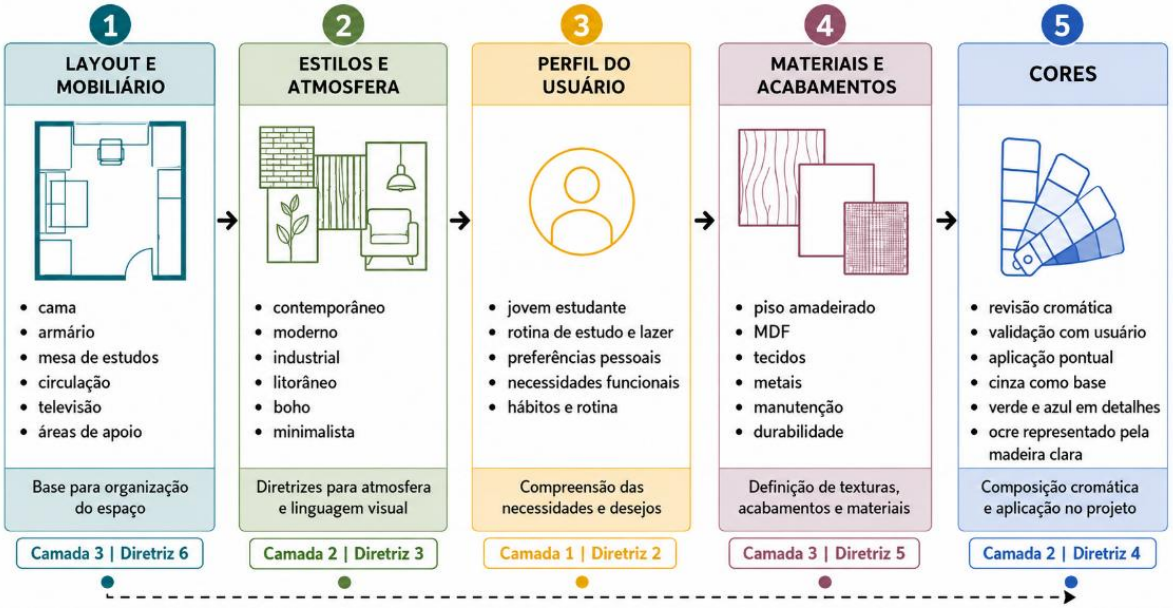
[4] *Quick wins* correspondem a ações imediatas e de baixa complexidade operacional, voltadas a melhorias rápidas no ambiente, devendo ser validadas à luz das evidências do *briefing.*

4.3.1 Organização do processo de tradução projetual

O processo iniciou-se com a disponibilização da Síntese Estruturada do *briefing* Projetual aos estudantes em formato impresso e digital. Os registros de campo indicam que a estrutura do documento favoreceu sua utilização durante as decisões iniciais do projeto, sobretudo pela organização operacional das diretrizes. Embora sete estudantes participassem da atividade, três concentraram a condução das principais decisões relacionadas ao *layout*, à materialidade, à composição cromática e à modelagem tridimensional; os demais contribuíram para as discussões e validações coletivas.

A ordem em que os estudantes se apropriaram da síntese estruturada não corresponde à sequência dos seus blocos. Enquanto o documento organiza as informações da caracterização do usuário às ações de implementação (Figura 34), a apropriação partiu do bloco de *layout* e mobiliário, com a definição dos elementos básicos do dormitório, cama, armário, mesa de estudos, cadeira, televisão, circulação e áreas de apoio. Em seguida, os estudantes consultaram as referências de estilos e o perfil do usuário, relacionando as decisões espaciais à atmosfera desejada, e só então mobilizaram as informações de materiais, acabamentos e cores. Essa reorganização, sintetizada na Figura 39, evidencia que a leitura do *briefing* seguiu as prioridades espaciais e compositivas do projeto, e não a ordem sequencial do documento.

Figura 39 - Hierarquização do uso das informações da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual conforme as necessidades do desenvolvimento projetual

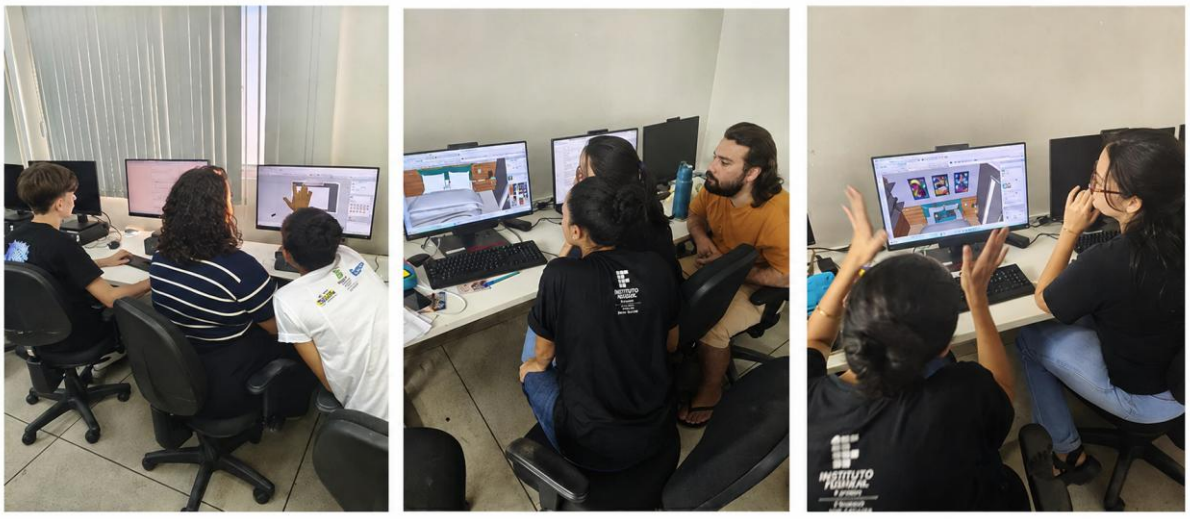


Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nas observações de campo.

A tradução projetual implicou a seleção, a hierarquização e a reinterpretação das informações. A Síntese Estruturada do *Briefing* atuou como referência consultiva, mas sua aplicação foi condicionada às decisões dos estudantes e do usuário ao longo do processo, que revelou tensões entre as diretrizes sistematizadas e as escolhas efetivadas. Essas tensões são analisadas em detalhe na seção 4.3.3.

No primeiro dia da atividade, iniciou-se a modelagem tridimensional do dormitório. No segundo dia, o encontro concentrou-se no refinamento das decisões espaciais, materiais e cromáticas, resultando na produção da proposta renderizada para apresentação ao usuário. Ao final do processo, o usuário solicitou a inclusão de quadros temáticos do anime *Fire Force*, incorporados posteriormente à ambientação do quarto. A Figura 40 apresenta registros do desenvolvimento projetual realizado pelos estudantes, evidenciando discussões, modelagem tridimensional e ajustes nas decisões espaciais e compositivas do dormitório.

Figura 40 - Desenvolvimento do processo projetual durante as atividades do 1º e 2º dias



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

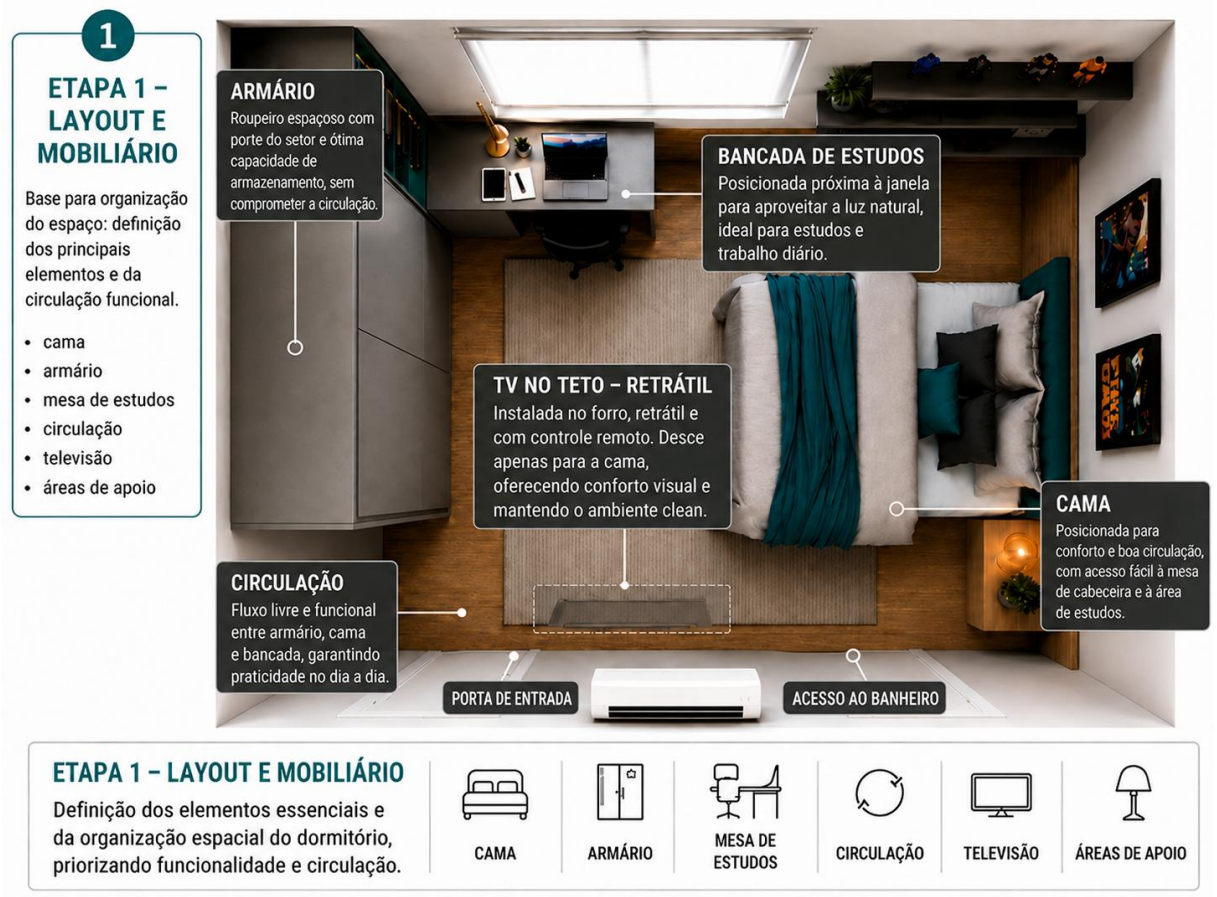
O desenvolvimento da proposta foi conduzido por ciclos sucessivos de modelagem, discussão coletiva e validação. As definições funcionais, espaciais e materiais apresentaram maior estabilidade, sobretudo as relacionadas ao mobiliário e à materialidade. A tradução projetual não ocorreu por reprodução direta das diretrizes sistematizadas, mas por sucessivas operações de seleção, adaptação e validação: embora o documento tenha estruturado as decisões iniciais, sua lógica sequencial deixou de orientar integralmente o processo à medida que as

validações perceptivas reorganizaram parte das diretrizes. A partir dessa dinâmica, procede-se à análise das soluções espaciais.

4.3.2 Tradução das premissas em soluções espaciais

A tradução projetual transformou as diretrizes da síntese estruturada em decisões espaciais, materiais e compositivas para o dormitório. A proposta desenvolveu-se conforme a hierarquização adotada pelos estudantes (Figura 39): *layout* e mobiliário, estilos e atmosfera, perfil do usuário, materialidade e, por último, a cor, tratada como camada de ajuste. O desenvolvimento deu-se no *SketchUp*, empregado para definir o *layout*, estruturar a organização funcional e visualizar a proposta, servindo ainda de suporte à discussão com o usuário. A análise acompanha essa sequência, iniciando pelo *layout* e pelo mobiliário (Figura 41).

Figura 41 - Tradução das premissas de *layout* e mobiliário na organização espacial do dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

A organização espacial do dormitório concentrou as atividades de estudo, descanso e lazer em uma estrutura linear de circulação contínua, compatível com a rotina identificada durante o *workshop*. Com a organização espacial definida, os estudantes mobilizaram as referências de estilos e a atmosfera desejada, aproximando as soluções das características perceptivas identificadas no painel de preferências e no teste de estilos. A Figura 42 sintetiza a relação entre as informações da síntese estruturada e as decisões compositivas adotadas.

Figura 42 - Tradução das referências de estilos e composição visual no dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

A tradução das referências de estilo não se deu pela reprodução literal de um único padrão, mas pela articulação de diferentes características perceptivas identificadas no *workshop*, com contraste moderado entre materiais e controle dos elementos decorativos. A adoção de madeira clara, iluminação equilibrada e inserção pontual de cores colaborou para um ambiente acolhedor, articulando funcionalidade e personalização.

O perfil do usuário (Figura 43) orientou parte das decisões espaciais e perceptivas: a

integração entre estudo, descanso e lazer digital condicionou escolhas como a bancada junto à janela, a televisão retrátil e a organização funcional do ambiente, incorporando referências à cultura pop e ao universo dos animes. A personalização resultou, assim, menos da inserção de objetos decorativos e mais da incorporação da rotina, dos interesses e das práticas cotidianas do usuário à configuração espacial.

Figura 43 - Tradução do perfil do usuário no dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

As decisões sobre materialidade e acabamentos estruturaram a definição perceptiva do dormitório. A seleção dos materiais reorganizou atributos de naturalidade, conforto visual e manutenção simplificada identificados nas evidências do usuário: piso amadeirado, madeira clara, acabamentos neutros e persiana *blackout* do tipo rolo consolidaram uma ambiência de baixa saturação visual e percepção estável. A tradução dessas escolhas está apresentada na Figura 44.

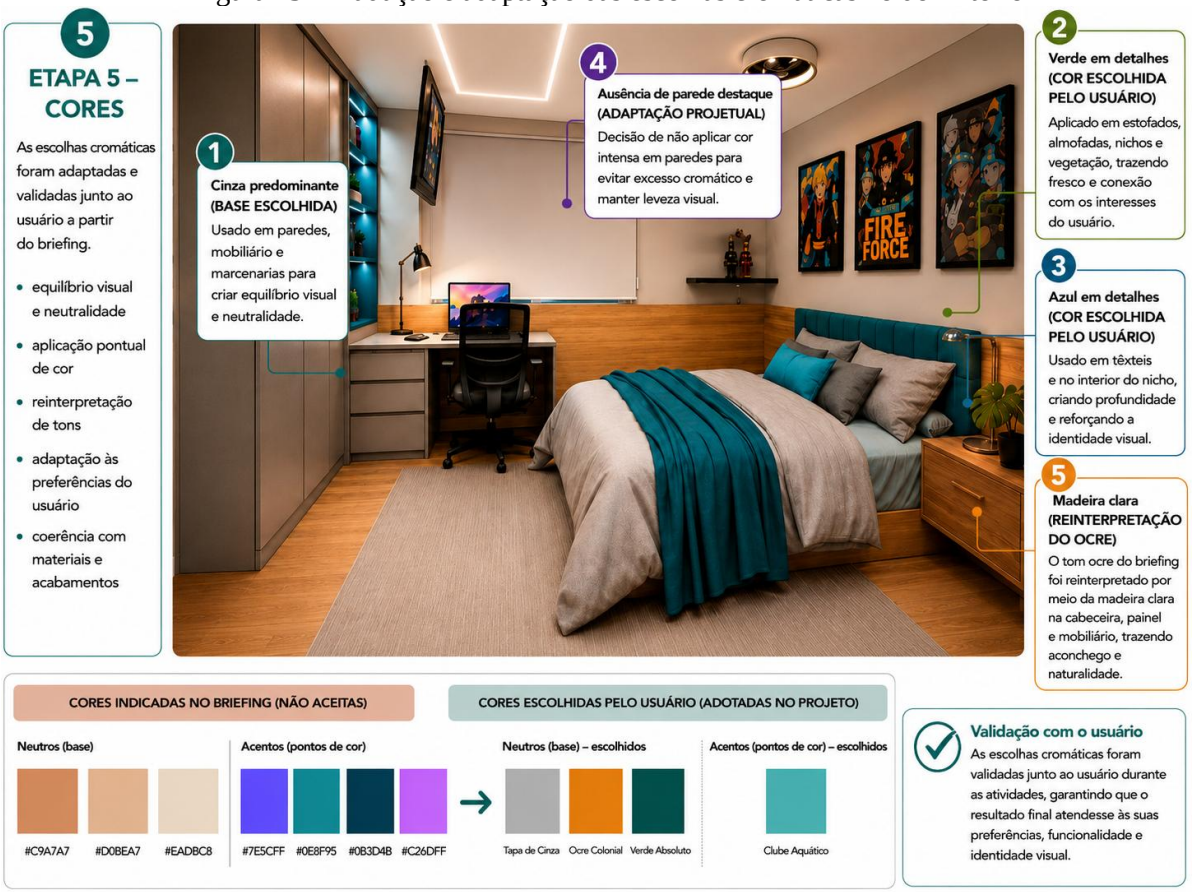
Figura 44 - Tradução da materialidade e dos acabamentos no dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

As decisões cromáticas sofreram sucessivas reformulações durante as validações perceptivas, perdendo a estabilidade que tinham no *briefing*, sobretudo pela saturação inicialmente prevista. A paleta indicada na síntese estruturada não se consolidou como referência aplicável: apesar da apresentação de códigos no formato HEX (hexadecimal), as cores não foram reconhecidas pelo usuário como alinhadas às suas preferências, o que exigiu validação perceptiva adicional durante a atividade, com o apoio do catálogo *online* da marca de tintas *Coral*. A definição cromática não se resolveu pela organização textual nem pela indicação técnica dos códigos, dependendo da mediação humana para ajustar a correspondência entre a atmosfera desejada e a percepção visual do usuário. O cinza passou a estruturar a base cromática do dormitório, enquanto azul e verde permaneceram restritos a aplicações pontuais em tecidos, mobiliário e elementos decorativos, e o tom ocre foi reinterpretado por meio da madeira clara na composição espacial (Figura 45).

Figura 45 - Tradução e adaptação das escolhas cromáticas no dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

Durante a tradução projetual, as diretrizes da Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual apresentaram comportamentos distintos. As informações funcionais e espaciais, como *layout*, circulação e mobiliário, foram incorporadas com maior estabilidade. Em contrapartida, aspectos relacionados à cor, à atmosfera, à intensidade visual e aos elementos decorativos dependeram de maior diálogo entre estudantes e usuário, pois exigiram ajustes sucessivos e validação das escolhas. Assim, essas decisões não foram aplicadas ao projeto, mas construídas a partir da aproximação entre as preferências do usuário, as evidências do *briefing* e as possibilidades projetuais. Esses comportamentos são examinados na subseção seguinte.

4.3.3 Permanências, reinterpretações e deslocamentos projetuais

A Síntese Estruturada do *briefing* Projetual operou como referência para o

desenvolvimento da proposta, sem estabelecer correspondência rígida entre as informações sistematizadas e a configuração final do dormitório. Durante a tradução projetual, parte dos elementos inicialmente definidos manteve estabilidade, enquanto outros foram reinterpretados ou perderam força orientadora diante das validações perceptivas e funcionais conduzidas ao longo da atividade.

A leitura desse processo apoia-se em três categorias analíticas: permanências, reinterpretações e deslocamentos, construídas nesta pesquisa a partir do agrupamento das evidências empíricas, conforme os procedimentos de categorização descritos por Bardin (2011). Permanências referem-se a elementos incorporados ao projeto com poucas alterações; reinterpretações abrangem conteúdos preservados em sua intenção, mas transformados em termos espaciais, materiais ou cromáticos; deslocamentos indicam informações recusadas, substituídas ou simplificadas durante as validações projetuais (Figura 46). As categorias dialogam com a compreensão do processo de projeto como definição progressiva do problema (Lawson, 2005), com a prática reflexiva fundada em reformulações sucessivas (Schön, 2000) e com a concepção do *briefing* como instrumento evolutivo, cujo conteúdo se ajusta ao longo do desenvolvimento (Blyth; Worthington, 2002). Essa abordagem afasta a análise da mera verificação de aderência ao *briefing* e direciona o foco para os modos de seleção, hierarquização e reformulação das informações ao longo do processo projetual.

Figura 46 - Síntese analítica do processo de tradução projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

4.3.3.1 Permanências

As principais permanências relacionam-se às definições funcionais, à organização espacial e à atmosfera geral do dormitório. Elementos como a integração entre estudo e lazer, a organização funcional, a circulação desobstruída e a linguagem visual contemporânea mantiveram-se estáveis durante a tradução projetual, sendo incorporados pelos estudantes de forma consistente. Definições ligadas à materialidade e à composição visual também se mantiveram, com destaque para o piso amadeirado claro, as linhas simples na marcenaria e a aplicação pontual de tons azulados e esverdeados. Elementos previstos entre as ações de rápida implementação, como luminária de mesa, prateleiras decorativas e tapete neutro, foram incorporados à proposta final. A Figura 47 sintetiza essas permanências.

Figura 47 - Permanências identificadas na tradução projetual do dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

Essas permanências sugerem que as informações vinculadas às necessidades funcionais, à organização espacial e às condições operacionais exigiram menos diálogo, ajuste e validação entre estudantes e usuário. Os elementos preservados apresentaram maior objetividade, pois estavam diretamente relacionados ao uso do dormitório, à circulação, ao mobiliário e à

distribuição funcional do espaço. A manutenção dessas premissas indica que a síntese estruturada contribuiu para estabilizar as decisões iniciais relativas à estrutura funcional do ambiente, aproximando-se da concepção de Lawson (2005) sobre o processo projetual como construção progressiva do problema. Nesse sentido, os conteúdos operacionais tenderam a se consolidar com maior facilidade quando organizados por instrumentos estruturados de coleta e síntese.

4.3.3.2 Reinterpretações

Ao contrário das informações ligadas à funcionalidade, os aspectos de composição visual, materialidade e linguagem cromática demandaram maior adaptação ao longo da atividade, evidenciando que sua incorporação ao projeto ocorreu por meio de ajustes sucessivos entre as referências do usuário, as possibilidades projetuais e as validações realizadas. Esse comportamento dialoga com a perspectiva de Schön (2000), que compreende o projeto como prática reflexiva fundamentada na avaliação contínua, na reformulação e no ajuste das soluções.

O caso cromático, detalhado na seção anterior, é a manifestação mais evidente desse padrão: as cores preservaram a intenção original do *briefing*, a busca por acolhimento e equilíbrio, mas foram transformadas em sua expressão concreta, migrando de indicações saturadas para uma base neutra com acentos pontuais (Figura 48).

Figura 48 - Reinterpretações projetuais identificadas durante o desenvolvimento do dormitório



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

Desse modo, o conteúdo não é recusado, mas reelaborado até corresponder à percepção do usuário. A materialidade seguiu a mesma lógica, com a linguagem visual ajustada pela redução de contrastes e pelo controle dos elementos decorativos. As reinterpretações concentram-se, assim, em informações de natureza perceptiva, ambiental e compositiva, indicando menor estabilidade dessas evidências na tradução projetual. Ao contrário das definições funcionais, as decisões sobre cor, intensidade visual e composição permaneceram abertas à negociação entre estudantes e usuário, exigindo sucessivas reformulações até sua consolidação.

4.3.3.3 Deslocamentos

Os principais deslocamentos identificados relacionaram-se às decisões cromáticas, às sugestões operacionais do *briefing* e à intensidade visual inicialmente prevista para o dormitório. Ao contrário das permanências funcionais e das reinterpretações materiais, os deslocamentos referem-se a informações não incorporadas ao projeto ou substituídas por soluções distintas.

Entre os deslocamentos mais evidentes destaca-se a não incorporação da parede de destaque colorida sugerida na síntese estruturada: estudantes e usuário consideraram que tal solução geraria excesso visual, e a parede de destaque foi substituída por composição em tons neutros nas superfícies principais. Foram ainda identificados deslocamentos relativos ao bloco de ações de rápida implementação e às soluções de iluminação: fitas de LED embutidas, sistemas de dimerização e parte das referências decorativas previstas deixaram de orientar a proposta. Muitas dessas diretrizes não decorreram diretamente das evidências fornecidas pelo usuário, aproximando-se de inferências operacionais associadas a padrões recorrentes nos modelos de *briefing* acessados pela inteligência artificial. Do mesmo modo, referências associadas aos estilos secundários, especialmente características dos repertórios litorâneo e boho, apresentaram baixa incidência na proposta final, que reduziu os contrastes decorativos, a variedade cromática e os elementos ornamentais inicialmente sugeridos. A Figura 49 sintetiza os principais deslocamentos identificados.

Figura 49 - Deslocamentos identificados na tradução projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual e na proposta projetual desenvolvida pelos estudantes durante o *workshop*.

O que distingue permanências, reinterpretações e deslocamentos não está na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, mas no momento em que cada informação é confrontada com a proposta concreta: é diante do ambiente representado que uma diretriz se confirma, se transforma ou se abandona. Por isso, a validação do usuário, examinada a seguir, não encerra o processo como etapa formal, mas o completa. É nela que se verifica quais decisões sustentam a validação do espaço projetado.

4.4 Validação e experiência do usuário

A apresentação da proposta final permitiu examinar como o usuário avaliou as soluções desenvolvidas pelos estudantes a partir das diretrizes organizadas na Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual. A validação perceptiva concentrou-se na atmosfera do ambiente, na organização funcional do dormitório, na materialidade adotada e na incorporação de referências vinculadas aos interesses pessoais do usuário. A Figura 50 sintetiza os principais elementos

validados durante a apresentação, bem como a principal divergência perceptiva identificada.

Figura 50 - Síntese da validação perceptiva da proposta apresentada



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base na apresentação da proposta desenvolvida pelos estudantes ao usuário durante *o workshop*.

A atmosfera acolhedora, a integração entre estudo e lazer, a materialidade amadeirada e a personalização do dormitório revelaram aderência perceptiva consistente durante a validação. A organização funcional do ambiente e a presença de referências vinculadas aos animes foram identificadas pelo usuário como compatíveis com suas preferências e modos de apropriação do espaço. Essa aderência evidencia a contribuição das ferramentas digitais para a interpretação das preferências do usuário e para a consolidação das diretrizes projetuais.

A principal divergência concentrou-se na televisão retrátil instalada no teto. Embora a solução apresentasse compatibilidade técnica com o layout e mantivesse distância adequada para visualização, o usuário manifestou desconforto quanto à posição de uso do equipamento, associando a experiência à necessidade recorrente de elevação do olhar. Esse episódio indica que determinadas decisões projetuais não se estabilizam exclusivamente por critérios técnicos

ou espaciais, permanecendo condicionadas à experiência perceptiva elaborada pelo usuário em relação ao ambiente. A Figura 51 estrutura a síntese das principais verbalizações produzidas durante a apresentação, organizadas por categorias analíticas e núcleos de sentido derivados da análise de conteúdo.

Figura 51 - Síntese das verbalizações do usuário durante a apresentação da proposta

Código	Unidade de registro (verbalização do usuário)	Categoria analítica	Núcleo de sentido
V01	"... dentro de um quarto assim, pelo menos pra mim, acho que tem, tipo, tudo que eu preciso."	Funcionalidade e organização espacial	Aderência da proposta às necessidades e à rotina do usuário.
V02	*"... parece ser muito aconchegante... ser confortável, assim, aconchegante."*	Ambiência perceptiva	Reconhecimento da atmosfera acolhedora e do conforto proporcionado pelo ambiente.
V03	*"Os quadros também, tudo, tudo, tudo mesmo, eu gostei, tudo!"*	Identidade visual e personalização	Reconhecimento da incorporação de referências ligadas aos interesses pessoais.
V04	*"Eu, com certeza, teria um quarto assim, facilmente, eu gostei demais."*	Validação perceptiva global	Reconhecimento global e intenção de uso do ambiente projetado.
D01	*"Só não gostei da TV no teto."* (verbalização oral durante a apresentação)	Divergência perceptiva	Desconforto relacionado à posição de visualização da televisão no teto.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nas transcrições do *workshop* e na análise de conteúdo (Bardin, 2011).

A convergência entre as verbalizações produzidas na apresentação, as observações de campo e as respostas ao formulário pós-*workshop* consolida a consistência interpretativa da validação realizada. O usuário relatou sentir-se ouvido e representado durante a atividade, reconhecendo que o projeto traduziu suas preferências com precisão. Em conjunto, as evidências indicam aderência perceptiva consistente entre o dormitório desenvolvido e as expectativas do usuário, demonstrando que a consolidação da proposta resultou não apenas da coerência funcional das soluções, mas sobretudo da capacidade do projeto de integrar referências de identidade, conforto e pertencimento reconhecidas pelo usuário como legítimas em sua experiência cotidiana do espaço.

4.4.1 Experiência dos participantes, facilidades e limites observados

As respostas produzidas pelos estudantes nos formulários pós-*workshop* compuseram parte do *corpus* analítico deste eixo, examinadas por análise de conteúdo (Bardin, 2011). A codificação das verbalizações permitiu identificar recorrências relacionadas à clareza operacional das ferramentas digitais, à interpretação das preferências do usuário e às dificuldades observadas na consolidação das decisões projetuais.

As recorrências indicam que a contribuição das ferramentas digitais não ocorreu de maneira homogênea entre os diferentes tipos de informação. Os instrumentos estruturados favoreceram maior estabilidade na interpretação das necessidades funcionais, especialmente nas definições relacionadas à rotina, à organização espacial e aos usos cotidianos do dormitório. As ferramentas visuais, por sua vez, concentraram maior relevância na externalização de conteúdos perceptivos, permitindo explicitação mais precisa de referências associadas à identidade visual, ao acolhimento e à estética desejada. As verbalizações dos estudantes (Figura 52) também indicam que a utilização integrada dos instrumentos contribuiu para a redução parcial da dispersão interpretativa normalmente presente nos momentos iniciais de levantamento das informações e elaboração do *briefing*, associando as ferramentas à ampliação da objetividade na definição das diretrizes e à maior segurança na seleção de materiais e referências.

Figura 52 - Verbalizações dos estudantes sobre utilização das ferramentas digitais no *workshop*

DIMENSÃO ANALÍTICA	VERBALIZAÇÃO REPRESENTATIVA (estudantes)	SÍNTESE INTERPRETATIVA
CLAREZA OPERACIONAL Organização das informações e identificação das necessidades.	**EDI1** *"Os questionários ajudaram a organizar melhor as necessidades antes de iniciar o projeto."* (E3 – Estudante)	Instrumentos estruturados favoreceram a estabilização inicial das informações funcionais do dormitório, ampliando a objetividade na compreensão das necessidades do usuário.
EXTERNALIZAÇÃO PERCEPTIVA Comunicação de referências visuais, ambientais e identitárias.	**EDI2** *"Os painéis ajudaram a entender melhor o estilo e o que o usuário realmente queria para o quarto."* (E1 – Estudante)	Ferramentas visuais ampliaram a comunicação de referências atmosféricas e identitárias, favorecendo a definição da linguagem visual do ambiente.
SOBRECARGA PERCEPTIVA Dificuldades na comparação e escolha entre estímulos visuais.	**EDI3** *"Algumas referências do Teste de Estilos pareciam parecidas e dificultavam escolher."* (E2 – Estudante)	Simultaneidade e proximidade entre estímulos visuais no Teste de Estilos geraram hesitações e instabilidade perceptiva durante as escolhas.
DEPENDÊNCIA INTERPRETATIVA Desigualdade na participação e consolidação das decisões projetuais.	**EDI4** *"As decisões finais acabaram ficando mais concentradas nos alunos com mais experiência."* (E4 – Estudante)	Consolidação das soluções permaneceu condicionada à experiência projetual dos participantes, evidenciando desigualdade na participação e na tomada de decisões.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos formulários pós-*workshop* e na análise de conteúdo (Bardin, 2011).

As falas indicam maior clareza operacional na organização inicial das informações da

Síntese Estruturada do *Briefing* Projetual, ao mesmo tempo em que revelam dificuldades perceptivas relacionadas à comparação de estímulos visuais e à consolidação das decisões projetuais. A Figura 53 sintetiza as principais facilidades, limites e desafios observados na utilização dos instrumentos utilizados no *workshop*.

Figura 53 - Síntese das verbalizações dos estudantes nos formulários pós-*workshop*



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos formulários pós-*workshop* e na análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Embora os estudantes tenham reconhecido clareza operacional no uso das ferramentas digitais, as observações de campo revelam que a consolidação das decisões projetuais dependeu da experiência dos participantes: as definições sobre *layout*, reorganização cromática e modelagem tridimensional recaíram principalmente sobre estudantes em estágios avançados do curso, indicando que a sistematização das informações não suprimiu a influência do repertório projetual na interpretação e na priorização das decisões. As dificuldades mais recorrentes emergiram nas etapas de validação visual e perceptiva, sobretudo durante o teste de estilos e nas definições cromáticas, nas quais a sobreposição de referências digitais e a similaridade compositiva intensificaram hesitações; o uso complementar dos cartões físicos proporcionou estabilidade perceptiva e comparações mais graduais. Os resultados sugerem que a integração entre instrumentos estruturados e ferramentas visuais ampliou a organização das informações e a clareza das diretrizes, mas a consolidação das soluções permaneceu vinculada à mediação

interpretativa dos participantes, especialmente nas decisões relativas à atmosfera, à composição visual e à validação perceptiva do ambiente.

4.5 Integração das evidências

A integração das evidências permitiu identificar padrões recorrentes entre a interpretação das necessidades do usuário, a sistematização das informações para a elaboração do *briefing* projetual, a tradução projetual e a validação da proposta. A triangulação entre registros estruturados (questionário), referências visuais (painel de preferências e teste de estilos), observações de campo, verbalizações e artefatos projetuais, conduzida segundo a lógica do estudo de caso (Yin, 2015), revelou que a estabilidade de uma diretriz não depende apenas de sua clareza no *briefing*, mas da natureza da informação que ela carrega e do modo como é confrontada com a proposta de projeto. A Figura 54 sintetiza essas variações entre conteúdos funcionais, perceptivos e visual-compositivos, bem como a mediação contínua entre ferramentas digitais, estudantes e usuário na reorganização das decisões.

Figura 54 - Níveis de estabilidade das informações ao longo do percurso projetual



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As ferramentas digitais ampliaram a organização e a clareza inicial das informações,

favorecendo maior estabilidade das definições funcionais e operacionais do dormitório. A inteligência artificial teve, nesse conjunto, papel específico: consolidou evidências dispersas em uma estrutura de *briefing* operacional e ampliou sua rastreabilidade, mas introduziu inferências não sustentadas pelas evidências e antecipou especificações, sobretudo cromáticas, que não corresponderam à percepção do usuário. As decisões sobre atmosfera, composição visual e intensidade perceptiva exigiram validações sucessivas, o que não configura falha do processo, mas característica das informações perceptivas, cuja consolidação depende da experiência do espaço representado. Delineia-se, assim, uma divisão de competências: às ferramentas digitais cabe estabilizar e tornar rastreável o que é funcional e operacional; à interpretação humana, decidir o que depende de percepção, atmosfera e experiência do espaço. É nessa articulação, e não na substituição de uma instância pela outra, que reside a contribuição das ferramentas digitais para o *briefing* projetual.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES

Este capítulo retoma o percurso desenvolvido ao longo da pesquisa e apresenta as conclusões construídas a partir da análise do estudo de caso. Parte-se da síntese dos resultados e do exame do alcance dos objetivos, para então discutir as contribuições teóricas e metodológicas do trabalho, reconhecer suas limitações e apontar perspectivas para investigações futuras. Encerra-se com a retomada das reflexões centrais sobre o papel das ferramentas digitais e da interpretação humana na elaboração do *briefing* projetual em Design de Interiores residencial.

5.1 Síntese dos resultados

Esta pesquisa investigou as contribuições do uso de ferramentas digitais destinadas ao registro de informações escritas, à curadoria visual e à sistematização mediada por inteligência artificial para a elaboração do *briefing* projetual orientado à personalização de ambientes em projetos residenciais de Design de Interiores. A partir de um estudo de caso conduzido em contexto acadêmico, acompanhou-se a transformação das informações do usuário ao longo do levantamento, da interpretação, da sistematização e da tradução projetual.

As evidências demonstraram que as ferramentas digitais ampliaram a organização, a rastreabilidade e a clareza inicial das diretrizes registradas no *briefing*. Os instrumentos estruturados favoreceram a organização das informações relativas às necessidades funcionais e operacionais do dormitório, ligadas à rotina, à circulação e ao uso cotidiano, enquanto os dispositivos visuais permitiram externalizar referências perceptivas e identitárias que dificilmente emergiriam por meio de registros verbais. Essa contribuição, contudo, não se distribuiu de maneira uniforme. As informações funcionais mantiveram estabilidade entre o levantamento e a proposta final, ao passo que as definições perceptivas, cromáticas e visual-compositivas dependeram de validação situada e de reorganização durante o desenvolvimento. A reformulação das decisões cromáticas e da intensidade visual, observada na tradução projetual, evidencia que parte das preferências do usuário não se estabiliza por meio de registros técnicos previamente organizados, revelando-se apenas quando confrontada com a representação concreta do espaço.

Os resultados indicam, ainda, que o *briefing* projetual não se constituiu como documento estático restrito às etapas iniciais, mas como instrumento de referência utilizado ao longo do desenvolvimento da proposta. As informações inicialmente levantadas foram continuamente reinterpretadas e revalidadas, em uma dinâmica entre levantamento, interpretação, sistematização

e tradução projetual. No caso analisado, o *briefing* projetual comportou-se como uma estrutura orgânica e flexível. Mais do que documento estático de transferência entre levantamento e projeto, funcionou como referência para organizar e rastrear as informações e orientar a incorporação das validações realizadas à medida que o projeto avançou.

No que se refere à inteligência artificial, sua contribuição concentrou-se na sistematização inicial das informações e na ampliação da rastreabilidade das diretrizes. A sistematização mediada por inteligência artificial não foi suficiente, entretanto, para estabilizar os conteúdos perceptivos e visual-compositivos, cuja consolidação permaneceu dependente da experiência produzida durante a visualização e a validação da proposta. Esse achado conduz à conclusão central da pesquisa. A interpretação humana não constitui uma atividade residual ou complementar do processo, mas a instância decisiva em que as informações adquirem sentido projetual. Foi a mediação exercida pelo usuário e pelos estudantes que corrigiu inferências indevidas, ajustou a correspondência entre a atmosfera desejada e a especificação técnica e converteu diretrizes organizadas em uma proposta espacial aderente às informações do usuário. A contribuição da inteligência artificial ocorre, assim, menos pela substituição da interpretação humana e mais pela ampliação da capacidade de explicitar, organizar e estruturar informações, liberando a atenção dos projetistas para as dimensões que exigem julgamento, sensibilidade e experiência situada.

5.2 Objetivos e resultados

O objetivo geral, apresentar as contribuições do uso de ferramentas digitais voltadas ao registro de informações escritas e visuais do usuário para a elaboração do *briefing* projetual orientado à personalização de ambientes em projetos residenciais de Design de Interiores, foi alcançado. O estudo de caso permitiu não apenas identificar essas contribuições, mas também qualificá-las. As ferramentas ampliaram a organização e a clareza das informações de modo desigual, conforme sua natureza. A aderência da proposta às informações e preferências do usuário não resultou apenas da sistematização, mas de sua articulação com a interpretação dos participantes, processo por meio do qual a personalização foi observada no contexto do *workshop*.

Em relação ao objetivo geral, a análise revelou uma contribuição diferenciada das ferramentas: consistente na interpretação das necessidades funcionais e na clareza das diretrizes operacionais, mas parcial nas dimensões perceptivas, cromáticas e simbólicas, que exigiram validação humana para se estabilizar. Essa assimetria, sintetizada nos níveis de estabilidade apresentados na seção 4.5, qualifica o alcance real das ferramentas e delimita as situações nas

quais a mediação humana permanece indispensável.

Os objetivos específicos, retomados a seguir, sustentam essa resposta. O primeiro objetivo, analisar a função do *briefing* projetual no Design de Interiores, foi cumprido no referencial teórico e aprofundado pela investigação empírica. As seções 2.1.3 e 2.2 delimitaram o *briefing* como instrumento de consolidação do problema projetual, matriz de decisão e recurso de rastreabilidade das informações. A investigação empírica acrescentou a esse entendimento uma dimensão pouco explicitada na literatura: essa função não é estática, mas se reconfigura ao longo do processo, comportamento observado no modo como o *briefing* foi consultado e reinterpretado durante a tradução projetual.

O segundo objetivo, mapear as ferramentas digitais de coleta de informações escritas e de curadoria visual disponíveis para aprimorar a elaboração do *briefing* projetual, foi alcançado na seção 2.3, que organizou os instrumentos segundo sua função no tratamento das informações, distinguindo a coleta estruturada, a curadoria visual e o processamento multimodal por inteligência artificial generativa. Essa classificação não permaneceu descritiva, pois orientou diretamente a seleção dos instrumentos aplicados no estudo empírico.

O terceiro objetivo, examinar, em contexto empírico, as relações entre os participantes e as ferramentas digitais no levantamento, na análise e na sistematização das informações destinadas à elaboração do *briefing* projetual, foi atendido por meio da análise dos registros do *workshop* apresentada no Capítulo 4. O *workshop* cumpriu a função metodológica de tornar observáveis relações que, na prática profissional, ocorrem em interações privadas e raramente documentadas, o que fundamenta o delineamento do estudo de caso como revelador. Os resultados demonstraram que as ferramentas não atuaram de forma autônoma, pois sua utilização dependeu de ações de seleção, comparação, interpretação e validação realizadas pelo usuário e pelos estudantes.

O quarto objetivo, identificar os principais desafios, limitações e facilidades na utilização prática das ferramentas digitais, foi cumprido nas seções 4.4 e 4.5. Entre as facilidades, destacaram-se a clareza operacional dos instrumentos estruturados e a maior objetividade na definição das diretrizes. Entre os desafios e as limitações, evidenciaram-se a sobrecarga informacional no teste de estilos, a tecnificação prematura da cor, as inferências não sustentadas da sistematização mediada por inteligência artificial e a dependência do repertório projetual dos estudantes na consolidação das decisões.

5.3 Contribuições de pesquisa

A contribuição metodológica do estudo está na articulação, em um modelo integrado, de instrumentos estruturados, ferramentas visuais e sistematização mediada por inteligência artificial aplicados às etapas iniciais do projeto residencial. O percurso desenhado, do levantamento multimodal à síntese estruturada e desta à tradução projetual, com validação do usuário ao final, encontra-se documentado nos apêndices e pode servir de ponto de partida para investigações semelhantes, desde que ajustado a cada contexto: os instrumentos foram concebidos para um dormitório e demandam adaptação a outras tipologias, e o protocolo de sistematização constitui uma primeira formulação, aberta a refinamentos que incorporem, por exemplo, etapas de validação perceptiva. O que o estudo oferece, portanto, não é um procedimento fechado, mas um caminho documentado e testado em contexto delimitado, cuja principal utilidade metodológica está em demonstrar que o processo de elaboração do *briefing* pode ser exposto à observação sistemática, condição rara na prática profissional e aproveitável por pesquisas futuras.

A contribuição teórica é o reposicionamento do *briefing* como instrumento flexível de organização das evidências projetuais, em contraposição às leituras que o reduzem a formulário de levantamento ou a documento de consolidação técnica. A pesquisa demonstrou que ele atua como instrumento elaborado a partir do levantamento, da análise e da sistematização das informações e utilizado como referência flexível durante a tradução e a validação projetual. A esse entendimento soma-se a proposição das categorias de permanências, reinterpretações e deslocamentos, construídas na análise e ancoradas na literatura do processo projetual, que oferecem a estudos futuros um vocabulário para descrever o comportamento das informações entre o *briefing* e a proposta.

Para a prática profissional, os resultados oferecem indicações úteis. Indicam quais tipos de informação registrados no *briefing* podem ser sistematizados digitalmente com ganhos de organização e rastreabilidade, especialmente os funcionais e operacionais, e quais exigem validação perceptiva com o usuário antes de qualquer especificação técnica, sobretudo os cromáticos, atmosféricos e simbólicos. Alertam, ainda, para dois riscos operacionais concretos: a sobrecarga informacional na apresentação de referências visuais e a aceitação acrítica de sínteses geradas por inteligência artificial, que tendem a preencher lacunas com soluções genéricas. Para o designer de interiores, essas indicações podem contribuir para a redução de retrabalho e para uma maior aderência entre a proposta e as expectativas do usuário.

Há, por fim, uma contribuição para a formação em Design de Interiores. A experiência do *workshop* indica que a condução estruturada do levantamento e da elaboração do *briefing*,

apoiada em instrumentos digitais e mediada criticamente, pode ser exercitada em ambiente acadêmico com ganhos observáveis para os estudantes, que vivenciaram a passagem completa da escuta do usuário à validação da proposta. O material didático produzido para a atividade, apostila, guia e cronograma, permanece disponível como ponto de partida para experiências semelhantes em outros contextos de ensino.

5.4 Limitações da pesquisa e perspectivas futuras

Como toda investigação empírica, este estudo apresenta limitações que delimitam o alcance de suas conclusões e, ao mesmo tempo, abrem caminho para novas investigações. Um primeiro conjunto refere-se ao contexto de realização. A pesquisa foi conduzida em ambiente acadêmico controlado, com a utilização de um único ambiente residencial simulado e sem a execução física da proposta desenvolvida. Concentrou-se, ainda, em um único usuário representante e em um grupo específico de estudantes em formação, condição que limita a aplicabilidade dos achados a outros contextos e recomenda cautela em sua transposição para a prática profissional, na qual variáveis contratuais, comerciais e relacionais introduzem dinâmicas não contempladas neste estudo.

Um segundo conjunto de limitações, de natureza distinta, refere-se aos instrumentos empregados e constitui, em si, resultado da investigação. O teste de estilos, quando aplicado por meio de painéis digitais em documento PDF, gerou sobrecarga informacional e dificuldade de diferenciação entre referências visualmente semelhantes, o que exigiu a complementação do suporte digital pelo uso de cartões físicos ao longo da atividade. As referências visuais apresentadas nos cartões integravam o repertório organizado no Pinterest, ferramenta digital de curadoria visual. A adaptação incidiu, portanto, sobre o suporte de apresentação e de interação com as imagens, e não sobre a origem digital do conteúdo. Esse recurso estabilizou o processo comparativo e revelou a sensibilidade do resultado ao suporte de apresentação dos estímulos. A sistematização mediada por inteligência artificial, por sua vez, apresentou limites na consolidação das informações subjetivas, pois introduziu inferências não sustentadas pelas evidências, sobretudo nas soluções de iluminação e nas ações de rápida implementação, e converteu preferências cromáticas ainda não estabilizadas em especificações técnicas que não corresponderam à percepção do usuário. Em ambos os casos, a superação dessas limitações dependeu da mediação dos estudantes e do usuário, o que reforça o achado central da pesquisa quanto à indispensabilidade da interpretação humana na consolidação das decisões projetuais.

Essas limitações não invalidam os resultados, mas circunscrevem sua interpretação e apontam direções para investigações futuras. Recomenda-se, em primeiro lugar, a aplicação de ferramentas digitais e inteligência artificial em contextos profissionais e em ambientes residenciais reais, envolvendo uma amostra ampliada de usuários e projetistas, diferentes tipologias habitacionais e situações projetuais de maior complexidade, de modo a verificar se os padrões aqui identificados se sustentam fora do ambiente acadêmico. Recomenda-se também a realização de estudos comparativos com diferentes plataformas de inteligência artificial generativa, a fim de verificar em que medida os resultados da sistematização variam conforme a tecnologia utilizada. A partir das limitações dos instrumentos, sugere-se o desenvolvimento e a avaliação de interfaces de curadoria visual que reduzam a sobrecarga perceptiva observada no teste de estilos, bem como de protocolos de sistematização que incorporem procedimentos de validação perceptiva antes de converter preferências subjetivas em especificações técnicas. Recomenda-se, por fim, o aprofundamento de estudos sobre sistemas adaptativos de *briefing* e sobre processamento multimodal aplicado à mediação das decisões projetuais, com atenção especial a uma questão que este estudo deixa em aberto: em que medida a instabilidade das informações perceptivas decorre da fragmentação dos instrumentos utilizados ou é intrínseca à dificuldade de verbalizar a experiência espacial.

5.5 Considerações finais

A investigação evidenciou que o *briefing* em Design de Interiores residencial constitui um instrumento de organização das informações projetuais e não se restringe a um documento técnico resultante do levantamento inicial de informações. As informações do usuário não permanecem estáticas ao longo do percurso projetual, mas assumem comportamentos variáveis à medida que entram em contato com representações espaciais, visualizações perceptivas e decisões sucessivas de projeto.

A incorporação de ferramentas digitais ao levantamento, à análise e à sistematização modifica as formas de explicitar, organizar e reorganizar essas informações, mas não reduz a complexidade da construção do espaço habitado. A experiência do ambiente residencial permanece vinculada a dimensões subjetivas, perceptivas e simbólicas que não se estabilizam integralmente por procedimentos automatizados. Mesmo com a ampliação dos recursos de sistematização, parte das decisões continua dependente de interpretações situadas, de reformulações progressivas e de validações humanas construídas ao longo do projeto.

É nesse ponto que reside a afirmação mais importante desta pesquisa: o valor da interpretação humana no processo projetual. As evidências demonstraram que os momentos decisivos da personalização, o reconhecimento das cores que efetivamente correspondiam às preferências do usuário, a recusa das soluções que gerariam excesso visual e a incorporação dos interesses pessoais à configuração do espaço, ocorreram nas instâncias de julgamento humano, e não nos procedimentos automatizados. À tecnologia coube organizar, explicitar e estruturar. Às pessoas envolvidas, usuário e projetistas, coube atribuir sentido, hierarquizar o que importa e reconhecer o espaço como próprio. O toque humano, longe de ser resíduo a superar, revelou-se a condição pela qual a informação se converte em habitar.

Ao acompanhar empiricamente essas transformações, o estudo contribui para deslocar leituras excessivamente lineares do processo projetual em Design de Interiores. A personalização não decorre apenas do levantamento eficiente de informações, mas da capacidade de reconhecer permanências, reinterpretações e deslocamentos enquanto as soluções se constroem. O projeto residencial não se consolida como tradução objetiva de preferências previamente definidas, mas como resultado de mediações sucessivas entre o usuário, a representação e a percepção da experiência espacial. O avanço das tecnologias digitais no Design de Interiores não elimina a dimensão interpretativa do projeto. Ao contrário, torna ainda mais necessário compreender criticamente como esses recursos participam da organização das decisões espaciais, redefinindo os modos de registrar, visualizar e articular informações no processo contemporâneo de projeto residencial.

REFERÊNCIAS

ABDELAZEEM, Amira El Sayed. Emotional interior design and its effect on stimulating place memory. **International Design Journal**, Cairo, v. 13, n. 4, p. 173-185, 2023.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTÃO, Renato Antonio; BRUM, Ana; HEEMANN, Adriano; JOO, Jaewoo. O *briefing* nas práticas de design: adoção e percepções dos designers brasileiros. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 14., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 6985-6998. (Blucher Design Proceedings, v. 10, n. 5).

BLYTH, Alastair; WORTHINGTON, John. **Managing the brief for better design**. London: Taylor & Francis, 2002.

BROWN, Tim. **Change by design**: how design thinking transforms organizations and inspires innovation. New York: Harper Business, 2009.

CASSIDY, Tracy. The mood board process modeled and understood as a qualitative design research tool. **Fashion Practice**, v. 3, n. 2, p. 225-251, 2011.

CHING, Francis D. K.; BINGGELI, Corky. **Arquitetura de interiores ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2019.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2017.

CROSS, Nigel. **Designerly ways of knowing**. London: Springer, 2006.

DENZIN, Norman K. **The research act**: a theoretical introduction to sociological methods. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.

FENG, K. J. Kevin; MCDONALD, David W. Addressing UX practitioners' challenges in designing ML applications: an interactive machine learning approach. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INTELLIGENT USER INTERFACES, 28., 2023, Sydney. **Proceedings [...]**. New York: ACM, 2023. p. 337-352.

GIBBS, Jenny. **Interior design**: a practical guide. New York: Harry N. Abrams, 2005.

GIBBS, Jenny. **Interior design**: a professional approach. 2. ed. London: Laurence King Publishing, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIMLEY, Chris; LOVE, Mimi. **The interior design reference & specification book**. Beverly: Rockport Publishers, 2014.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: design de interiores. 2. ed. São Paulo: Senac, 2009.

HIGGINS, Ian. **Planejar espaços para o design de interiores**. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

HUANG, Tracy; FREDERICKS, Joel; MAALSEN, Sophia. Interior media architecture: using social media as a tool for data informed design solutions. *In*: MEDIA ARCHITECTURE BIENNALE, 2023, Toronto. **Proceedings [...]**. New York: ACM, 2023.

JONES, J. Christopher. **Design methods**: seeds of human futures. London: Wiley-Interscience, 1970.

KOPPE, Vanessa Mazzocchi. **A slow fashion e a Teoria das Cinco Peles de Hundertwasser no desenvolvimento de uma plataforma virtual de tendências**. 2019. Dissertação (Mestrado em Design de Vestuário e Moda) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LAWSON, Bryan. **How designers think**: the design process demystified. 4. ed. Oxford: Architectural Press, 2005.

LIU, Pengfei *et al*. Pre-train, prompt, and predict: a systematic survey of prompting methods in natural language processing. **ACM Computing Surveys**, New York, v. 55, n. 9, p. 1-35, 2023.

LOBINGER, Katharina; BRANTNER, Cornelia. Picture-sorting techniques: card-sorting and Q-sort as alternative and complementary approaches in visual social research. In: PAUWELS, Luc; MANNAY, Dawn (ed.). **The SAGE handbook of visual research methods**. 2. ed. London: SAGE, 2020. p. 309–321.

LUCERO, Andrés. Framing, aligning, paradoxing, abstracting, and directing: how design mood boards work. *In*: DESIGNING INTERACTIVE SYSTEMS CONFERENCE, 2012, Newcastle. **Proceedings [...]**. New York: ACM, 2012. p. 438-447.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, Bella; HANINGTON, Bruce. **Universal methods of design**: 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas, and design effective solutions. Beverly: Rockport Publishers, 2012.

MELO, Pedrita Barreto Tavares de; TORRES, Pablo Marcel de Arruda; YAMAGUCHI, Márcia Miyuko; CUNHA, Matheus Ribeiro Leite; ALVES, Camila Lopes. Briefing em

Design de Interiores: especificidades, eixos temáticos e abordagens contemporâneas. In: ERGOTRIP DESIGN, 11., 2025, Aveiro. **Anais do ETD25 – 11.º Ergotrip Design**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2025. p. 420–428.

MORAES, Rafael R.; ALONGE, Denise B. Uma investigação ao processo de design. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, Londrina, v. 35, n. 68, p. 142-153, 2019.

MOSTARDEIRO, Martina; BERNARDES, Maurício Moreira e Silva; TEIXEIRA, Fábio Gonçalves. O *briefing* no processo de projetos nos escritórios de design de interiores. **Projética**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 25-42, 2019.

NORMAN, Donald A. **The design of everyday things**: revised and expanded edition. New York: Basic Books, 2013.
OGILVY, David. **Confessions of an advertising man**. New York: Atheneum, 1963.
OXMAN, Rivka. Theory and design in the first digital age. **Design Studies**, v. 27, n. 3, p. 229-265, 2006.

PACHECO, Beatriz. **Briefing e moodboard para design de interiores**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2023.

PHILLIPS, Peter L. **Briefing**: a gestão do projeto de design. São Paulo: Blucher, 2012.

PILE, John. **A history of interior design**. 2. ed. Hoboken: Wiley, 2005.

RADFORD, Alec *et al*. Learning transferable visual models from natural language supervision. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON MACHINE LEARNING, 38., 2021. **Proceedings [...]**. [S. l.]: PMLR, 2021. p. 8748-8763.

REIS, Marcos Roberto dos; MERINO, Eugenio Andrés Díaz. Painel semântico: revisão sistemática da literatura sobre uma ferramenta imagética de projeto voltada à definição estético-simbólica do produto. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 178–190, 2020. DOI: 10.35522/eed.v28i1.893.

ROBINSON, Sarah; PALLASMAA, Juhani (org.). **La mente in architettura**: neuroscienze, incarnazione e il futuro del design. Tradução e curadoria da edição italiana de Matteo Zambelli. Firenze: Firenze University Press, 2021.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**: an introduction to researching with visual materials. 4. ed. London: Sage, 2016.

RUI, Liang; FIRZAN, Muhammad. Emotional design of interior spaces: exploring challenges and opportunities. **Buildings**, v. 15, n. 2, art. 153, 2025.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa**: pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTOS, Aguinaldo dos (org.). **Seleção do método de pesquisa**: guia para pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba: Insight, 2018.

SANTOS, Emyle dos; SALES, Emilly Silva. A pesquisa com usuário no processo projetual de design de interiores residencial. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 14., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2022.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SPARKE, Penny. **The modern interior**. London: Reaktion Books, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFCG - CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS DE CAJAZEIRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES

Pesquisador: PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 93027725.0.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.969.095

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES sob responsabilidade de PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO (CAAE: 93027725.0.0000.5575) trata de uma pesquisa de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e descritivos. Quanto à abordagem, utiliza-se de métodos mistos (qualiquantitativos) e possui fundamentação fenomenológica, orientando-se pela estratégia metodológica do estudo de caso.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o pesquisador responsável PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO, o objetivo central da pesquisa será:

Analisar como a utilização de ferramentas digitais de coleta de informações e curadoria visual como questionários online e painéis semânticos dos usuários, contribui para a construção do briefing projetual em design de interiores residencial, com ênfase na personalização dos ambientes.

UFCG - CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS DE CAJAZEIRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador responsável PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO definiu os riscos e benefícios do projeto de forma detalhada e conforme o esperado pelo sistema CEP/CONEP.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador responsável PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO anexou os seguintes documentos ao protocolo de pesquisa:

Projeto de pesquisa detalhado
Termo de anuência
TCLE
Questionário da pesquisa
Termo de compromisso do pesquisador
Termo de compromisso de divulgação dos resultados
Cronograma
Orçamento

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES, número 93027725.0.0000.5575 e sob responsabilidade de PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO atende aos preceitos éticos recomendados para trabalhos que envolvem seres humanos e, portanto, somos favoráveis à sua APROVAÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que o relatório do presente projeto de pesquisa seja enviado a este CEP em um prazo máximo de seis meses a contar da sua data de aprovação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n Bloco: CA I, Térreo, sala: 03
Bairro Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município** CAJAZEIRAS
Telefone (83)3532-2075 **Fax:** (83)99189-7466 **E-** cepcfpufcgcz@gmail.com

UFCG - CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS DE CAJAZEIRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE

Continuação do Parecer: 7.969.095

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situaçã
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2655416.pdf	06/10/2025 10:41:49		Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_FOTOGRAFICA_TAF__assinado.pdf	06/10/2025 10:31:32	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa_detalhado_PEDRITA_TAVARES_corrigido.pdf	06/10/2025 10:30:16	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura_Pesquisa_PEDRITA_TAVARES_corrigido.pdf	06/10/2025 10:29:28	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA_PPGDESIGN_PEDRITATAVARES_assinado.pdf	25/09/2025 10:16:11	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA_IFPB_assinado.pdf	25/09/2025 09:17:01	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_PEDRITA_TAVARES.pdf	25/09/2025 09:16:40	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DA_PESQUISA_PEDRITA_TAVARES.pdf	25/09/2025 09:15:29	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_TCLE_PEDRITA TAVARES.pdf	25/09/2025 09:14:31	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DE_DIVULGACAO_DE_RESULTADOS_PEDRITATAVARES_assinado.pdf	25/09/2025 09:13:10	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADORES_PEDRITA_PABLO_assinado.pdf	25/09/2025 08:19:48	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_assinada_PEDRITATAVARES.pdf	25/09/2025 08:15:17	PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n Bloco: CA I, Térreo, sala: 03
Bairro Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município** CAJAZEIRAS
Telefone (83)3532-2075 **Fax:** (83)99189-7466 **E-** cepcfpufcgcz@gmail.com

CAJAZEIRAS, 11 de Novembro de 2025

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n Bloco: CA I, Térreo, sala: 03
Bairro Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município** CAJAZEIRAS
Telefone (83)3532-2075 **Fax:** (83)99189-7466 **E-** cepcfpufcgcz@gmail.com

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
Centro de Ciências e Tecnologia Unidade Acadêmica de Design Programa de Pós-graduação em Design Mestrado em Design

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para maiores de 18 anos ou emancipados - Resolução 466/12)

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **"*BRIEFING* PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES"**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **PEDRITA BARRETO TAVARES DE MELO**, sob a orientação do professor **DR. PABLO MARCEL DE ARRUDA TORRES**, ambos vinculados à **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN-PPG DESIGN.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. APRESENTAR:

1) **objetivo e importância da pesquisa:** analisar como ferramentas digitais de coleta e curadoria visual podem contribuir para a elaboração do *briefing* projetual em design de interiores residenciais, com foco na personalização dos ambientes. Para isso, será realizado um *workshop* prático em ambiente acadêmico, com a participação de estudantes de **Design de Interiores (EDIs)** atuando como designers, e **usuário representante (UR)** atuando como cliente simulado. A pesquisa surge da necessidade de compreender como ferramentas digitais podem melhorar o processo de elaboração do *briefing* em design de interiores residenciais, tornando-o mais eficiente e alinhado às reais necessidades dos usuários.
2) **Resultados esperados:** Espera-se que os resultados possam:
   - Oferecer subsídios para otimizar processos de *briefing* em design de interiores;
   - Contribuir para a valorização de metodologias centradas no usuário;
   - Gerar insights sobre o uso de ferramentas digitais na fase inicial de projetos.
3) **Participação e procedimentos:** Você participará de um *workshop* prático de 8 horas, dividido em duas etapas:

MANHÃ (8h às 12h):

Usuários Representantes (URs):

▶Preenchimento de questionário digital (*Google Forms*) sobre preferências, hábitos e necessidades.

▶ Criação de painéis semânticos digitais (*Canva*) para expressar preferências visuais e simbólicas.

▶ Realização de teste de estilos (seleção de imagens anônimas para identificação de afinidades estéticas).

Estudantes Designers de Interiores (EDIs):

▶ Análise preliminar dos dados coletados dos URs (questionários e painéis).

▶ Preparação de insights para a fase de desenvolvimento projetual.

TARDE (13h às 17h):

Estudantes Designers de Interiores (EDIs):

▶ Desenvolvimento de propostas conceituais de design com base nos dados dos URs.

▶ Uso de softwares de modelagem 3D (*SketchUp/Revit*) para representação das ideias.

▶ Preparação de apresentações das propostas.

Usuários Representantes (URs):

▶ Participação em entrevistas semiestruturadas sobre sua experiência com as ferramentas digitais.

▶ Colaboração na validação preliminar das diretrizes projetuais.

ATIVIDADES COMUNS A AMBOS OS GRUPOS:

Registro e Documentação:

▶ Gravações audiovisuais das interações e dinâmicas.

▶ Registros fotográficos dos artefatos produzidos (painéis, esboços, modelos 3D).

▶ Anotações em diário de campo pelo pesquisador.

Sessão Final (última hora):

▶ Apresentação das propostas pelos EDIs.

▶ Discussão coletiva sobre a eficácia das ferramentas e o alinhamento com as expectativas dos URs.

▶ Entrevistas semiestruturadas ao final do workshop com todos os participantes.

4) **Possíveis incômodos:** Durante a participação, você poderá experimentar:

- Cansaço devido à duração das atividades;
- Leve ansiedade ao expressar preferências pessoais;
- Desconforto visual pelo uso prolongado de dispositivos eletrônicos.

  Medidas de mitigação: Pausas programadas, ambiente acolhedor e liberdade para interromper a participação a qualquer momento.

5) **Riscos aos Participantes e Medidas de Mitigação:** Esta pesquisa é classificada como de riscos mínimos, conforme estabelecido pela Resolução CNS nº 466/12, envolvendo apenas desconfortos eventuais e temporários.
   - **Viés de Seleção**: A amostragem intencional pode limitar a diversidade de perfis, mas é necessária para garantir participantes com domínio em técnicas de projeto e modelagem 3D. Para mitigar este viés, incluir-se-ão estudantes em diferentes estágios de formação, idades e trajetórias acadêmicas, assegurando heterogeneidade relativa no grupo. O recrutamento será transparente quanto aos critérios de elegibilidade.
   - **Problemas técnicos:** A dependência de softwares e equipamentos eletrônicos implica risco de falhas operacionais. Como mitigação, todos os recursos serão testados previamente, e um plano com versões offline de formulários e backup de dados será implementado.
   - **Viés de resposta:** Há possibilidade de os participantes fornecerem respostas socialmente desejáveis. Para reduzir este viés, garantirá o anonimato nas análises por meio de codificação dos dados, e reforçar-se-á que não existem respostas certas ou erradas, valorizando a sinceridade.
   - **Questões Éticas e de Privacidade:** A coleta de dados exige rigor na proteção. Todos os dados serão anonimizados, identificados por códigos, armazenados em ambiente seguro e utilizados apenas para fins da pesquisa, conforme consentimento registrado nos termos de TCLE e de Uso de Imagem e Voz.
   - **Desistência ou ausência:** A saída de participantes pode impactar a integridade dos dados. Para contornar este risco, haverá uma lista de suplentes e comunicação clara durante o recrutamento sobre a importância da participação integral.

Estas medidas visam assegurar o rigor metodológico e a retidão ética do estudo, preservando a integridade e os direitos dos participantes, minimizando potenciais riscos e garantindo a confiabilidade dos resultados obtidos.

6) **Direito a esclarecimentos:** Você pode solicitar esclarecimentos sobre qualquer etapa do estudo, por e-mail ou telefone, conforme contatos ao final deste termo.

7) **Liberdade de Participação:** Sua participação é voluntária. Você pode recusar ou interromper seu envolvimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.
8) **Assistência:** A pesquisadora responsável garantirá suporte durante todo o processo, inclusive em casos de desconforto ou dúvidas.
9) **Benefícios:** Experiência prática em processos de design; contribuição para avanços metodológicos na área; feedback sobre suas preferências e o projeto desenvolvido.
10) **Confidencialidade:** Seus dados serão anonimizados (identificados por códigos) e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. Gravações e documentos serão destruídos após 5 anos.
11) **Custos e ressarcimento:** Não haverá despesas para os participantes. Eventuais custos com deslocamento ou alimentação serão previamente comunicados e ressarcidos.
12) **Cópia do termo:** Você receberá uma **cópia assinada** deste termo, com rubricas em todas as páginas.
13) **Indenização por danos:** Em caso de danos decorrentes da pesquisa, você será **indenizado** conforme previsto em lei. Entre em contato imediatamente com a pesquisadora ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).
14) **Contatos:**

Pesquisadora: Pedrita Barreto Tavares de Melo – pedritatavares@gmail.com
(83) 9 9601-4887
Orientador: Prof. Dr. Pablo Marcel de Arruda Torres – pablo@design.ufcg.edu.br
(83) 9 9696-7356

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.
Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e

independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, consequentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a NOME DO COORDENADOR DA PESQUISA, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Pedrita Barreto Tavares de Melo

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal:

Endereço Profissional:

Horário disponível:

Telefone:

Email: pedritatavares@gmail.com

Dados do CEP

Comitê de Etica em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

João Pessoa, _____/ _____ /_____

_____	_____
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal	Nome e assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO FOTOGRÁFICA (TAF)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
Centro de Ciências e Tecnologia Unidade
Acadêmica de Design Programa de Pós-graduação
em Design Mestrado em Design

TERMO DE AUTORIZAÇÃO FOTOGRÁFICA – TAF

Eu,_____, autorizo a pesquisadora Pedrita Barreto Tavares de Melo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a realizar registros fotográficos durante as atividades do workshop acadêmico referente à pesquisa intitulada: **"BRIEFING PROJETUAL EM DESIGN DE INTERIORES RESIDENCIAIS: O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA PERSONALIZAÇÃO DE AMBIENTES."**

Declaro estar ciente de que os registros fotográficos terão finalidade exclusivamente acadêmica e científica, sendo utilizados para documentação das etapas do workshop, incluindo interações entre participantes, uso das ferramentas digitais, produção dos artefatos visuais e momentos de apresentação dos projetos.

Autorizo que as imagens obtidas possam ser utilizadas em publicações científicas, apresentações acadêmicas, exposições, materiais didáticos e outros meios de divulgação relacionados à pesquisa, desde que respeitados os princípios éticos e que nenhuma imagem que exponha dados pessoais sensíveis ou comprometa a privacidade dos participantes seja divulgada sem consentimento adicional. As fotografias permanecerão sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora, sendo utilizadas exclusivamente para os fins descritos neste termo. Estou ciente de que posso solicitar, a qualquer momento, esclarecimentos sobre o uso das imagens ou revogar esta autorização, mediante comunicação formal.

João Pessoa - PB, _____/ _____/ de 2025

Nome do(a) Participante do Workshop:

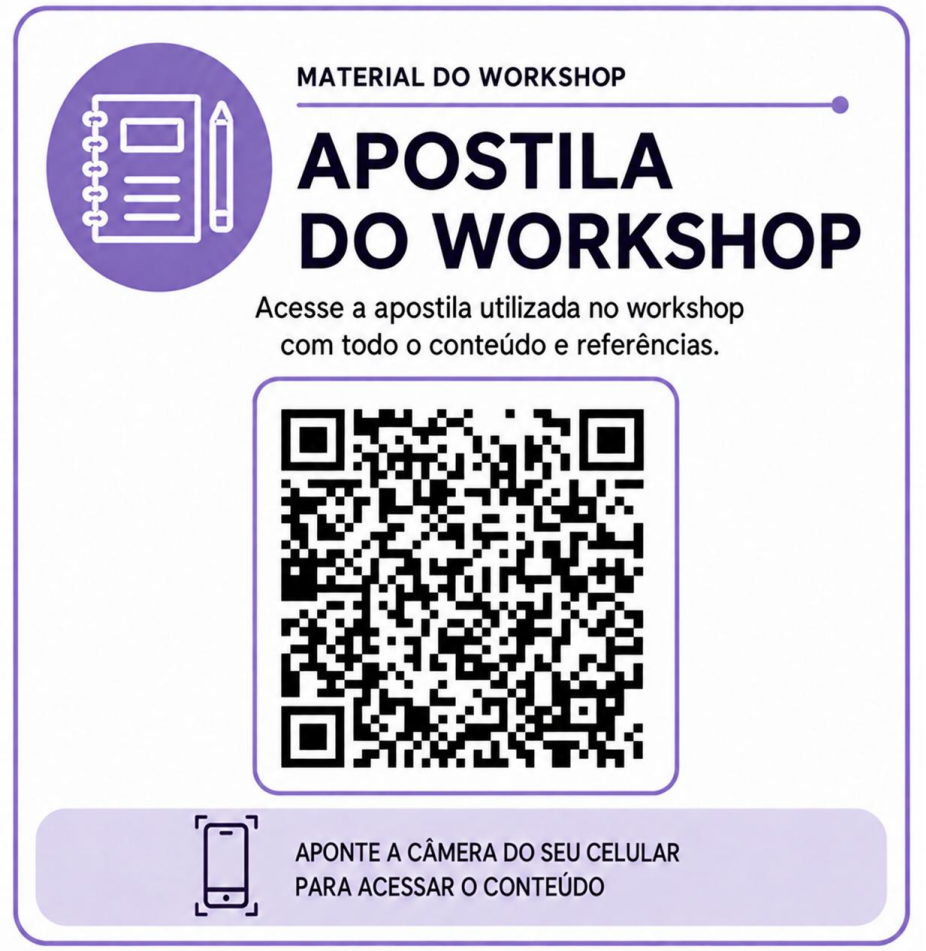
_____

Assinatura do(a) Participante do Workshop

_____

Pedrita Barreto Tavares de Melo / Pesquisadora

APÊNDICE C – APOSTILA DO *WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1X_sMKQHny0iQkyG0iY0OMhqjZ7KZvl7P/view?usp=drive_link

APÊNDICE D – GUIA DO *WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1HvlsDNErvDR36wqXwuHAVgvzodok1jeq/view?usp=drive_link

APÊNDICE E – CRONOGRAMA DO *WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1B-sCLOVdIySbJRXOL55B5EOBxxpTtnGz/view?usp=drive_link

APÊNDICE F – PROTOCOLO DE SISTEMATIZAÇÃO (*PROMPT*)



Link de acesso:

https://docs.google.com/document/d/1gVif-TDADN_OGy6JzCO-m27csez_5u7f/edit?usp=drive_link&ouid=100981510980506892956&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE G – SÍNTESE ESTRUTURADA DO BRIEFING PROJETUAL DO DORMITÓRIO



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1-DnMj4xYHmxBbVXqjJWGq2RVHS7d88Ef/view?usp=drive_link

APÊNDICE H – MODELO DE QUESTIONÁRIO COM PARTICIPANTES PÓS-*WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1zOZFm-1OLW8ntESLGhb9Qe8LjHOjKmGA/view?usp=drive_link

APÊNDICE I – MODELO QUESTIONÁRIO ESTUDANTES PÓS-*WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/18jWDipo3mel19DUYRDoZ0-9nwUJqht9s/view?usp=drive_link

APÊNDICE J – MODELO QUESTIONÁRIO COM USUÁRIO PÓS-*WORKSHOP*



Link de acesso:

https://drive.google.com/file/d/1dk60mxRa-4YIoEjcTqtntUk2oXx4_VSZ/view?usp=drive_link